Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

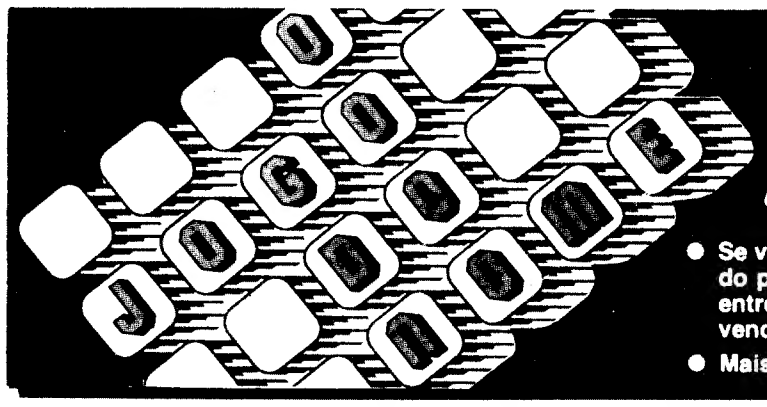
ANO 62.º N.º 20 905
Julho 1982
Sábado
17
20$00

Líbano:
EUA criticam Israel
•
Iraque
Bagdade diz controlar a situação
Págs. 12 e 13

Admitido por Balsemão depois de visita a Sines

Para o sim da Ford faltam os incentivos portugueses

Pinto Balsemão admitiu ontem que o investimento da Ford está ainda dependente dos incentivos a conceder por Portugal, que continuam por definir, afirmando, no entanto, que «a parte mais difícil das negociações» tinha sido já ultrapassada. A unidade de montagens de automóveis, em Sines, representará um investimento de 72 milhões de contos e será o principal exportador português a partir de 1986, data em que está previsto o início da produção da Ford Sines. Esta, segundo o presidente da referida multinacional, será uma das mais modernas unidades do ramo. Philip Caldwel, que ontem visitou Sines, mostrou-se «impressionado» com o complexo, esperando-se uma resposta definitiva da Ford até fim do corrente ano. Pág. 16



começa no dia 24

- Se você sair vencedor de um dos jogos, poderá, além do prémio, ganhar TRÊS LIBRAS DE OURO – se foi, entre os premiados, o primeiro a completar a linha vencedora!
- Mais explicações na pág. 12

Atenção amantes da Banda Desenhada

Alack Sinner de Muñoz e Sampayo a partir de segunda feira no DL

A partir da próxima segunda-feira, o «Diário de Lisboa» passa a publicar diariamente uma página de banda desenhada. Trata-se das «aventuras» de Alack Sinner, o detective americano criado pela dupla argentina Muñoz e Sampayo. Hoje, já na pág. 19, o desenhador francês Wolinski e Carlos Pessoa apresentam aos nossos leitores o personagem e os seus criadores.

Hoje na Política de A a Z

O CR ainda pode lançar trunfos para a mesa?

Ontem, na Televisão, Freitas do Amaral acenou aos militares garantindo-lhes que ficará defendida, através de competências reservadas, a autonomia da instituição a que pertencem. Cartas na mesa: O extinto Conselho da Revolução, na reunião post-mortem que vai realizar na segunda-feira, lançará ainda algum trunfo? Ou vai limitar-se a emoldurar, com grinaldas fúnebres de palavras ofendidas, a decisão parlamentar que lhe passou a crtidão de óbito político? Pág. 3

Carlos Antunes e Isabel do Carmo absolvidos do crime de "autoria moral"

Carlos Antunes e Isabel do Carmo foram ontem absolvidos do crime de «autoria moral» dos assaltos a duas agências bancárias – anunciou a Comissão de Solidariedade com os Presoso Políticos Anti-Fascistas (CSPA).

No julgamento, que decorreu no tribunal da Boa Hora, em Lisboa, o juiz reconheceu não existirem provas para incriminar aqueles dois dirigentes do Partido Revolucionário do Protelariado (PRP) – disse a mesma fonte.

O caso refere-se aos assaltos a uma agência bancária na Moita e a uma outra na Damaia.

«Um documento histórico que só honra quem o subscreveu» ei s como Isabel do Carmo e Carlos Antunes vêem o acórdão que os absolveu e que ontem aplicou a lei de amnistia a outros presos do PRP. Em comunicado, aqueles dirigentes do referido partido apontam «a grande vitória judicial, que justifica o combate travado pela aplicação da justiça e os sacrifícios feitos com risco da própria vida» e afirmam que «tudo isto significa que foi reposta a legalidade e que aquilo que sempre dissemos ao povo português, por vezes de maneira dramática, não era um acto de diversão, mas sim uma luta pela justiça e pelo cumprimento da legalidade».

Jaruzelski dirige mudanças no POUP

Pág. 14

Concurso «DL»/82

Com o n.º 30

ACABA HOJE A REPETIÇÃO DOS CUPÕES DA 1.ª SÉRIE

Perfil do arcebispo Paul Marcinkus

Uma carreira brilhante que inclui dois escândalos financeiros

O nome de Paul Marcinkus tem aparecido nos últimos dias nos jornais de todo o mundo, nomeadamente nos italianos, devido às suas ligações com o presidente do banco Ambrosiano, que apareceu enforcado sob a ponte dos «Blackfriars», em Londres.

Concretamente, Marcinkus teria associado o Instituto de Obras Religiosas (IOR), isto é o banco do Vaticano, às aventuras financeiras de Roberto Calvi.

Conhecido internacionalmente como organizador das viagens do Papa e presidente do IOR, Marcinkus, quando observado de mais perto, apresenta facetas complexas e a sua carreira eclesiástica tem aspectos que podem ser surpreendentes.

NASCIDO em Janeiro de 1922 em Cicero (Illinois), Marcinkus frequenta primeiro a escola paroquial ingressando, em 1935, no Seminário. É ordenado sacerdote em 1947, tendo logo depois sido designado como assistente da paróquia de Santa Cristina, em Chicago.

Em 1949 converte-se em membro do Tribunal Metropolitano (tribunal eclesiástico que se ocupa fundamentalmente das causas de nulidade matrimonial). Permanece neste cargo por pouco tempo devido ao facto de se ter transferido para Roma, em 1950, onde irá frequentar a Faculdade de Direito Canónico da Universidade Pontífica Gregoriana e, desde 1952, frequenta também a Academia Pontífica Eclesiástica, a escola onde se formam os diplomatas do Vaticano.

Começa a trabalhar na Secretaria de Estado, em Setembro de 1952, trabalho que lhe servirá de base de lançamento para cargos sempre mais importantes, que o esperam desde esse momento.

Nomeado, em Janeiro de 1955, secretário da Nunciatura Apostólica em La Paz, na Bolívia, é, um ano depois, em Setembro de 1956, enviado à delegação apostólica de Ottawa, no Canadá. Volta a Roma em Dezembro de 1959, e reincorpora-se na Secretaria de Estado, tendo sido designada, em Janeiro de 1960, secretário do Instituto para as Obras de Religião, por Paulo VI.

Em Janeiro de 1971 converte-se em presidente de Instiuto e João Paulo II, imediatamente após a sua eleição pontífica, em 24 de Novembro de 1978, confirma Marcinkus neste cargo. A 29 de Setembro de 1981 João Paulo II designa-o pró-presidente da Comissão Pontífica para o Estado da cidade do Vaticano.

A esta carreira juntam-se também títulos honoríficos que demonstram a estima de que Marcinkus foi alvo no Vaticano: Pio XII nomeou-o chambelan, título que lhe foi confirmado por João XXIII e Paulo VI, que, em 1964, o nomeou «prelado doméstico de Sua Santidade». Consagrado arcebispo, em Dezembro de 1968, foi-lhe outorgada a diocese de Orta. Desde esta data passou a ser o organizador de todos as viagens ao estrangeiro de Paulo VI e de João Paulo II.

Mas da sua brilhante carreira eclesiástica não estão ausentes partes obscuras.

«Jogo» financeiro

Quando no dia 4 de Julho passado o ex-director-geral da banca de Itália, encarregado de investigar a situação do banco Ambrosiano, se encontrou com os admnistradores laicos do IOR, demonstrou-lhes que estava em condições de provar que o Vaticano devia ao banco Ambrosiano cerca de 800 milhões de dólares, acrescentando que o IOR tinha assumido a paternidade de numerosas sociedades endividadas em 1200 milhões de dólares com o banco Andino, instituto peruano associado ao Ambrosiano.

Já em 1978 o IOR e Marcinkus foram postos em causa devido às suas ligações com o financeiro Michele Sindona, autor de um desfalque que custou aos contribuintes italianos cerca de 180 milhões de dólares. Sindona está actualmente preso em Nova Iorque.

No Vaticano debate-se neste momento a qualidade da gestão financeira dos interesses da Santa Sé e o modo de garantir uma conduta moralmente inatacável nesta matéria. Também se coloca o problema de o Vaticano dever ou não ter o seu banco próprio, segundo afirmou uma fonte digna de crédito, que considerou estar Marcinkus em condições de sair legalmente imune do caso Calvi.

Disto estará também convencido Marcinkus que declarou à agência «National Catholic Service News» (controlada por arcebispos norte-americanos): «não fiz nada que possa ser considerado como um delito». Enquanto isto, uma comissão de cardeais está a preparar um projecto de reforma do IOR e começa a falar-se de um próximo afastamento de Marcinkus do Vaticano tendo o semanário italiano «Panorama» avançado ainda a hipótese da entrada da «Opus Dei» para a direcção das finanças do Vaticano.

Cesare Milaneschi IPS/«DL»

Três peritos de finanças no Vaticano

Satisfação e dúvidas rodeiam decisão da Santa Sé

A recente decisão do Vaticano de encarregar três peritos internacionais da investigação interna sobre as ligações entre o IOR e o Banco Ambrosiano foi encarada com satisfação pelas autoridades italianas.

Uma decisão sem antecedentes, segundo fontes do Ministério do Tesouro que a consideraram também como uma resposta, ainda que indirecta, à interpelação feita ao IOR para que este assuma as suas responsabilidades no caso do fundo descoberto de 400 mil milhões de dólares do maior banco privado italiano. Funcionários da banca italiana, o Instituto Central de Crédito, referiram entretanto que a decisão do Vaticano tinha vindo romper favoravelmente o silêncio que as autoridades eclesiásticas mantinham sobre o caso IOR-Ambrosiano.

Também a Imprensa italiana se pronunciou sobre a medida agora tomada pelo Vaticano classificando-a de espectacular embora se mostre apreensiva quanto aos fins que teriam levado a Santa Sé a recorrer a «conselhos e sugestões» dos três peritos internacionais.

Existe, no entanto, uma opinião unânime de que a decisão de se realizar um inquérito às actividades do IOR responde a indicações de João Paulo II que, depois de defender largamente o «banqueiro de Deus», um dos nomes porque é conhecido Marcinkus, apareceria agora decidido a dissipar a atmosfera de dúvidas que rodeia as actividades «terrenas» da cúria.

Uma outra opinião unânime aponta para o facto de esta investigação ser um reflexo da desautorização de Marcinkus, representando o fim de um poder que parecia inamovível.

Razões da decisão

Entretanto, uma dúvida se coloca quanto à decisão tomada pelo Vaticano e que se centra na possibilidade da Santa Sé procurar na nomeação dos três «colaboradores» internacionais a sua defesa face às autoridades italianas, perante a exigência destas de que responda totalmente pelas garantias dadas, ou então, de apresentar «in extremis», à banca italiana, uma versão alternativa das relações entre o IOR e o banco Ambrosiano de modo a defender «a imagem da Igreja e do papado das ruinosas consequências dos erros de um dos seus altos funcionários».

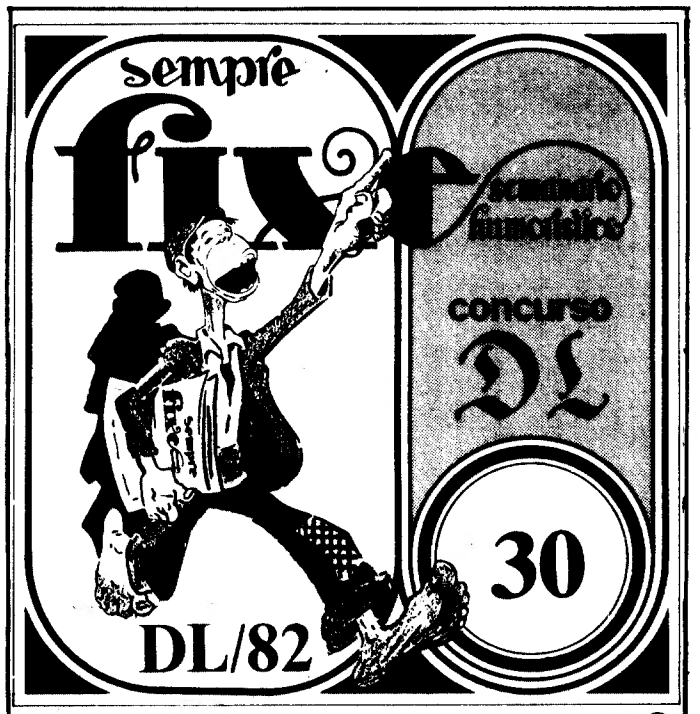
Como temos vindo a noticiar, a banca de Itália descobriu que o falecido banqueiro Roberto Calvi, presidente do banco Ambrosiano, tinha realizado uma série de operações com empresas fantasmas latino-americanas que teriam conduzido o Ambrosiano a um fundo descoberto de 400 mil milhões de dólares.

O IOR aparecia nestas operações como o garante do Ambrosiano, sendo também, por sua vez, accionista deste banco e tendo o arcebispo Marcinkus sido assinalado, pela Imprensa local, como aliado de Calvi em algumas das suas recambolescas operações.

O banco do Vaticano que, no início se negava a reconhecer as garantias dadas por ele ao Ambrosiano acabou agora por se comprometer a pagar, pelo menos 500 milhões de dólares.

A esta nova posição não serão de certo alheias pressões feitas pela banca italiana e pelo ministro do Tesouro nas quais, ao que parece, chegou a ameaçar-se Marcinkus de ser chamado perante tribunais romanos para aí responder à acusação de fraude.

Entretanto, os três comissários do banco Ambrosiano enviaram uma missiva aos peritos destacados pelo Vaticano na qual lhes oferecem toda a sua colaboração.



Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Indentificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● **O leitor deve usar apenas um boletim** por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● **O BOLETIM DE INDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de indentidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● **O PRAZO DE ENVIO** termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Pedidos pelo Correio
Podem ser atendidos, mediante pagamento antecipado, através de cheque, vale ou selos dos CTT

NÃO ENVIAMOS À COBRANÇA

EXAMES 2.ª ÉPOCA
CURSOS DE VERÃO

EXTERNATOS

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 820221/834658
(ao Chile)

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — T. 706974/5

CURSOS
GERAL – COMPLEMENTAR

política de A a Z

O Conselho da Revolução e o conselheiro Freitas do Amaral

Está anunciada, para segunda-feira, uma reunião extraordinária do Conselho da Revolução, na qual serão analisadas o modo e as imediatas consequências da sua extinção. E, ao que consta, não alimentando ilusões quanto às intenções da «direita restauracionista», nem ignorando a sua decisiva influência na orientação e na prática política da «Aliança Democrática», os conselheiros da Revolução ter-se-ão surpreendido com a linha de acção adoptada pelos socialistas do PS, com as concessões e cedências aos negociadores do PSD e às imposições do CDS.

Este partido, num comunicado excessivamente triunfalista, cantou a sua vitória. Mostrou bem quanto para o CDS representava a extinção do Conselho da Revolução. A nosso ver foi excessivo nos termos e no triunfalismo. Não que aguardemos a reunião de segunda-feira com a convicção de que o Conselho da Revolução vai retirar, das cinzas da extinção, o alento de uma nova vida, ou vai repelir os vexames, desconsiderações e calúnias, numa atitude enérgica de defesa de Abril e de reformulação das condições democráticas de transformação revolucionária responsável da sociedade portuguesa. O Conselho da Revolução na sua composição heterogénea, pesada, travado pelas hierarquias nele representadas por inerência e pelas hierarquias que lhe são exteriores condicionado, tem feito o milagre de ser mais do que um enigma político. A lógica de Abril, ou a falta de lógica de um «restauracionismo» apressado e arrogante, têm compelido o Conselho da Revolução a assumir-se, em circunstâncias precisas, como «órgão de Soberania» de origem revolucionária e de orientação antifascista.

Mas que o Conselho da Revolução se tenha surpreendido com o golpe que para o abater foi desferido e com a desolação fria das pompas fúnebres, ou com a deselegância de políticos ingratos que lhe devem a vida partidária e a própria possibilidade deste combate contra Abril, é já motivo para nos inquietarmos. Em Portugal, a «política» é uma actividade de amadores da palavra falada e escrita, de ingénuos e de manobradores, almas puras e espíritos maquiavélicos, mas para o bem e para o mal, crentes no corrente discurso político. Esquecendo o que é inadmissível -que se a palavra foi dada ao homem para os distinguir dos animais, como ensinava a cantilena dos velhíssimos livros de leitura, lhes permite uma utilização de duplo sinal: dizer a verdade e dizer a mentira.

Diz-se que se reforçam os poderes do Presidente da República quando, na realidade, se criou uma situação redutiva e uma posição institucional desprotegida e futuramente condicionada por um processo legal que o Governo decidirá (caso da lei do preocesso de funcionamento do Tribunal Constitucional; caso dos trâmites legais dos pareceres do Conselho da República). Diz-se que se caminha para a «Democracia plena» e se liberta a sociedade civil de tutela militar, criando uma situação de dependência das Forças Armadas em relação ao Executivo, que terá caracterização partidária, politicamente flutuante. Na realidade, regressa-se à situação anterior a 25 de Abril de 1974, com a falaz justificação de que é este o sistema adoptado nas democracias ocidentais. Democracias nas quais durante meio século as Forças Armadas não foram usadas, e abusadas, como a guarda pretoriana de um regime ditatorial fascista.

Na sua exposição, explicativa das disposições constitucionais aprovadas pela máquina de votar de São Bento, anunciadora das medidas legislativas que o Governo prepara, o Doutor Freitas do Amaral, com luz verde do Primeiro-Ministro, na sua qualidade de ministro da Defesa Nacional, veio, de algum modo, atenuar os termos polémicos do comunicado do CDS e prevenir reacções duras dos militares.

Não sabemos se foi sincero. Mas foi mesurado no tom, medido na forma. A mensagem era directa e controlada. Foi sua intenção transmitir aos portugueses que lhe prestaram atenção, e prevalecendo-se da expectativa dos fiéis da telenovela lusitana, uma sensação de tranquilidade e a ideia de que tudo se estava a passar no melhor dos respeitos pela «Democracia plena», essa sereia fugidia que reduz a Revolução de Abril a uma constelação de subtilezas jurídicas, a um sistema de regras formais, que a máquina de votar de São Bento vai aprovando submetida à chantagem cândida: «ou votam, ou não se faz a revisão constitucional».

Não sabemos se conseguiu convencer alguém. Se para os convencidos se limitou a falar. A tranquilidade está ausente do nosso quotidiano. A noção de normalidade, referida à «revisão constitucional», às suas combinações secretas, aos seus negócios pessoais, às suas revelações e aos seus mistérios, é cada dia mais vaga e mais débil. Em Portugal deixou de haver confiança democrática. Deixou de haver transparência democrática. Criou-se o clima nevoento, tenebroso, do negócio e do golpe.

*O líder do CDS falou. E foi o interesse político do CDS que inspirou o que disse e como o disse. Mais do que o Governo – e a sua vida a prazo – jogava o futuro do CDS na «Aliança Democrática» e o seu próprio futuro político. Diogo Freitas do Amaral sabe que o caminho para a Gomes Teixeira, por estranho que pareça, passa pelo Rato e por Belém. Uma certa compreensão por parte dos militares ser-lhe-ia favorável. Nas suas palavras não esqueceu um Firmino Miguel; um Loureiro dos Santos. Não esqueceu, também, a palavra de apreço pelo «patriotismo» (**sic**) do Partido Socialista. Não se esqueceu dos sentidos duplos, das promessas, dos conceitos – nem o de «Democracia plena» (da tutela militar libertada), nem o de «autonomia da Instituição Militar» (da supremacia civil defendida pela garantia de competências reservadas).*

Cartas postas na mesa. O extinto Conselho da Revolução, na reunião **post-mortem** *que vai realizar, lançará na mesa algum trunfo?*

Ou vai limitar-se a emoldurar, com grinaldas fúnebres de palavras ofendidas, a decisão parlamentar maioritária de lhe passar certidão de óbito político?

Os trabalhadores não são os culpados da crise

Silva Falcão

A afirmação contida no título referenciado poderá ser considerada como um lugar comum. Assim não acontece. Porque há gente que insiste em confundir a população portuguesa com interpretações demagógicas acerca da explicação do que se passa na sociedade lusa.

Que o País se encontra imerso em profunda crise económica, é facto que ninguém com um mínimo de preparação pode ignorar e este mínimo de preparação nem necessita ser elevado. Poucos negarão que diminui preocupantemente o poder de compra dos portugueses com excepção de uma reduzida minoria que se aproveita da crise, enchendo os bolsos. As pessoas reagem desfavoravelmente aos agravamentos do custo de vida, mas uma larga percentagem dessas pessoas não atentam no significado de tal agravamento. O lado preocupante não reside só nos agravamentos pontuais, mas sobretudo na dinâmica que agravará, mais e mais, a queda livre do poder de compra. Até que ponto? Até o ponto que os trabalhadores e seus aliados permitam. Só a acção das massas, unidas, poderá evitar que se mantenha uma política económica ruinosa, ditada pelo grande capital, que procura fazer recair sobre os trabalhadores e a pequena burguesia o ónus de uma crise irreversível.

Em recente intervenção na televisão portuguesa, o ministro das Finanças e do Plano, João Salgueiro, efectuou a tradução, em termos técnicos, da ideia que se pretende inculcar no espírito dos portugueses a ideia de que são os trabalhadores os culpados da crise. A chave dessa intervenção é a existência de uma carência de produtividade. As pessoas vivem tanto melhor quanto maior for a produtividade. No tempo e no espaço. Só com acréscimos de produtividade as pessoas poderão viver melhor. Os diferentes níveis de produtividade, a nível nacional, explicam que um francês ou um alemão da República Federal, por exemplo, vivam melhor que um português. Explicação falaciosa, como se verificará.

Acontece que se tem verificado em Portugal, nos últimos anos, aumentos de produtividade, o que anula pela base a demagogia de certa gente. Socorremo-nos para efeito dos números publicados pelo Banco de Portugal. Na publicação «Indicadores Económicos», indicam-se as seguintes taxas de crescimento da produtividade: 1976 – 4,2%; 1977 – 6,7%; 1978 – 2,3%; 1979 – 2%; 1980 – 4,2%;. Como se verifica, os trabalhadores não estão a produzir menos, pelo contrário estão a produzir mais. Neste caso os números «falam» por forma eloquente.

Entrementes, paralelamente a este aumento de produtividade, ocorre o fenómeno da diminuição do poder de compra dos trabalhadores. Os aumentos de produtividade têm revertido para os capitalistas. Não se trata de afirmação sem fundamento. Expliquemos.

O quinhão do rendimento nacional recebido pelos tralhadores nos anos referenciados tem diminuido, enquanto naturalmente tem aumentado o quinhão recebido pelos capitalistas. De acordo com os números do Instituto Nacional de Estatística e do Banco de Portugal as percentagens que os «Ordenados, Salários e Remunerações das Forças Armadas e do Pessoal Civil do Sector Público», representam no Rendimento Nacional tiveram a evolução seguinte: 1976 – 62,5%; 1977 – 54,6%; 1978 – 50,3%; 1979 – 47,7% e 1980 – 50,2%. Entretanto, a parte do Rendimento Nacional que reverteu para «lucros» apresentou a evolução seguinte: 1976 – 31,5%; 1977 – 35,8% 1978 – 39,3%; 1979 – 42,1% e 1980 – 40,1%.

As evoluções referidas não são inocentes, não surgem por mero acaso. Essas evoluções que a AD procura agravar, constituem um dos objectivos do Governo. Assim, no Plano a Médio Prazo dos governos Pinto Balsemão, para o período 1981-1984, consideram-se como metas a diminuição em 1981 de 1,8 pontos da parte do «Trabalho» no Rendimento Nacional e o acréscimo de 1,8 da parte do «Capital» nesse mesmo Rendimento Nacional. Há aqui uma intenção declarada.

A situação dos trabalhadores, neste contexto, é pior ainda que aquela que se depara nos outros países capitalistas da Europa. Conforme uma publicação da Comissão das Comunidades Europeias, «Economie Eupéene», a parte do «Trabalho» atingiu em 1977 71% no Reino Unido, 71% na Itália, 77,8% na Bélgica e 83,6% na França.

Como reflexos dos factos apontados, tem-se verificado a descida dos salários reais e pela forma seguinte: 1976 – 1,2% 1977 – 10,6% 1978 – 4%; 1979 – 2,0%. Em 1980 houve um aumento de 5,5%, porém como se explicou em artigo anterior esse aumento apresenta-se como fictício, agravando o problema nos anos seguintes como os portugueses sentem na pele.

Ligada com esta questão está a política governamental dos tectos salariais, estratagema com que se procura estrangular mais e mais poder de compra dos trabalhadores e da pequena burguesia, porque esta representa uma exigência, do grande capital. Este não quer ser afectado pela crise, cujos efeitos nefastos pretende transferir enquanto fordetentor do poder político. No entanto, até ao momento as forças sindicais conscientes, e estamos a pensar na Intersindical, têm-se oposto com êxito, mesmo que relativo, à consecução, na prática, dos tectos salariais.

O primeiro tecto salarial imposto no País, coube, em 1977, ao Partido Socialista, através do Decreto-Lei n.º 49-A/77. O tecto estabelecido foi de 15%, quando os preços aumentaram de 27,3%. Em 2 de Junho de 1978, peio Decreto-Lei n.º 121/78 houve a imposição do tecto salarial de 20%. No entanto, este decreto constitui numa parte apreciável uma conquista da força colectiva dos trabalhadores, pois foi diminuído o período de vigência das cláusulas dos contratos com expressão pecu-

Continua na pág 4

ponto a ponto

● **Um «facto político novo»** foi o artigo do Professor Engenheiro Henrique de Barros publicado no semanário «O Jornal». Na véspera, o «DL» tentara obter do antigo presidente da Assembleia Constituinte umas palavras que revelassem o conteúdo da proposta política que sabiamos que iria fazer. Sem nada nos dizer, disse-nos: «Já falei demais». Não era o caso. E, também, não era o caso que fosse um partidário de um «partido presidencial». Não queria antecipar-se à publicação do artigo. Hoje, declara-nos: «Agora, que saiu o artigo de «O Jornal»... poderá verificar que, efectivamente, não defendo o **partido presidencial**, antes o condeno». A proposta de Henrique de Barros – como ontem referimos – é de defesa da oportunidade de criação de um amplo partido (ou novimento, ou liga) que recrute na área global do «socialismo democrático» e que corresponda à inspiração (não traída) de um Antero, de um Sérgio.

● **Os problemas da maternidade e planeamento familiar**, bem como da interrupção da gravidez, foram ontem debatidos no Porto durante uma mesa redonda promovida pelo Movimento Democrático Português (MDP/CDE).

No debate, que decorreu no auditório da Cooperativa «Árvore», participaram, entre outros, Helena Cidade Moura, Maria Belo, Ilda Figueiredo, Manuela Carvalho e Amílcar Ribeiro.

● **O 3.º aniversário da revolução sandinista** será comemorado segunda-feira à noite no Teatro Aberto, à Praça de Espanha, em Lisboa, durante uma sessão pública em que participará um membro da FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional). Além de Roberto Garcia estarão na sessão os deputados Lopes Cardoso e Manuel Lopes e o jornalista Adelino Gomes. De uma forma solidária – como refere o Grupo de Solidariedade com a América Latina-GSAL – participarão Maria do Céu Guerra, José Mário Branco, Victorino, Zeca Afonso e Octávio Sérgio. A sessão pública de 2.ª-feira, a partir das 21 e 30, no Teatro Aberto, assinalando a data do derrube da ditadura de Somoza, reveste de particular importância política e cultural como marco ligado à história do continente e dos povos latino-americanos.

● **O coronel Hugo Rocha** assumiu ontem as funções de comandante do Regimento de Infantaria do Funchal. O novo comandante do RIF, que prestava serviço no Estado-Maior-General das Forças Armadas, desempenhou, entre outros cargos, o de secretário de Estado da Administração Interna no I Governo Constitucional, e foi chefe de gabiente do ministro da Defesa do VI Governo Constitucional.

● **A Assembleia Distrital de Coimbra do PSD** congratulou-se ontem pela «aceleração dos trabalhos na Assembleia da República, tendentes à rápida conclusão da Revisão Constitucional».

Manifestou «satisfação pela extinção do Conselho da Revolução» e pela futura intervenção do Governo na nomeação das chefias militares, «indiscutíveis vitórias das forças democráticas na consolidação de um Estado de direito».

Afirmou ainda a «sua certeza em que o PSD unido e coeso mantém intactas as virtualidades que o consagram não só como o mais representativo partido político da AD como, também, a nível nacional.»

● **A Juventude Centrista (JC)** está a comemorar o 8.º aniversário do CDS e afirmou ontem que o partido continua a funcionar na AD «com a firmeza e voluntariedade que o tem caracterizado ao longo destes anos difíceis».

Em comunicado, a Comissão Directiva da JC congratulou-se com o aniversário do CDS, «pela verificação da importância inegável que a acção dos democratas-cristãos portugueses tem tido na consolidação da democracia». O texto alude ainda às «dificuldades que ainda se perfilam no horizonte», adiantando que, «para continuar a responder ao desafio, o CDS terá que manter a vitalidade da mensagem e a eficácia e unidade na acção que caracteriza os partidos que têm o tempo a seu favor e que sabem sobrepor a convergência das opções fundamentais às dúvidas sobre questões acessórias».

● **Um grupo de sete finalistas** de engenharia da Universidade de Maputo está desde o princípio da semana a efectuar uma visita de estudo a Portugal – revelaram meios universitários. A iniciativa conta com o apoio da Direcção-Geral da Cooperação de Portugal, que garantiu alojamentos e elaborou um programa de visitas para o grupo, cujos elementos viajam acompanhados de uma assistente do curso.

● **O Executivo açoriano** vai solicitar ao Governo da República diligências com vista à abertura de negociações tendentes à revisão do acordo luso-francês sobre a base da ilha das Flores. Tal posição foi tomada em conselho do Gabinete de Mota Amaral que ontem decorreu em Ponta Delgada. No entender do Executivo açoriano, a revisão do acordo deve apontar para o aumento das contrapartidas financeiras a arrecadar para o arquipélago com a sua execução.

Entrega de estandartes e de condecorações ao corpo de Fuzileiros

Unidades de fuzileiros receberam guiões pela nova estruturação

A nova estruturação das unidades de fuzileiros foi ontem saudada com a entrega de guiões ao Comando do Corpo de Fuzilheiros e às unidades dele dependentes numa cerimónia solene, que teve lugar no Alfeite e à qual presidiu o chefe do Estado-Maior-Genral das Forças Armadas, general Melo Egídio.

O almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada, na alocução proferida aos 1600 fuzileiros presentes, após sublinhar o significado da referida cerimónia, salientou que «a configuração arquipélaga do território português impõe, de forma irrecusável, o recurso a operações de natureza anfíbea», acrescentando que «a vastidão dos mares de interesse nacional, nomeadamente da nossa zona económica exclusiva, e a necessidade de levar a acção de fiscalização e controlo ao interior das embarcações que dela façam uso por ventura abusivo, obriga, por outro lado, a que a Marinha disponha em muitas ocasiões, de elementos bem treinados para constituirem guarnições de presa».

Sousa Leitão, na mesma linha, diria ainda que a existência de unidades navais com características anfíbias adequadas derivava também da «necessidade de, em período de tensão, em tempo de guerra. ou ainda em caso de catástrofe, se proceda à movimentação de pessoal e material fora das áreas portuárias e dos desembarcadouros abrigados». dos».

Considerando pelas razões focadas «incontroversa a necessidade de na nossa Marinha existir uma componente anfíbia», Sousa Leitão afirmaria que uma das realidades «com que nos confrontamos é a insuficiência de Unidades Navais com características anfíbias», carência que será atenuada «com a entrada ao serviço, no segundo semestre de 1983, da terceira LDG (lancha de desembarque grande)».

Sousa Leitão, referindo-se ainda às carências existentes, explicou que sendo Portugal um país de recursos limitados, haveria sempre que ter presente «o compromisso entre o que se deve ter o que se pode adquirir, operar e manter. Daí a necessidade de caracterizar um corpo de fuzileiros para o assalto, ocupação e defesa dos objectivos que, na orla marítima ou no mar, interessam ao exercício do poder marítimo ou o apoio ao poder terrestre».

Segundo uma sondagem encomendada pelo Governo

Simpatia por Eanes desce no eleitorado e a AD sobe à custa da oposição

Uma sondagem da Norma encomendada pelo Governo e ontem divulgada refere que no caso de haver agora eleições, a AD reuniria 41 por cento dos sufrágios, o PS/FRS 27 e a APU 17.

A sondagem, efectuada este mês, indica que em Abril esses números eram, respectivamente, de 35, 27 e 16 por cento.

Por outro lado, continua a descer o número dos que pensam que a oposição teria condições para resolver os grandes problemas que se põem ao País – números que eram de 26 por cento em Janeiro, 19 em Abril e 17 em Julho.

A 'confiança' na oposição é cada vez menor – refere o inquérito, a propósito destes números.

A sondagem revela que se concorresse um partido de Ramalho Eanes, votaria nele 21 por cento do eleitorado AD, 67 do PS/FRS, 56 da APU, havendo 53 por cento de indecisos e 29 por cento de não votantes.

Contudo, o inquérito refere que desce claramente o número dos que estão de acordo com a actuação do Presidente da República: 48 por cento agora, contra 58 em Abril.

As quotas de conhecimento de Ramalho Eanes, Pinto Balsemão, Freitas do Amaral e Ribeiro Teles continuam muito elevadas: 99 por cento, 96, 95 e 72.

De acordo com o Inquérito da Norma, igualmente se mantém o grau de simpatia com aquelas personalidades, com alguma oscilação no que se refere a Freitas do Amaral, que desce de 37 por cento para 22, cotando-se agora que se encontra a seguir Pinto Balsemão com 27 por cento.

Ramalho Eanes desceu de 73 por cento para 71.

Se neste momento houvesse eleições gerais, do eleitorado AD em 1980, 11 por cento está agora indeciso, quatro votaria PS/FRS e sete não votaria.

Do eleitorado PS/FRS, quatro por cento está indeciso, seis votaria AD e um APU, não votando dois por cento.

E do eleitorado APU, três por cento está indeciso, quatro votaria PS/FRS e cinco não votaria.

Os eleitores que declararam votar AD, se a coligação não concorresse, distribuir-se-iam da seguinte forma: PSD 36 por cento, CDS 30, PPM zero, um não votaria, 31 não sabe e outros. 2.

O inquérito diz que a percentagem dos inquiridos que pensam que o Governo tem governado bem, bem como os que pensam que tem governado nem bem nem mal, sobe em relação à sondagem anterior e desce, pelo contrário, o número dos que pensam que tem governado mal **(bem 16/15 por cento, nem bem nem mal** 33/30 e MAL 17/22.

Metade dos inquiridos que exprimem opinião sobre a matéria, continuam a pensar que o Governo vai durar até ao fim de 1984, embora tal percentagem seja um pouco inferior à de Abril, mas superior à de Janeiro: 23 por cento, 34 e 23, respectivamente.

Quanto aos aspectos que deveriam ser considerados prioritários pelo Governo, o inquérito diz que continuam a ser, em primeiro lugar, o custo de vida e a habitação (66 e 53 por cento) em terceiro lugar o desemprego (51 por cento) e a saúde, que desce de terceiro para quarto lugar (46 por cento).

De acordo com os resultados da análise, embora se mantenha uma leve descida do número dos que acreditam que o Governo está em condições de resolver os grandes problemas que se põem ao País (35, 34 e 35 por cento em Janeiro, Abril e Julho), desce claramente o número dos que acham que o Governo não reúne tais condições (45, 43 e 39 por cento).

Freitas do Amaral na TV para militar ver

Defesa é só para o "inimigo externo"

Numa claríssima jogada de antecipação às reacções que possam surgir quanto às questões militares alvo de revisão constitucional no âmbito do projecto AD, Freitas do Amaral foi ontem à Televisão fazer uma operação de «charme» para os militares. Fê-lo desta vez com uma grande «doçura» e a pílula que mostrou ao País vinha tão dourada que facilmente se pode adivinhar como será amarga se tivermos que a tomar.

Oficialmente aquele membro do Governo veio falar sobre «A extinção do Conselho da Revolução e a preparação da legislação sobre o Tribunal Constitucional e a defesa nacional».

Sobre a extinção do CR Freitas do Amaral considerou juntamente com a atribuição da competência para nomear e exonerar os chefes de Estado-Maior ao Presidente da República sob proposta do Governo «têm o significado profundo de consagrar finalmente a democracia plena em Portugal, depois de meio século de ditadura e de oito anos de transição em democracia vigiada».

Freitas abordou alguns problemas que na sua óptica resultam da extinção do CR, mas não comentou o seu desaparecimento ou a sua actuação porque «outras entidades o fizeram ou farão noutros lugares». A sua comunicação tinha apenas por fim «informar o País» no quadro das responsabilidades que lhe haviam sido confiadas pelo Primeiro-Ministro sobre o que o Governo já fez e tenciona fazer para preparar devidamente o novo período que se avizinha, subsequente à revisão constitucional».

Quanto aos aspectos administrativos como os que resultam de «um departamento burocrático denominado Serviços de Apoio ao Conselho da Revolução» que «como não pode deixar de ser será oportunamente extinto», não há problemas. O ministro diz que os direitos adquiridos pelo seu pessoal serão respeitados, estando pronto um projecto de decreto-lei que regulará a sua colocação nos serviços públicos existentes.

Outra questão tem a ver com o melindroso problema dos Serviços de Extinção da PIDE/DGS. Segundo Freitas do Amaral «é entendimento» do Governo que não deveria tal serviço ficar no futuro onde está, ou seja, na dependência do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. «O ideal seria que podesse concluir a sua missão e ser extinto até à cessação de funções do Conselho da Revolução». O Governo «preferiria não ter que ficar com esse serviço na sua dependência».

Todavia, para Freitas do Amaral, põe-se um problema: «o destino e guarda dos documentos do Serviço de Extinção da PIDE/DGS, bem como dos ficheiros e arquivos dessa polícia política. Se a Assembleia da República não tomar a iniciativa de providenciar sobre a matéria, o Governo consultará todos os partidos nela representados sobre a melhor forma de resolver o problema em completa transparência democrática e com todas as cautelas necessárias».

Sobre o Tribunal Constitucional, Freitas do Amaral informou que o Governo já promoveu a elaboração da Lei Orgânica do Tribunal Constitucional e da lei reguladora do processo de fiscalização da constitucionalidade perante o mesmo tribunal. E «parecendo óbvio» que «um tribunal independente» não poderia ficar definitivamente no Estado-Maior-General das Forças Armadas – onde até aqui tem funcionado – o Governo adquiriu um edifício condigno para o efeito e tudo se fará para que o início das funções do Tribunal Constitucional, previsto para o próximo Outono, já tenha sede própria.

A propósito da subordinação das Forças Armadas ao poder político trata-se afinal de «cumprir as promessas do 25 de Abril, fazer de Portugal uma democracia plena», sublinhou o ministro da Defesa. «Não se trata, ao contrário do que malevolamente se insinua, de decretar a submissão das Forças Armadas a qualquer indivíduo, grupo ou partido, mas de estabelecer a inserção orgânica da instituição militar no Estado democrático, através da subordinação funcional das Forças Armadas ao Poder legítimo».

Freitas do Amaral referiu-se também com detalhe à «Lei da Defesa Nacional» que será proposta à AR logo a seguir à publicação da lei da revisão constitucional.

Aqui surge uma viragem de 180 graus. Até há bem pouco tempo Freitas do Amaral centrava as suas principais preocupações no «inimigo interno». Agora diz que sabe que «alguns especialistas preconizam um conceito mais amplo de defesa, que abrange também a ameaça interna», mas o Governo inclina-se para a noção de que o conceito de defesa nacional «é o de uma actividade desenvolvida pelo Estado e pelos cidadãos no sentido de preservar a liberdade, a segurança e a sobrevivência da Nação perante qualquer ameaça exterior».

Este posicionamento resulta do facto de a noção perfilhada pelo Governo ser a que vigora nos países da NATO,

Os trabalhadores não são os culpados da crise

Continuação da pág. 3

niária de 18 para 12 meses. Em 28 de Fevereiro de 1979 (Decreto-Lei n.º 34/79), o Governo Mota Pinto quis impor o tecto salarial de 18% que não foi ratificado pela Assembleia da República, por força dos representantes das organização válidas dos trabalhadores. As tentativas não ficaram no entanto por aqui. Reconheça-se que as forças reaccionárias são obstinadas e não desarmam com facilidade. Em 1980, o 1.º Governo AD tentou o tecto salarial de 18%, o 2.º Governo AD tentou o tecto de 16% e finalmente a triste dupla Pinto Balsemão-Freitas do Amaral lançou a ideia de um tecto de 17%. Até o momento nenhum dos governos de direita conseguiu impor, pelo menos na sua totalidade, um tecto salarial. As tentativas feitas apenas tiveram sucesso em sectores onde falta, por vezes a capacidade de luta organizada, casos de alguns sectores de serviços. Registe-se a violência relativa que está a ser praticada sobre os agentes da função pública, forçados a aceitar por forma unilateral aumentos de remunerações longe das taxas de inflação.

Concluímos pela afirmação da necessidade de incrementar as taxas de aumento da produtividade média. Simplesmente, os acréscimos a verificar deverão reverter para os trabalhadores, por motivos óbvios. Simplesmente não é na falta de aplicação dos trabalhadores que assenta a crise de uma economia à beira da rotura. O que que certas forças pretendem quando se referem à necessidade de aumentar a produtividade, não é a resolução dos problemas económicos nem a melhoria dos padrões de nível de vida das populações, mas apenas e somente acréscimos da taxa de lucro. A luta de classes existe. É vivida no dia-a-dia, embora forças do obscurantismo procurem lançar poeira aos olhos dos incautos.

Álvaro Cunhal ontem no Palácio de Cristal

Não pode haver unidade com um PS enganado e não receamos formação de novos partidos

PORTO, 17 – No comício efectuado ontem à noite no Palácio de Cristal do Porto, Álvaro Cunhal, comentou em termos particularmente duros os últimos acontecimentos da nossa vida política, nomeadamente em torno das revisão constitucional e dirigiu críticas muito violentas quer à AD e seu Governo quer ao PS e Mário Soares pelas suas recentes posições na AR. O secretário-geral do PCP renovou a posição do seu partido quanto à saída para a crise económica, social e política que o País atravessa, reclamando, assim, a dissolução do Governo e da AR, a constituição de um Governo de gestão e a realização de eleições antecipadas no prazo constitucional de 90 dias. No comício estiveram presentes o presidente do Partido Comunista da RFA, Herbert Mies e ainda um membro do respectivo politburo.

Na análise do actual momento político, as palavras de Álvaro Cunhal dirigiram-se sobretudo para a situação económica e política do País, com particular incidência na revisão constitucional e nas posições do PS neste campo. Assim, recordou a situação agrícola, a inflação, o défice da balança comercial, as dívidas do País e as dívidas ao estrangeiro e afirmou «o desastre económico e a proximidade da ruptura e da bancarrota» que serão pagos pelo povo «atingem gravemente a nossa independência e o nosso futuro» só têm uma explicação: «A política do Governo AD contra a Constituição».

Punhalada

Álvaro Cunhal recordou a acusação já em tempos feita sobre os acordos entre o PS e a AD e referiu o recente episódio na AR «com os deputados da AD a porem as cartas na mesa e a confirmarem que os acordos existiam». Considerou depois as disposições transitórias sobre o Tribunal Constitucional e as Forças Armadas «não apenas um atentato político» do PS e da AD mas também «um escândalo jurídico, um desafio à inteligência e à dignidade dos homens e das instituições». Acusou de seguida a Comissão Permanente do PS de ter distribuido «um comunicado do mais grosseiro anticomunismo» e que, sendo certa a revisão da Constituição viola, entre outros, o Artigo 290.º. Álvaro Cunhal considerou o comunicado do PS como «um retrato da desvergonha, do impudor e da provocação ideológica a que desceu a direcção de um partido que, afirmando-se democrático, devia pelo menos respeitar a verdade, tomar a responsabilidade das próprias decisões e atitudes e ter a coragem de defendê-las diante do nosso povo».

Tudo isto, acrescentou Álvaro Cunhal, são «manigâncias nos bastidores» com os deputados do PS e da AD a votarem juntos as alterações à Constituição, em suma uma votação que «ficará para sempre na história como uma punhalada na democracia portuguesa, em que o PS aparece como cúmplice das forças contra-revolucionárias».

Que unidade?

O secretário-geral do PCP referiu-se ainda à impossibilidade de «o PS sozinho ou como força central constituir alternativa para o Governo AD» e acrescentou: «Sempre afirmámos que a unidade de comunistas e socialistas é particularmente importante». Porém, esclareceu, «ninguém supõe possível que a unidade de comunistas e socialistas possa, neste momento, significar o entendimento, acção comum e a unidade com Mário Soares e o seu grupo ou com um PS enganado, comandado e coagido precisamente por essa direcção».

Na parte final do seu discurso, o secretário-geral do PCP enalteceu o contributo das outras forças políticas democráticas, desde o MDP aos independentes e aos democratas sem partido e acrescentou que o PCP «não tem receio da criação de novos partidos» pois «os partidos existentes incluindo o nosso, não têm o monopólio da vida política» e isso «será certamente positivo para a democracia». Álvaro Cunhal concluiu com a afirmação de que «Portugal reclama que a AD saia do poder» e dirigiu uma saudação à «gloriosa CGTP-Intersindical Nacional» com a certeza de que «isto está complicado mas a AD vai para a rua, tenhamos confiança camaradas».

Expressamente confidencial

- Não foi possível obter confirmação do anunciado almoço, num restaurante da capital, oferecido ao jornalista Nuno Rocha pelo dr. Francisco Pinto Balsemão, desejoso de se informar da situação no interior do PSD.
- De passagem por Lisboa, o dr. Mário Soares, vice-presidente da Internacional Socialista, prestou uma colaboração decisiva aos deputados Nunes de Almeida e Almeida Santos para a concretização da votação do grupo parlamentar do Partido Socialista e para que este cumprisse o que lhe era imposto pelo CDS.
- O deputado Casqueiro está desolado, garantem-nos pessoas bem informadas, porque o professor Freitas do Amaral se recusa a dar-lhe conselhos. Diz-se que ficou escaldado com os conselhos a Eurico de Melo e Cavaco Silva.
- O dr. Francisco Balsemão anda desconfiado – consta na Gomes Teixeira – com os silêncios de António Capucho e de Nascimento Rodrigues. Por seu turno, estes, dizem pessoas que os acompanham de perto, não parecem entusiasmados com a palavra fácil e a imaginação livre do ministro Marcelo Rebelo de Sousa.
- Não é verdade que nos dias que passou em Lisboa, no intervalo de missões da Internacional Socialista, o dr. Mário Soares se tivesse avistado com os dirigentes nacionais do PPM com vista a estabelecer um acordo institucional. Os dirigentes do PPM – podemos garantir de fonte próxima do Rato – apoiarão uma candidatura à Presidência da República desde que, em países do Mercado Comum, seja encontrada uma «menina» conveniente para contrair matrimónio com o militante cooperativista D. Duarte João Pio.
- Um político acordou em sobressalto, e exclamou: «Já estão generais em Braga!». Coisas de pesadelo e má informação. Quem estava em Braga era o dr. Francisco Zenha, a jantar. Bem acompanhado.
- O general Ramalho Eanes, segundo fontes próximas de Belém, ainda não teve oportunidade para ler o artigo sobre a eventual criação de um novo partido político, publicado, no semanário «O Jornal», pelo professor engenheiro Henrique de Barros. Também não tomou conhecimento das últimas declarações públicas do engenheiro José Rabaça.

Comissão Permanente socialista acusa

Eanes "continua a bloquear diálogo com o PS"

Um comunicado da Comissão Permanente do PS ontem tornado público critica o Presidente da República por ter recebido o prof. Freitas do Amaral.

Os dirigentes socialistas constataram «o facto de irrecusável significado político de o Presidente da República ter recebido o presidente do CDS, continuando porém a não dar resposta positiva aos pedidos de audiência formulados pelo Partido Socialista desde há dois meses».

Isto significa, no entender da Comissão Permanente do PS que Ramalho Eanes «continua unilateralmente a bloquear o diálogo com o Partido Socialista, que a esmagadora maioria da opinião pública considera como necessário face à gravidade da situação económica e social portuguesa e aos impasses políticos que se verificam».

Outro alvo da Comissão Permanente do PS é o PCP e, por tabela, a Intersindical.

Depois de se congratular com o andamento do processo de revisão constitucional, aquele órgão de direcção socialista registou «o insucesso e a fraca adesão popular que teve a manifestação de inadmissível pressão sobre a Assembleia da República convocada pelas direcções do PCP e da CGTP-IN».

Segundo o PS, «a política sectária prosseguida pelos dirigentes do PCP continuando a manipular as estruturas sindicais e a sua desesperada estratégia de obstrução da revisão constitucional deparam com um apoio decrescente e cada vez mais minoritário entre os trabalhadores e o povo português».

Por fim, no comunicado da Comissão Permanente a que nos temos referido, anuncia-se a convocação para o próximo dia 23 deste mês de uma reunião da Comissão Política do PS, que antecederá a reunião da Comissão Nacional, marcada para 24.

Jorge Campinos está contra regime constitucional transitório

O socialista Jorge Campinos revelou hoje em declarações publicadas pelo matutino «Portugal Hoje», que não está de acordo com o regime transitório aprovado no Parlamento, que transfere para o Presidente da República os poderes de fiscalização da Constituição que pertenciam ao Conselho da Revolução.

Num depoimento longo, em que começa por negar ter-se solidarizado, pessoalmente, com os três deputados que suspenderam o mandato (Alegre, Tito de Morais e Gomes Fernandes), Jorge Campinos enuncia nove razões para se opor ao acordo.

Juridicamente, o acordo é considerado de «duvidosa constitucionalidade», por afastar o Conselho da Revolução do processo de revisão, em sentido amplo, ao contrário do que seriam os desejos do poder constituinte originário de 1976.

Condenável seria também porque esquece o Pacto MFA;partidos, fonte fundamental da Constituição.

Outras razões aduzidas por Jorge Campinos que foi, recorde-se, membro da Comissão Constitucional, residem no facto de a negociação do regime transitório retirar poder negocial ao PS, que não teria nenhuma necessidade de aceder a exigências do CDS, nem assumiu, como objectivo essencial, a necessidade de extinguir o Conselho da Revolução.

Campinos considera também despropositado que se estabeleça aquele regime, «inopinado voto de desconfiança», depois de publicamente se ter elogiado o Conselho da Revolução no Parlamento e considera «contraproducente» que se outorguem ao Presidente «verdadeiros poderes excepcionais em matéria de controlo da constitucionalidade».

MADEIRA
ESTADIAS SEMANAIS
• 7 DIAS – SEGUNDAS
• 8 DIAS – SÁBADOS
PREÇOS DESDE: 10.950$
AVIÃO + HOTEL + TRASF. + ASSIST.
POSSIBILIDADE DE PARTIDAS DIÁRIAS
EXCLUSIVO TOURS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

BENELUX
AVIÃO + AUTOPULLMAN
PARIS, BRUXELAS, AMSTERDÃO
COLÓNIA, LUXEMBURGO, ETC.
E UM INESQUECÍVEL
CRUZEIRO NO RENO
8 DIAS/SÁBADOS
PREÇO: 38.950$
GUIA ACOMPANHANTE PORTUGUÊS
PARTIDAS GARANTIDAS!
EXCLUSIVO TOURS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

motociclista
ACENDA OS MÉDIOS
mesmo durante o dia
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO-DSR

LISBOA E PORTO

A partir de 17 de Julho, são alterados grande parte dos indicativos de acesso a Lisboa e Porto.

Esta mudança está incluida na 3.ª fase do plano de alterações exigido pela modernização da Rede Telefónica Interurbana a que os CTT têm vindo a proceder.

Antes de efectuar qualquer ligação interurbana consulte o folheto "Novos Indicativos" já enviado pelo correio a todos os assinantes.

PARA LISBOA

Do Porto	01
De Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta	081
De Velas e Sta. Cruz das Flores	0081
De Coimbra e Torres Vedras	8
Dos restantes Grupos de Redes do Continente e Madeira	01

PARA PORTO

De Lisboa	02
De Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta	082
De Velas e Sta. Cruz das Flores	0082
De Trofa	49
De Famalicão e S. João da Madeira	8
Dos restantes Grupos de Redes do Continente e Madeira	02

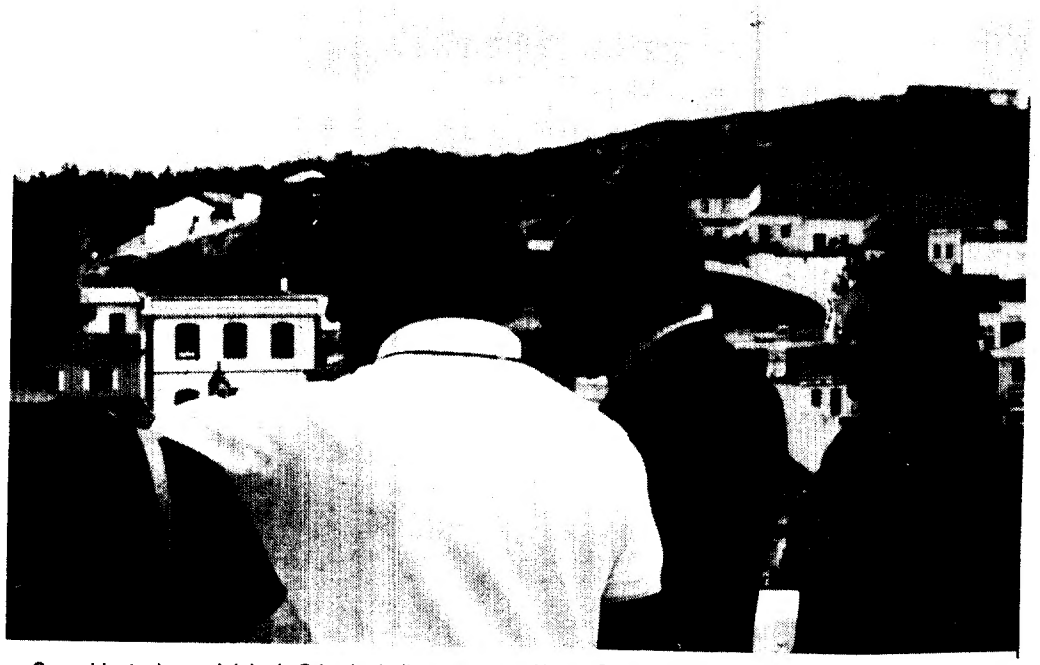
AJUDE-NOS A SERVI-LO MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE

TELECOMUNICAÇÕES
CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Odemira: um concelho que é um exemplo

Os viajantes que passam de automóvel junto à vila e atravessam o rio a caminho do Algarve não dão por nada. Não suspeitam o que está por detrás dos morros que a escondem. Julgam que se trata apenas de uma vilória de província igual a tantas outras. Odemira é porém muito mais do que isso.

Além de ser a sede do maior concelho do País, é o centro de uma experiência autárquica a todos os títulos notável. Em estreito contacto com a população, uma equipa de sete homens desenvolve aí uma actividade entusiástica que tem transformado o rosto da vila e do concelho.



O presidente do município de Odemira indica ao general Vasco Gonçalves e a sua esposa as obras camarárias em curso na vila

«Em seis anos fizeram mais do que os fascistas em 50», *afirma-nos um velho tirador de cortiça alentejano.*

Com os seus 1727 quilómetros quadrados e apresentando carências de toda a ordem, Odemira não é um concelho fácil. A ausência de infra-estruturas económicas, nomeadamente de estradas e de indústrias, é quase total. As suas terras aráveis, quando não são de difícil acesso e perdidas nas serras, que ocupam grande parte da sua superfície, são quase sempre arenosas e pouco produtivas. A população, apesar de laboriosa, é escassa e encontra-se muito dispersa.

No total são pouco mais de 30 mil pessoas, muitas delas espalhadas por montes isolados e arredados das povoações. A densidade populacional ronda os 19 habitantes por quilómetro quadrado e a taxa de analfabetismo é muito elevada. Nalgumas zonas recuadas da serra ultrapassa largamente os quarenta por cento.

As dificuldades de comunicação são enormes, havendo regiões onde são necessárias horas e horas de caminho para chegar ao telefone mais próximo. Ainda há doentes que têm que ser transportados no dorso das bestas por montes e vales e até há meia dúzia de anos o número de partos sem assistência atingia os 75 por cento.

Muitas crianças vêem-se obrigadas a percorrer a pé cinco e mais quilómetros por dia para chegarem à escola.

O edifício em acabamento é o moderno Lar do Estudante construído graças à iniciativa da edilidade

A vontade do homem

As condições naturais, relacionadas com a extensão, o relevo e a natureza dos solos são decerto adversas ao desenvolvimento económico, social e cultural. Mas é justamente perante tais dificuldades que a vontade dos homens se torna ainda mais determinante, como nos sublinhou um autarca local.

Com um executivo municipal composto por cinco vereadores APU, um PS e um PSD, o concelho tem realizado progressos que deixam de boca aberta qualquer visitante atento. Habituados que estamos à falta de iniciativas e às quezílias políticas paralisantes, a capacidade de realização e o sentido de bem servir a comunidade (para lá das divergências partidárias e dos entraves burocráticos) evidenciados pelos homens de Odemira, são de facto espantosos.

Em seis anos construíram-se mais de duzentos quilómetros de estradas alcatroadas e estão actualmente em construção mais algumas dezenas. Electrificaram-se mais de 60 localidades, quando até 1977 só 19 é que tinham posto de lado a candeia ou o petróleo. Muitas outras foram abastecidas de água ao domicílio e dotadas de redes de esgotos. Ergueram-se centros culturais e sociais que são autênticos modelos. Construíram-se balneários públicos e outros equipamentos sociais. Disciplinou-se a construção de casas e realizaram-se planos de urbanização...

O ambiente de colaboração reinante entre a totalidade dos vereadores e o papel dinamizador desempenhado pelo presidente, dr. Justino dos Santos, são em grande parte responsáveis pelos êxitos alcançados. As juntas de freguesia (todas de maioria APU, à excepção da de Santa Clara-a-Velha, que é PS) e as numerosas comissões de moradores que continuam a dar corpo à iniciativa popular constituem outros tantos elementos-chave do verdadeiro milagre que está a acontecer na região.

Ao contrário do que sucede em muitos outros pontos do País, a unanimidade é total acerca da obra que o município tem realizado e do importante papel desempenhado pelo seu presidente. Na verdade, não é frequente ouvir dizer a um eleito do PS que «se o presidente (militante do PCP) precisar do meu voto para ser reeleito, pode contar com ele». Mais raro ainda é ver um membro do PSD, com responsabilidades políticas a nível local, contestar que o presidente tenha sido eleito pela APU com o argumento de que muita gente do PS e da AD nele votou?

O presidente de todos

Justino dos Santos é, de facto, um homem que todos querem continuar a ver à frente do concelho. Médico, nascido na Madeira, veio para Odemira já depois do 25 de Abril. Desenvolveu aí a sua actividade no âmbito do serviço médico à periferia, conquistou a simpatia geral, e acabou por ser eleito presidente da câmara em 1976, sendo reeleito em 1979.

Com uma capacidade de relacionamento inigualável e um trato afectuoso, conhece palmo a palmo e monte a monte um concelho que tem mais do dobro da superfície da sua ilha natal.

Nas ruas da vila, ou à saída de uma qualquer «venda» perdida na serra, as pessoas dirigem-se a ele dando uma opinião, recordando um assunto a resolver ou, simplesmente, saudando-o como a um amigo.

Apesar de trabalhar dia e noite nas tarefas que a gestão de um concelho desta dimensão implica, Justino dos Santos ainda arranja tempo, quando isso é absolutamente necessário, para fazer aquilo que mais gosta de fazer: exercer a sua profissão de médico.

Mas o presidente não está só. Com ele trabalham 6 devotados vereadores que fazem do executivo camarário uma equipa eficiente e pragmática. «Resolver os problemas a tempo e horas» parece ser o seu lema.

E os resultados são visíveis e inconstestáveis.

Convite a Vasco Gonçalves

O próprio vereador do PSD, senhor Balsinha, reconhece a validade do trabalho desenvolvido e afirma que apesar das divergências políticas muito tem sido feito.

Neste aspecto, em que sobressai um salutar conceito de vivência democrática, não deixa de ser significativo o apoio dado por todos os vereadores a um recente convite do presidente ao general Vasco Gonçalves. Tendo em conta a estima em que o general é tido pelos odemirenses, o dr. Justino dos Santos convidou-o a visitar o concelho durante dois dias, juntamente com a esposa.

No primeiro dia os eleitos pelo PS e pelo PSD acompanharam os visitantes tendo inclusivamente almoçado com eles em casa de um dos membros da Comissão de Pescadores da Azenha do Mar (entre Odeceixe e a praia da Zambujeira). No dia seguinte, o presidente da Junta da Freguesia de Santa Clara-a-Velha e outros eleitos do PS, estiveram presentes com o general Vasco Gonçalves num jantar que se realizou na Unidade Colectiva de Produção 1918, em Vale de Santiago.

Mas não é só na relação entre autarcas dos diferentes partidos que se sente o espírito de tolerância política e de sã convivência democrática que impera em Odemira. Também nas vias seguidas para resolver os problemas da terra se reconhece a ausência de sectarismo e o desejo de ultrapassar barreiras ideológicas.

Creche de freiras

Que outra ilação se pode extrair do apoio prestado pela Câmara a uma creche dirigida por freiras que é o espelho da vila? Tudo começou quando o presidente médico foi um dia chamado para assistir a uma irmã que tinha esfacelado uma perna no soalho apodrecido do velho palacete.

Oferecido em tempos a uma ordem religiosa, o casarão servia de creche a uma escassa vintena de crianças enquanto as suas instalações se degradavam de dia para dia. Por sugestão do presidente da câmara, as religiosas apresentaram um tímido projecto de obras que envolvia despesas de apenas quarenta contos. Desse projecto nasceu uma cooperação que levou a um importante apoio material e financeiro da câmara.

Obtiveram-se financiamentos de diversas entidades e acabaram por se gastar cerca de 14 mil contos transformando a velha e única creche da Vila numa instituição exemplar com capacidade para mais de duzentas crianças. Poucas creches particulares, daquelas em que meio salário às vezes não basta para pagar uma mensalidade, se poderão orgulhar de oferecer as condições do Jardim de Infância de Nossa Senhora da Piedade. Desde o equipamento pedagógico, às instalações, à decoração, ao pessoal, à alimentação e aos jardins, tudo é exemplar! As mensalidades variam com os rendimentos das famílias e há crianças que pagam quantitativos verdadeiramente simbólicos. Actualmente frequentam a creche mais de uma centena de crianças e Odemira tem o problema resolvido com a colaboração entre as religiosas e a câmara APU.

Mas as preocupações do executivo estendem-se a todos os aspectos da vida local. Dentro de pouco tempo estará terminado um vasto e moderno mercado municipal que responde a uma velha aspiração da população. O seu custo elevar-se-á a quase 80 mil contos e as suas instalações incluem balneários públicos e um refeitório para os vendedores. No projecto foi também prevista a construção de uma área coberta que funcionará como zona de mercado livre.

Lar do estudante

Uma outra obra de grande importância que estará concluída dentro de dois meses é o Lar do Estudante em cuja construção a câmara se empenhou com afinco. No lar, que no dizer do dr. Justino dos Santos é um **autêntico hotel de cinco estrelas para as crianças** poderão ser alojados cerca de 150 rapazes e raparigas do ensino secundário. A sua gestão será assegurada pelo IASE, mas a propriedade é do município.

Em todo o concelho só há uma escola secundária, deslocando-se diariamente para Odemira mais de 700 crianças.

Algumas percorrem mais de 120 quilómetros de camioneta por dia para frequentar a escola.

Mas os responsáveis não se limitaram a resolver o problema do alojamento. Junto ao edifício que tem o telhado coberto de painéis solares, está já em funcionamento um centro desportivo e cultural que servirá de apoio aos estudantes.

Trata-se de uma antiga igreja que já foi escola e esteve abandonada durante muito tempo. A câmara iniciou a sua recuperação há cerca de dois anos e hoje a sua nave central está transformada no único ginásio que a vila possui. Nas suas outras dependências desenvolvem-se diversas actividades culturais como cursos de alfabetização, de costura, de teatro, etc. Quando lá estivemos, um grupo de jovens preparava uma projecção de «slides» para uma sessão de animação cultural.

Apesar do pequeno ginásio da antiga igreja, as necessidades de Odemira no domínio desportivo são flagrantes. A Câmara já tem aprovado um projecto para a construção de um pavilhão gimnodesportivo e as obras arrancarão em breve. No que respeita à cultura, a Casa da Cultura também já está projectada.

No domínio da higiene e limpeza, a vila dá cartas! Os balneários públicos ainda cheiram a novo e cerca de 50 pessoas por dia tomam lá banho gratuitamente. As instalações são tais que a empregada nos afirmou: **há pessoas que entram aqui à porta e perguntam se tenho quartos.** Pelo aspecto julgam que é uma pensão!

As ruas estão sempre impecavelmente limpas e a Câmara dispôs canteiros semicirculares, encostados às paredes de quase todas as ruas, onde crescem girassóis e flores.

Numa antiga fonte permanece há muitos meses um cântaro de barro debaixo de cada uma das três bicas. Segundo nos dizem ainda não houve um que fosse partido. **Não temos medo do vandalismo. As pessoas aprenderam a respeitar o que é de todos,** explica-nos o vereador da limpeza, sr. Machado.

Na parte baixa, o jardim da Fonte Férrea, onde cresciam ervas de todas as espécies, foi recuperado pela Câmara e é hoje um aprazível lugar de encontro dos odemirenses. Um bar construído e explorado pelo Município proporciona um agradável local de convívio.

Até a pequena televisão que se encontra a um canto foi colocada em cima de uma mesa rasteira de modo a não monopolizar as atenções e não impedir o diálogo.

No coração da vila, um outro jardim público e um parque infantil contribuem para lhe dar um aspecto cuidado que é completado pelas múltiplas placas que indicam todos os locais de interesse.

O Parque das Águas

A dois quilómetros da sede do concelho, o Parque das Águas esconde-se à esquerda da estrada nacional que leva de Odemira a Lagos. Quem lá entra fica surpreendido: um forno de pão está permanentemente à disposição dos visitantes e não lhe falta lenha, nem a ajuda do guarda do parque, para quem não domine as artes do fogo. Numa casa junto ao forno, a Câmara orgulha-se de oferecer um local onde as pessoas podem confraternizar e preparar as suas refeições e piqueniques.

Há lá pratos, copos, talheres e lenha para a lareira. Se for preciso mais alguma coisa o guarda fará o possível por «desenrascar». Para a sesta há os jardins onde não faltam «roseiras vindas de todos os países socialistas».

No que respeita a flores, Odemira tem uma vantagem, como nos diz o vereador responsável pela limpeza: **é que o presidente é madeirense.**

Justino dos Santos não descura de facto o aspecto da sua terra de adopção. A prova disso é o importante trabalho que a Câmara vem desenvolvendo, sob o seu impulso, no domínio da salvaguarda da paisagem tradicional do Alentejo.

Por Postura Municipal de 1978, as casas do concelho têm de ser pintadas de branco, ou em cores claras, e têm de possuir chaminé alentejana e telhado de telha vermelha.

Mas isso é uma exigência contrária à liberdade individual, dizem alguns. **Não!,** responde o presidente. **Se quiser pintar a casa de preto, pinte-a à vontade.** E quando é que me ligam a electricidade? – interroga o interessado. **Quando a pintar de branco,** responde o presidente.

Justino dos Santos quer preservar o concelho como um lugar em que seja agradável viver! **É que o Mira é o rio menos poluído de Portugal e um dos menos poluídos da Europa.** E não é o saneamento básico que vai alterar essa situação: em Odemira, Sabóia e Santa Clara, as estações de tratamento de esgotos já não vão tardar muito!

O forno e casa postas à disposição dos visitantes no Parque das Águas

Os trabalhadores continuarão a lutar porque sabem que vencerão

— *afirma a CGTP a propósito da manif. de quinta-feira*

«Mais uma vez os trabalhadores portugueses deram uma inolvidável prova de maturidade política e de maioridade sindical. Mostraram a sua força e combatividade. Demonstraram a sua vontade». Estas palavras lêm-se num comunicado divulgado pela CGTP/IN, a propósito da concentração-manifestação que na quinta-feira reuniu em S. Bento várias dezenas de milhar de trabalhadores de Lisboa e Setúbal. A jornada, como oportunamente noticiámos, teve como objectivos exigir a demissão do Governo AD, a dissolução da AR e a realização de eleições democráticas.

Em S. Bento, diz a CGTP, os trabalhadores, «mais uma vez, repudiaram a política da AD, que tanto tem prejudicado o País, exigindo a demissão do Governo».

Mais adiante o documento diz que «os trabalhadores sabem que há alternativa» e que «só assim a crise poderá ultrapassar-se, uma crise que se agiganta cada vez mais, uma crise que nunca, mas nunca, poderá solucionar-se ao revés da vontade de quem trabalha e produz a riqueza do País».

E depois de afirmar que «a luta não terminou em S. Bento», o documento sublinha, designadamente, que «não foi a última etapa na defesa do regime democrático constitucional e pela demissão do Governo, pela defesa de Abril.»

A CGTP/IN termina afirmando que os trabalhadores «continuam atentos e continuarão a lutar», porque sabem que «a AD cairá, sabem que vencerão».

Na terça-feira

Greve e concentração dos trabalhadores da Cometna

Os órgãos representativos dos 1900 trabalhadores da Cometna decidiram em plenário desencadear uma paralisação e uma concentração em frente da sede da empresa, em Lisboa, na próxima terça-feira, dia 27.

A paralisação, entre as 15 e às 20 horas, bem como a concentração, constituem uma forma de exigir a revogação dos processos disciplinares a quatro trabalhadores, a demissão da administração e a negociação de um caderno reivindicativo.

O plenário deliberou ainda promover, em data a anunciar, uma concentração frente ao edifício do Conselho de Ministros em Lisboa, com o objectivo de interpelar o titular da pasta da Indústria, Baião Horta,a quem foram já solicitadas audiências por três vezes – revelou um dirigente sindical.

O mesmo dirigente acrescentou que foram igualmente solicitadas audiências ao ministro do Trabalho e ao Instituto das Participações do Estado, accionista maioritário na empresa, com 98 por cento das acções.

Os trabalhadores da Cometna, a maior fundição portuguesa, efectuaram já este ano um total de 22 dias de paralisações pelos mesmos objectivos.

CEL–CAT

Os 1100 trabalhadores da fábrica de condutores eléctricos CEL-CAT terminaram ontem uma greve de 48 horas, que registou uma adesão próxima dos 100 por cento, segundo uma fonte sindical. Os trabalhadores, que já haviam paralisados dois dias em Junho, marcaram mais dois dias de greve, para terça e quarta-feiras. Com estas formas de luta, o pessoal da CEL-CAT visa pressionar a administração a negociar o ACT da empresa.

A mesma fonte afirmou que administração revelou a intenção de passar o conflito à fase de conciliação no MT. Entretanto foi marcado para quarta-feira um plenário na empresa, para análise da situação e eventual adopção de novas formas de luta.

Mais de 67 mil acidentes de trabalho num trimestre

Registaram-se nos primeiros três meses do ano passado 67 425 acidentes de trabalho, 77 dos quais mortais, segundo dados agora divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística.

O documento revela que os acidentes de trabalho mortais diminuíram 3,7 por cento no primeiro trimestre de 1981 em relação ao mesmo período do ano anterior mas, em contrapartida, os acidentes não mortais aumentaram em 6,8 por cento.

Nas indústrias transformadoras registaram-se 21 casos mortais, verificando-se neste sector 53 por cento do total dos acidentes. Na construção civil e obras públicas ocorreram 17 por cento dos acidentes, entre os quais 15 mortais. Na agricultura, silvicultura e pescas verificaram-se 18 acidentes mortais, quando no mesmo período de 1980 tinham sido apenas cinco.

No distrito do Porto foi onde houve mais acidentes laborais (22,8 por cento), seguindo-se Lisboa, com 22 por cento.

Repudiando invasão israelita

CGTP apela à solidariedade com os patriotas libaneses e a OLP

A CGTP/IN apelou ao Movimento Sindical, aos trabalhadores e democratas portugueses para que manifestem «o mais vivo repúdio às autoridades de Telavive e a sua solidariedade às forças patrióticas do Líbano e à OLP».

A CGTP-IN refere que mal teve conhecimento da operação de invasão do Líbano desencadeada pelas autoridades de Israel, reagiu frontalmente, «condenando com vigor a violação das mais elementares normas internacionais, dos direitos humanos e da paz, espezinhados no Líbano pelo exército de ocupação israelita».

«Todo o Movimento Sindical Unitário em Portugal tem acompanhado com a mais profunda solidariedade a heróica luta do povo palestiniano e dos patriotas libaneses, respectivamente pelo direito à existência da sua própria pátria e pela defesa da sua soberania e indpendência» – acrescenta a Central Sindical.

O comunicado da CGTP-IN inclui o documento–apelo dirigido aos sindicatos e aos trabalhadores de todo o Mundo, aprovado no Encontro Sindical Internacional de Solidariedade com os Povos Libaneses e Palestiniano, que decorreu no dia 9, em Paris.

O documento condena a invasão israelita do Líbano e apela aos sindicatos e aos trabalhadores para que «actuem com urgência, sob todas as formas (manifestações, delegações, petições, boicote aos meios de transporte com destino e provenientes de Israel... para exigir o fim imediato da agressão e retirada total e inconcidional das forças israelitas do território libanês».

Grã-Bretanha

Ferroviários continuam em greve

Os maquinistas dos caminhos de ferro britânicos continuam em greve, que hoje entra no seu 14.º dia, apesar da ameaça de despedimentos que paira sobre os que se encontrem em greve na próxima terça-feira.

A empresa mantém em funcionamento as linhas regionais mas o número de maquinistas que se apresentaram ao trabalho foi insuficiente para assegurar a circulação ferroviária em pleno.

Os maquinistas recusam a entrada em funcionamento de horários flexíveis de sete a nove horas diárias em vez dos actuais horários rígidos de oito.

A administração dos caminhos de ferro ameaçou despedir os trabalhadores que se encontrem em greve terça-feira e encerrar a empresa.

STCP

Conflito poderá agudizar-se para a semana

Os trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP) deliberaram ontem em plenário dar «autonomia aos sindicatos que os representam para declarar as formas de luta que entendam convenientes».

Os trabalhadores apreciaram a orma como vem decorrendo o processo de revisão do acordo de empresa e aprovaram um voto de confiança dos sindicatos que intervêm nas negociações com o patronato.

Na segunda-feira as negociações serão retomadas na delegação do Porto do Ministério do Trabalho, e os sindicatos «estão autorizados, face ao resultado destas negociações, a declarar novas formas de luta» – disse um informador do Sindicato do Pessoal do STCP.

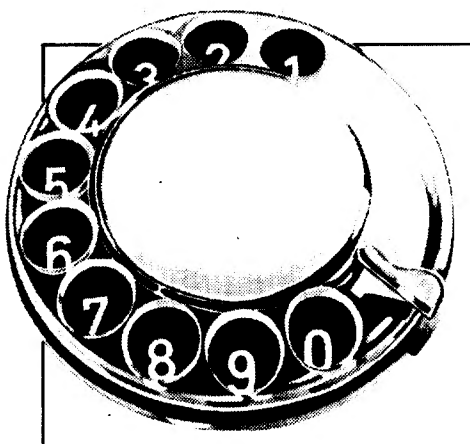
A greve do pessoal da empresa – acrescentou a mesma fonte, tem vindo a registar uma adesão de 100 por cento.

Em consequência desta greve, a população ficou, desde o início da semana, privada de transportes colectivos no período das 2 e 30 às 10h00, sendo a paralisação do material circulante de 48 horas hoje e amanhã.

Prosseguem entretanto, nos turnos de dia, as paralisações, também com adesão a 100 por cento, nos sectores oficinais, administrativos, e outros serviços internos, as quais, contudo, não afectam o público.

SUIÇA E AUSTRIA
AVIÃO + AUTOPULLMAN
GENÉVE, ZURIQUE
SALZBURGO, VIENA, VILACH,
INNSBRUCK, BERNA, ETC.
HORÁRIOS CONVENIENTES
Partidas garantidas desde: 4/7
8 DIAS/DOMINGOS
PREÇO: 40.900$
GUIA ACOMPANHANTE PORTUGUÊS
EXCLUSIVO TOURS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

ALGARVE
MONTE GORDO, STA. LUZIA
VILAMOURA, ALBUFEIRA, ARMAÇÃO
CARVOEIRO, ROCHA, LAGOS, etc.
PREÇOS DESDE: 200$ p.p.dia
ÚLTIMAS DISPONIBILIDADES
APROVEITE AINDA A MELHOR E MAIS
VARIADA OFERTA DO MERCADO
EXCLUSIVO TOURS
OPERADORES TURÍSTICOS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS



NOVOS INDICATIVOS INTERURBANOS

A partir do dia 17 de Julho, o folheto **"NOVOS INDICATIVOS INTERURBANOS"** fica inteiramente em vigor. Completa-se assim mais uma etapa da modernização da rede telefónica interurbana — uma rede que leva cada vez mais longe a sua voz.

Atenção! Antes de efectuar qualquer ligação interurbana para Lisboa, Porto, Braga, Caldas da Rainha, Famalicão, Penafiel, Santiago do Cacém, S. João da Madeira, Setúbal, Torres Vedras, Valença, Viana do Castelo e Vila Franca de Xira, **consulte o quadro que abaixo apresentamos ou o seu folheto "NOVOS INDICATIVOS INTERURBANOS", totalmente em vigor a partir do dia 17 de Julho.**

DE \ PARA	LISBOA	PORTO	GRUPO DE REDES DE CALDAS DA RAINHA	GRUPO DE REDES DE SANT. DO CACÉM	GRUPO DE REDES DE SETÚBAL	GRUPO DE REDES DE TORRES VEDRAS	GRUPO DE REDES DE VILA F. DE XIRA	GRUPO DE REDES DE BRAGA	GRUPO DE REDES DE PENAFIEL	GRUPO DE REDES DE S. JOÃO DA MADEIRA	GRUPO DE REDES DE VALENÇA	GRUPO DE REDES DE VIANA CASTELO	GRUPO DE REDES DE FAMALICÃO
Lisboa	—	02	062	**0069**	065	061	063	**0053**	**0055**	**0056**	**0051**	**0058**	**0052**
Coimbra	8	02	062	069	065	061	063	053	055	056	051	058	052
Torres Vedras	8	02	062	069	065	—	063	053	055	056	051	058	052
Porto	01	—	**0062**	**0069**	**0065**	**0061**	**0063**	053	055	056	**0051**	058	**0052**
Trofa	01	49	**0062**	**0069**	**0065**	**0061**	**0063**	053	055	056	**0051**	058	**0052**
S. João da Madeira	01	8	062	069	065	061	063	053	055	—	051	058	052
Famalicão	01	8	062	069	065	061	063	053	055	056	051	058	—
Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta	**081**	**082**	**0862**	**0869**	**0865**	**0861**	**0863**	**0853**	**0855**	**0856**	**0851**	**0858**	**0852**
Velas, Sta. Cruz das Flores	**0081**	**0082**	**00862**	**00869**	**00865**	**00861**	**00863**	**00853**	**00855**	**00856**	**00851**	**00858**	**00852**
Restantes Grupos de Redes do Continente e Madeira	**01**	**02**	**062**	**069**	**065**	**061**	**063**	**053**	**055**	**056**	**051**	**058**	**052**

AJUDE-NOS A SERVI-LO MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE

TELECOMUNICAÇÕES
CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

de ontem para hoje

CONDENAÇÃO DE UM FASCISTA

Foi condenado a um ano de prisão, ao pagamento das custas do processo e a indemnizar o ofendido, o antigo professor da Faculdade de Letras, Jorge Borges de Macedo, que exercia actividade repressivas simultaneamente com as docentes. Reintegrado em 1979, depois de quatro anos de afastamento, agrediu em 1980 nas instalações da Faculdade, os professores do Curso de História, João Medina e Sales Loureiro, sendo a este que o Tribunal concedeu a indemnização. O agressor Macedo livra-se do cumprimento da prisão mercê da amnistia papal.

VIATURAS DESAPARECIDAS

Todos os dias dezenas de automóveis desaparecem dos seus lugares de estacionamento mas, na sua maioria, acabam por ser encontrados depois dos esporádicos utentes terem dado o seu passeio ou esgotado o combustível. No entanto alguns nunca mais se lhes põe a vista em cima. Estarão nesse caso 433 viaturas automóveis furtadas durante os primeiros seis meses do corrente ano, apenas na área do Comando distrital de Lisboa da PSP e que até agora não foram recuperadas. Desse número, 37 referem-se a carros com matrículas estrangeiras.

Vai bem o negócio para os descaracterizadores de automóveis.

DO CONTO DO VIGÁRIO À MÃO ARMADA

Desiludidos com a teimosia do provinciano que não se deixava ludibriar com a fracção «premiada» da Lotaria, os dois praticantes do «conto do vigário» optaram pelo recurso à ameaça. Com exibição de pistola e faca, levaram a vítima a entregar-lhes a carteira com 57 contos e o saco de viagem; tudo isto à luz do dia e nas proximidades do Terreiro do Paço. Os especialistas deste tipo de burla raramente usam métodos violentos. Acontece é que, por vezes, as vítimas, por vergonha de confessarem a ligeireza com que «embarcaram» na história do vigário, recriam uma outra versão ao queixarem-se à Polícia.

DROGA NO HOSPITAL

Foi mais uma vez detido um traficante de haxixe conhecido pelo «Paredes» que introduzia no hospital de S. João do Porto, junto dos indivíduos que ali se encontravam internados, alguns em tratamento de desintoxicação, aquele estupefaciente. As suas relações com os doentes e o conhecimento do local vieram-lhe da altura em que ele ali esteve internado e foi nessa altura que o Paredes iniciou a sua actividade de paredes a dentro.

FALSIFICADOR DE HAXIXE

Foi detido ontem na Estação de Santa Apolónia, um jovem de 21 anos, Mariano Maia, que se diz vendedor ambulante. Talvez por efeito da crise que se faz sentir ou preocupado com os efeitos nocivos da droga sobre a saúde, resolveu produzir «haxixe» a partir de louro, que amassava com outros ingredientes inofensivos e formava barras semelhantes às habituais daquele estupefaciente. Só que um comprador vendo-se ludibriado o denunciou à polícia como burlão.

MORTOS NA ESTRADA

Mais oito pessoas foram vítimas mortais de acidentes de viação nas estradas portuguesas nas últimas 24 horas. No mesmo período anterior tinham falecido sete, como noticiámos. Além dos mortos há ainda a registar 59 feridos dos quais 21 se encontram em estado grave, informa a GNR que vai reforçar a vigilância ao trânsito durante o fim-de-semana que se prevê sangrento.

REGATA NEWPORT-LISBOA

O veleiro «Our Svanen», do Canadá, desistiu da regata oceânica do novo mundo «Newport-Lisboa» informou o Estado-Maior da Armada, que desconhece, porém as razões do abandono da prova. O «Glória» o primeiro a desistir da competição, fê-lo, de acordo com o seu comandante, por atrasos provocados pelo mau tempo. O navio-escola «Sagres» de Portugal, o «Esperalda» do Chile e o «Elionor» da Dinamarca, mantêm-se em prova. Apesar de a chegada estar prevista para o dia 27, o «Cisne Branco» da Marinha de Guerra Brasileira terminou no domingo a prova e encontra-se em Lisboa na Doca da Marinha a aguardar a chegada dos seus concorrentes.

APU voltou a sair da Assembleia Municipal

Votos AD deram luz verde ao projecto do Alto do Lumiar

Em 1998 deverá surgir no Alto do Lumiar – entre a Ameixoeira e a segunda circular – uma «cidade» maior do que Coimbra, destinada em parte ao realojamento dos bairros degradados da zona – decidiu na quinta-feira a Assembleia Municipal.

A proposta para a adjudicação do projecto à empresa Pró-Constroi foi quinta-feira aprovada – apenas com os votos da AD na Assembleia Municipal, depois de duas sessões consecutivas em que a oposição em bloco abandonou a sala,alegando falta de elementos sobre o projecto que lhe permitissem participar na votação.

Embora a APU tenha voltado a sair da sala de reuniões, o PS participou desta vez na votação, propondo o voto secreto, sendo o projecto aprovado por 71 votos a favor e nove contra.

O projecto da Câmara para o Alto do Lumiar prevê a construção de um total de 22 mil fogos dos quais 18.600 se destinarão a venda livre, obrigando-se em contrapartida a empresa adjudicataria a construir 3.400 casas de renda social para o realojamento de alguns bairros degradados.

Neste complexo urbanístico – concebido para cem mil pessoas – a empresa fica ainda com o encargo de todo o equipamento social e restantes infra-estruturas, pagando à Câmara cerca de cinco mil escudos o metro quadrado de área constuída, para edifícios que terão em média oito andares.

O projecto abrange uma área de três milhões de metros quadrados e segundo o presidente da Câmara, representará para a autarquia uma receita de 13,6 milhões de contos, a preços actuais.

Falta de documentação

Para a oposição o que esteve fundamentalmente em causa neste processo foi a falta de documentação que afirmava ter recebido sobre o assunto e, por outro lado, o facto de a Câmara ceder uma tão grande parcela dos seus terrenos.

Sobre a documentação, a oposição pretendia que o presidente da Câmara revelasse principalmente os estudos de viabilidade tecnicofinanceira do projecto.

Krus Abecasis afirmava que a oposição tinha recebido todos os elementos necessários à votação da proposta, recusando-se no entanto a revelar os referidos estudos de viabilidade, afirmando que os encomendara para seu uso exclusivo, como base para elaboração das condições do projecto.

A APU chegou a dar uma conferência de imprensa para explicar as razões por que abandonou sempre a sala na altura da votação, afirmando que essa era «a única e última forma de protesto» contra a aprovação de uma proposta «sem qualquer possibilidade de análise e discussão minimamente sérias e aprofundadas da operação».

A APU acusou então «a AD e o presidente da Câmara de uma pressa sôfrega em entregar em propriedade plena os terrenos do Alto do Lumiar ao grupo de empresas seleccionado pelo júri de técnicos camarários».

Assembleia Municipal ainda não deu sim

Plano de Urbanização de Faro: público vê mais promessas

O Plano Geral de Urbanização da cidade de Faro será exposto, a partir da próxima semana, à apreciação dos habitantes da capital algarvia, por iniciativa da câmara local.

O plano, elaborado por técnicos da autarquia, foi concebido para uma população estimada em cerca de cem mil habitantes e prevendo um horizonte até ao ano 2000.

Os limites da cidade de Faro vão estender-se nessa data, e conforme o plano, do concelho de Olhão até à freguesia do Montenegro, situada nos arredores do aeroporto.

O maior crescimento deverá verificar-se, contudo, em altura, mais do que em extensão, dadas algumas impossibilidades de a cidade se desenvoler e ampliar para sul, o que se fica a dever à existência da linha de caminhos-de-ferro, que ladeia Faro.

O crescimento em altura terá, no entanto que respeitar certos limites, dada a proximidade do aeroporto em relação à cidade, e que ter em conta as normas impostas nesse sentido pela aeronáutica.

Outras implicações, relativas à possibilidade de utilização de solos agrícolas, ou, ainda, acautelando a existência da reserva natural da ria Formosa, estão também previstas e ultrapassadas, no novo Plano de Urbanização, afirmou à ANOP o presidente da Câmara Municipal de Faro.

Incluídos no plano a apresentar estão diversos espaços, destinados à instalação da Universidade do Algarve, no Pontal, bem como ao matadouro, ao mercado abastecedor e instalações frigoríficas regionais e a uma unidade de selecção de frutos secos.

O problema da habitação é, paralelamente ao dos lixos, um dos mais graves com que se depara a capital algarvia.

Existem, em Faro, mais de 300 fogos cuja construção iniciada há vários anos, está há muito suspensa, como se verifica no bairro da Atalaia, no bloco do Bom João, ou nas proximidades do Hospital Distrital de Faro.

A conclusão dessas obras viria resolver parte dos problemas habitacionais da capital algarvia, nomeadamente a nível de instalações para trabalhadores de diversos organismos, como é o caso da Universidade do Algarve e do Hospital distrital de Faro, entre outros.

O Plano de Urbanização da cidade, que se espera venha resolver esse tipo de questões, uma vez decorrido o período destinado à apreciação do público em geral, será submetido ao parecer da Assembleia Municipal de Faro.

Tarifas aéreas em debate

Madeira vai ter satélite para falar ao Continente

«Os problemas da insularidade serão largamente ultrapassados com a inauguração, em Setembro, da estação terrena de satélite da Madeira, pois não são apenas consequência dos atrasos aeroportuários» – disse ontem à ANOP, o ministro dos Transportes.

Viana Baptista falava após ter estado presente na primeira fase da assinatura do contrato para a construção da pista do aeroporto de Santa Catarina.

A Estação «Papagaio Verde», que permitirá todas as comunicações de rádio-telefone e Televisão entre o continente e as regiões autómonas, bem como o acesso a todas as comunicações transmitidas via satélite do sistema «Intelsat», explorado na parte portuguesa pela Rádio Marconi, custou 450 milhões de escudos.

O ministro considera-o «um dos passos mais significativos na quebra da insularidade pelo acesso às comunicações quer a nível privado, quer a nível dos «mass media».

Para garantir a segurança do sistema, este funcionará com dois satélites permanentes em órbita, servindo um de reserva ao outro, e sendo também garantida qualquer eventual falha através de um outro satélite colocado em terra, nos Estados Unidos, montado em um foguetão pronto a ser lançado – revelou o titular dos Transportes e Obras Públicas.

Referindo-se às ligações satélite para o continente, Viana Baptista anunciou que estava já concluída a estação terrena de satélites «Sintra I» e em curso de acabamento a «Sintra II».

Tarifas aéreas em conversações

Sobre a forte reacção havida com as declarações proferidas no Funchal pelo ministro dos Transportes acerca do aumento das tarifas aéreas entre o continente, a Madeira e os Açores, Viana Baptista disse à ANOP que o assunto iria ser «revisto em Lisboa, numa reunião com o Primeiro-Ministro, marcada para dia 28».

As declarações do titular da pasta dos Transportes levou até ao repúdio do Executivo de Jardim, em nota oficiosa divulgada na capital funchalense, em que se dizia «não haver alternativas em meio de transporte para os residentes nos arquipélagos», pelo que estes deverão ser obrigatoriamente privilegiados.

Na reunião agora anunciada, participarão, além do Primeiro-Ministro e Viana Baptista, o ministro das Finanças e os presidentes dos Governos da Madeira e Açores.

O ministro adiantou que dado o aumento de custo da mão-de-obra (despesas de pessoal), equipamento e combustível, as tarifas terão necessariamente de aumentar, na mesma proporção, com vista a manter o mesmo nível de subsidiação.

Viana Baptista acrescentou que fora neste sentido que em Janeiro passado se propôs um aumento tarifário para o transporte aéreo, «como, aliás, a nível internacional, têm as tarifas vindo a ser aumentadas».

Admitiu como certas as razões do Executivo madeirense, «que pretende bater-se pelas populações», sem deixar de reconhecer que «é necessário um aumento, sobretudo depois do ajustamento cambial do escudo em relação a outras moedas e da desvalorização do escudo relativamente ao dólar».

Aviões e telefones: milhões de contos

Cerca de duzentos e oitenta mil contos é o valor da estação automática de Santa Clara, ontem inaugurada no Funchal pelo ministro dos Transportes e Comunicações, Viana Baptista.

O empreendimento tem capacidade para sete mil linhas de rede, tendo sido reconstruído após violento incêndio que deflagrou há cerca de um ano.

Por outro lado, serão brevemente iniciadas as obras de prolongamento de segurança da pista (300 metros) e a ampliação da plataforma de estacionamento de aeronaves do aeroporto de Santa Catarina.

Os encargos resultantes do contrato são suportados pelo Orçamento Geral do Estado, não podendo exceder, em 1982, os 543 500 mil contos, os 2 122 600 em 1983, os 698 000 em 1984 e os 29 000 em 1985.

500 mil toneladas de trigo alentejano previstas para 1982

A produção cerealífera no Alentejo será este ano muito superior à registada em 1981 podendo-se considerar o ano agrícola como regular ou mesmo quase bom – afirmaram ontem responsáveis pela agricultura alentejana.

Uma sondagem efectuada junto de agricultores dos sectores cooperatico e privado revela que as searas, de uma forma geral, encontram-se com bom aspecto, devendo as ceifas deste ano começar mais cedo.

As culturas cerealíferas no Alentejo começaram mais cedo no início deste ano agrícola cujo êxito, esperado por alguns agricultores, se ficou a dever às condições meteorologicas.

Embora tivesse sido impossível recolher localmente previsões quanto à produção, organismos oficiais calculam que este ano seja, em termos de colheita de trigo, superior em cerca 47 por cento por hectare relativamente a 1981.

Nesta cultura, em que são recordados 1974, 1975 e 1976, como dos melhores anos do decénio, espera-se que se verifique em 1982, uma colheita de cerca de 500 mil toneladas, o que corresponde a um acréscimo significatido, se se tiver em consideração as 310 mil toneladas produzidas em 1981.

A previsão, embora esteja um pouco aquém da produção de 1976 – 5700 toneladas, corresponderá à melhor colheita depois daquele ano e a um aumento de cerca de 9 por cento em relação à média do decénio.

Os três distritos alentejanos contribuem com cerca de 90 por cento da produção nacional de trigo e de cevada e com 100 por cento, na de aveia.

Nestas duas últimas culturas são igualmente esperados para este ano acréscimos significativos nas produções prevendo-se aumentos em relação ao ano transacto, de mais de 23 por cento para a cevada e de 19 por cento para aveia.

Estas culturas tiveram em 1981 produções estimadas em cerca de 38 mil toneladas, no que se refere ao caso da cevada e de 71 mil no que diz respeito à aveia.

Nas além do trigo, centeio e cevada, o Alentejo produz também e com valores significativos, girassol e cártamo, plantas de onde se extraem óleos alimentares.

em duas palavras

• Borba em riscos de ficar sem cinema

Borba, vila alentejana com 12 mil habitantes, está em risco de ficar sem o seu único cinema, com capacidade para 260 espectadores. O empresário que faz a sua exploração manifesta dificuldades perante a degradação da sala, propriedade do município local.

As diligências feitas até agora não têm resultado em solução que evite o encerramento. A Câmara não tem verbas para resolver a situação caracterizada por ameaça de ruína do tecto, cadeiras partidas casas de banho sem condições. Outras entidades ligadas de algum modo ao espectáculo têm apresentado razões para não intervirem.

• Açores já pescaram 3.000 toneladas de atum

As 30 embarcações empenhadas na safra do atum nos mares dos Açores descarregaram até quinta-feira cerca de três mil toneladas de pescado – revelou o Governo Regional.

Deste total, 1.100 toneladas foram capturadas pelo atuneiro norte-americano, Elizabeth C. J., que efectua uma missão experimental nas ilhas e as traineiras açorianas «Rei Cristo» e «Monte da Guia» pescaram, respectivamente, 185 e 169 toneladas, valores máximos atingidos pelos pescadores do arquipélago.

A campanha dos tunídeos teve início em Maio, devendo prolongar-se até Outubro.

• Planeamento concelho debatido em Coimbra

Directores e técnicos dos Grupos de Apoio Técnico (GAT's) da região Centro concluiram ontem em Coimbra um seminário de cinco dias dedicado ao planeamento concelhio.

O último dia de trabalhos foi assinalado por um painel em que participaram autarcas, docentes da Escola de Belas Artes do Porto, do Instituto Superior Técnico de Lisboa e da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e Técnicos da Comissão de Coordenação da Região Centro e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

O encontro, promovido pela Comissão de Coordenação da Região Centro, visou o enquadramento dos responsáveis regionais na problemática do planeamento concelhio, nomeadamente, na nova figura do plano director municipal.

• Trás-os-Montes veio uma semana a Lisboa

Os ministros da Administração Interna e do Trabalho, Ângelo Correia e Luis Morales, presidiram ontem à noite, no Casino Estoril, à inauguração da semana de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Hoje inicia-se no Casino Estoril a semana gastronómica de Trás-os-Montes, com uma ementa confeccionada sob a direcção de duas especialistas, Maria Beatriz Alves e Maria Efigénia Afonso.

ATENÇÃO MIOPES

A MIOPIA

A hipermetropia e a afaquia (operado às cataratas) podem agora ser corrigidas com lentes para óculos. Finas e leves, em cristal anti-reflexo, a partir de 2,25 até 30,00 dioptrias, incluindo quando necessário, até 6,00 dioptrias de astigmatismo.

Para mais informações dirija-se à

ÓPTICA VISUAL, Lda.

R. Portas de Santo Antão, 27-2.º LISBOA Telef. 365515

ATENÇÃO: Entrada pela espingardaria

19 JULHO 79 / 19 JULHO 82

3.º Aniversário da Revolução Sandinista

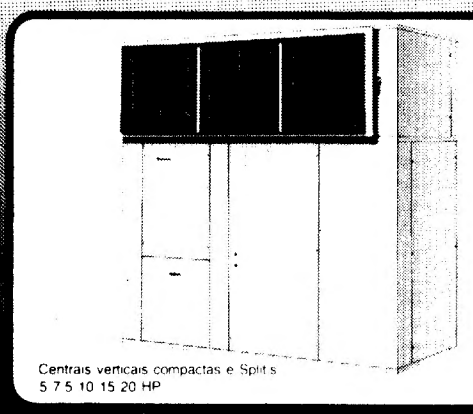
SESSÃO PÚBLICA

Com a presença de:
ROBERTO GARCIA da FSLN
intervenções de:
ADELINO GOMES
MANUEL LOPES
LOPES CARDOSC
e a participação solidária de:
CEU GUERRA
JOSÉ MÁRIO BRANCO
VITORINO
ZECA AFONSO
e
OCTÁVIO SERGIO

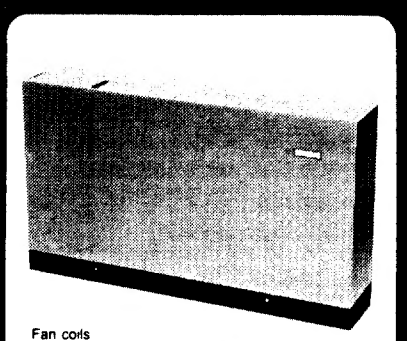
19 JUL • 2.ª FEIRA • 21.30 • TEATRO ABERTO

GSAL — GRUPO DE SOLIDARIEDADE COM A AMERICA LATINA

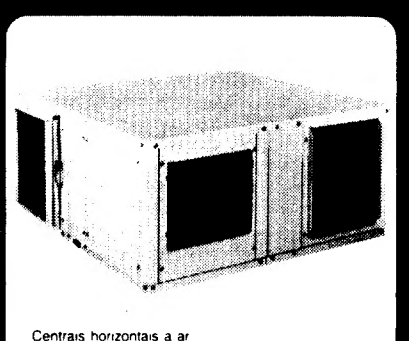
AOS INSTALADORES
AR CONDICIONADO É AR GARANTIDO



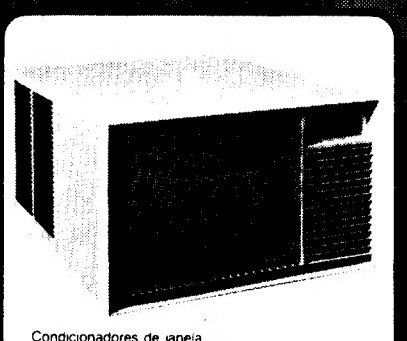
Centrais verticais compactas e Split s
5 7 5 10 15 20 HP



Fan coils
8000 13000 18000 24000 BTU S

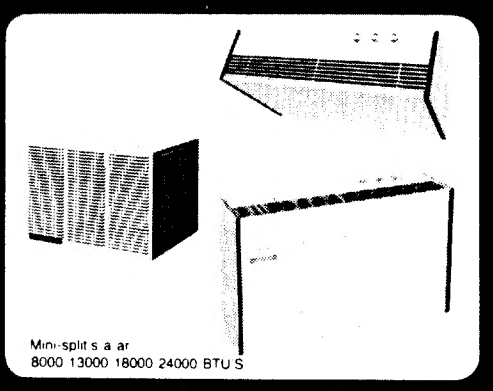


Centrais horizontais a ar
2 6 3.5 5 HP



Condicionadores de janela
9000 13000 16000 20000 BTU S

Para satisfazer todas as necessidades dos instaladores a nova Fabrica Nacional de Ar Condicionado produz aparelhos dos mais variados tipos, visando preencher as pequenas e grandes necessidades do mercado nacional.
A exportacao e tambem um dos nossos objectivos. Estamos ja no mercado internacional com a qualidade e preferência dos nossos produtos.
Fabricando aparelhos de ar condicionado estamos a contribuir para o progresso da industria e da economia nacional.



Mini-splits a ar
8000 13000 18000 24000 BTU S

FÁBRICA NACIONAL DE AR CONDICIONADO
Estrada da Outorela, Lotes 20-21 · Carnaxide · Portugal
Telefs. 218 33 67/8/9/70

HIPER

Dossier Homicídio • Dossier Homicídio • Dossier Homicídio • Dossier Hc

O crime e a sua punição

Não é nossa intenção apresentar uma exaustiva etiologia do homicídio mas está nos nossos propósitos referir os exemplos de maior tipicidade de toda a gama desta criminalidade violenta, suas causas, métodos e mecanismos, bem como a legislação que a pune. Hoje, trataremos ainda do homicídio no seu aspecto geral e faremos uma pequena incursão na área da jurisprudência que lhe diz respeito.

De passagem lembramos que por vezes as mortes não se consumam por circunstâncias alheias à vontade do agente. Haverá assim tentativa de homicídio se a acção no agente não se tiver completado por razões estranhas à sua vontade e homicídio frustrado quando toda a acção se completou mas razões fortuitas, do mesmo modo estranhas à vontade do agente, impediram que se atingisse o fim em vista.

Dois pequenos exemplos permitirão ajudar a destrinçar esta aparente confusão: Um indivíduo prime o gatilho de uma pistola apontada sobre outro com nítida intenção de matar, porém, a arma encrava-se e a bala não segue o desejado percurso; um outro, com as mesmas intenções dispara mas por falta de pontaria não consegue acertar. No primeiro caso temos uma tentativa de homicídio e no segundo, um homicídio frustrado.

É importante saber isto, pois as penalizações previstas para estas situações são substancialmente mais atenuadas do que as dos crimes consumados, como naturalmente se impõe, embora aqui o aspecto subjectivo do caso permita uma interessante especulação de natureza filosófica.

Será portador de menor perigosidade social o indivíduo que só não matou por ter surgido uma deficiência técnica na arma que utilizava? Ou o outro, que só não acertou por um qualquer solavanco ter desviado a trajectória? Ou finalmente, o que agindo do mesmo modo alcançou o fim desejado?

Experimente meditar sobre o assunto e convide os seus amigos a analisar em comum esta situação. Verificará que muito há a percorrer antes de se achar uma jurisprudência, já não digo perfeita, mas com capacidade de resposta às exigências intelectivas e morais do homem moderno.

Nova (?) legislação penal

A actual legislação penal e, segundo nos parece, a que está na forja para sair em breve sob os auspícios de Meneres Pimentel, baseia-se nos seus aspectos gerais nas consequências: é casualística. Pune em função dos resultados.

Exemplo: Uma facada vibrada de modo intencional no tórax da vítima pode merecer vinte anos de prisão se o golpe provocou a morte ao perfurar o coração, ou meia dúzia (ou nem tanto) se uma vértebra obrigou a lâmina a desviar-se uns milímetros evitando por mero acaso a morte visada.

O único crime que foge a esta regra, é o de envenenamento, que a Lei contempla, em princípio, com a pena de 20 a 24 anos: «Qualifica o crime de envenenamento todo o atentado contra a vida de alguma pessoa por efeito de substâncias, que podem dar a morte mais ou menos prontamente, de qualquer modo que estas substâncias sejam empregadas ou administradas, e quaisquer que sejam as consequências».

Trata-se de um crime que a legislação pretende reprimir em função do perigo quanto ao interesse ofendido e a conduta do agente. É um crime tipicamente formal e substancialmente material (à valoração objectiva interessa um certo resultado e todavia, por certas razões, não se exige a sua produção para considerar o crime como consumado), como diz o professor Eduardo Correia. Por tal motivo não há distinção neste crime entre frustração e consumação e a própria tentativa é neste caso uma figura jurídica sujeita a intensa controvérsia.

Lembramos, por simples curiosidade, que o envenenamento é por norma considerado um crime feminino, dado que a maior parte dos casos conhecidos, alguns mesmo históricos, tiveram como agentes mulheres, das quais a mais célebre teria sido Lucrécia Borgia que viveu entre 1480 e 1519 na Itália papal da Renascença e a quem as crónicas atribuem uma série de envenenamentos com que resolvia todos os problemas pessoais e matrimoniais dos seus vários casamentos.

Sobre o novo Código Penal, tal como acontece agora com a Constituição, foi cozinhado por uma tantos eleitos dentro dos gabinetes, divorciados da Sociedade que só conhecem pelos tratados e sebentas universitárias, que se encarregam de estabelecer as normas que vão reger as relações entre os homens nos seus aspectos mais melindrosos e graves. Auscultar a opinião pública, proceder a estudos de campo e experiência localizados em diferentes sectores ou estratos sociais, seria na opinião dos responsáveis por estas coisas na nossa terra uma simplesperca de tempo. Por causa da presunção destes sábios é que a maior parte da nossa legislação, em especial no tocante à penal, anda divorciada das realidades da sociedade que somos. Transplantações de normas jurídicas de outros países mostrará erudição técnica mas também desconhecimento do homem e da sociedade portuguesa. Desconhecimento, é o mínino que se nos oferece dizer para não cairmos na alçada da lei, o que aconteceria se classificássemos como devíamos a ligeireza da maior parte dos nossos legisladores.

Juiz ou computador

No entanto, se a questão criminal é apreciada em função das consequências para graduação das penas, o chamado direito objectivo, a verdade é que nada é mais subjectivo do que o mecanismo pelo qual essas penas são aplicadas.

Depende da formação, educação e consciência dos juízes não só a elasticidade das sentenças dentro dos escalões previstos nos diferentes números do Código, como depende apenas deles a aceitação ou rejeição das circunstâncias, atenuantes ou agravantes, que permitam subir ou descer de escalão penal.

É assim que o autor de um crime é condenado não em função da sua perigosidade ou da perigosidade do seu acto, do prejuízo causado mas, fundamentalmente, da personalidade do juiz e de diferentes factores que sobre ele, juiz, e indivíduo actuam, como sobre qualquer pessoa em geral, susceptíveis de lhe alterarem o humor, o critério e até o discernimento.

Repare-se, por exemplo, que os juízes não estão vinculados aos relatórios dos peritos e respectivas conclusões que em certos casos são necessários para esclarecer o Tribunal de aspectos técnicos ou científicos que rodeiam o crime. São livres de fundamentar as sentenças nos enunciados, análises e conclusões dos peritos e por vezes mais se diria terem sido estes quem elaborou a sentença tal a transferência de responsabilidade que parece ressaltar do teor da sentença. Noutros casos, o livre arbítrio do juiz permite-lhe ignorar pura e simplesmente todo o relatório pericial como se de conversa fiada se tratasse e julga apenas segundo o seu critério e consciência.

De umas vezes parece o Pilatos, lavando as mãos e alijando a responsabilidade para os peritos, de outras vai-se ao extremo contrário.

Perante isto quase seria de desejar a substituição do homem-juiz pelo computador-juiz. Metiam-se os dados por um lado e saía a sentença pelo outro. Evitava-se o que se vê com frequência: Dois réus acusados de crimes semelhantes, com semelhantes personalidades e apresentando sintomas dos mesmos factores criminogéneos, recebem condenações diferentes de diferentes juízes e, por vezes, até do mesmo julgador em alturas distintas.

Todo este sistema se afigura caduco e, se não se, verificam mais casos gritantes de autênticas injustiças na aplicação das penas, isso deve-se ao facto de uma razoável maioria dos nossos juízes possuir uma boa formação moral e profissional, conseguindo desse modo ultrapassar condicionalismos e absurdos pseudo-jurídicos.

Dias Brito

Na próxima semana:
A geografia do crime

A confissão do homicida

Na qualidade de funcionário dos Serviços Prisionais passo muitas horas por dia em contacto com reclusos, uns já condenados, outros a aguardar julgamento e alguns na fase da instrução preparatória à ordem dos juízes de Instrução Criminal.

Aí por volta de 1977 na zona anexa à sede da Polícia Judiciária tive de notificar um jovem de 20 anos, detido, acusado de haver assassinado um motorista em Cascais.

Dirigi-me à cela onde ele se encontrava sozinho, naturalmente abatido por efeito do isolamento. Logo que iniciei a leitura do despacho emanado do juiz, ele gritou: «Não matei ninguém. Estou inocente. Não matei, não matei...»

Expliquei-lhe que a minha função era apenas cumprir o despacho que mandava notificá-lo e nada tinha com o processo. Faleilhe a bem: «que ele tinha aspecto de bom rapaz, um gajo porreiro... Que aquele nervosismo tanto podia ser por estar inocente como por ser culpado e precisar de desabafar». Deixei-o, segundo me pareceu um pouco mais tranquilo.

A situação de presos afecta-lhes o comportamento, tornando-os irritáveis e muitos deles pedem calmantes para dormir. Se são os remorsos que os não deixam dormir ou a raiva de terem sido apanhado, isso não sei.

Dias depois, quando ia notificar outro preso cuja cela ficava próxima do tal jovem, este chamou-me, e disse: você foi um gajo porreiro para mim, falou-me a bem e eu não posso aguentar isto mais tempo cá dentro. Fui eu quem matou o motorista de táxi. Não pretendia matá-lo. Queria apenas roubá-lo mas ele resistiu e eu enchi-me de medo e disparei. Tudo por trezentos escudos que foi quanto lhe encontrei na carteira. Se tinha mais escondido noutro sítio não sei».

«Sabe porque fiz isto?», continuou: «fui arrastado a isto pela namorada. Uma pessoa junta-se com miúdas e depois precisa dinheiro; para isto e para aquilo. Há também os outros com quem a gente começa a andar. Uns desafiam para isto e para aquilo e agente começa a entrar em certas actividades. Desta vez agi sozinho estou arrependido».

Era um jovem de bom aspecto, tinha apenas a quarta classe, seria o fruto de problemas sociais e familiares. Para além de andar sempre deprimido não levantava problemas de disciplina carcerária.

Segundo me lembro fora apanhado pela Polícia, por a pistola que usou ter sido usada noutro crime embora por pessoa diferente, por intermédio do qual se chegou a este, que me confessaria o homicídio antes mesmo de o ter feito aos investigadores criminais.

Carlos Magalhães

União e Progresso da Venda Nova

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do ponto 7.1 do art.º 7.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária do U.P.V.N. para funcionar na Sede Social, sita à Rua Marquesa de Alorna, 2-A pelas 20 horas e 30 minutos do dia 30 de Julho, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto único — Discussão e aprovação do Relatório de Actividades e Contas de Gerência

Se à hora do início dos trabalhos não estiver presente número suficiente de Sócios para a Assembleia funcionar validamente, a mesma reunirá uma hora depois com qualquer número de Sócios presentes, nos termos de Estatutos.

União e Progresso da Venda Nova, 15 de Julho de 1982

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Pedroso Rato

Um caso: Setúbal

Homicídio voluntário consumado	10
Homicídio voluntário, tentado ou frustrado	5
Envenenamento	1
Infanticídio	1
Ofensas corporais voluntárias c/ internamento	10
Rapto e cárcere privado	1
Violação	5
Estupro, outros crimes sexuais	4
Outros crimes	12
Assaltos a bancos	2
Outros assaltos à mão armada	5
Roubo	22
Furto c/ arromb. em estabelecimentos	129
Furto c/ escalamento em estabelecimentos	6
Furto c/ chave falsa em estabelecimentos	3
Furto c/ arromb. em residências	181
Furto c/ escalamento em residências	13
Furto c/ chave falsa em residências	38
Furto de veículos	122
Furto em veículos	52
Furto simples	97
Furto doméstico	4
Furto de documentos	1
Furto de obras de arte e bens culturais	3
Burlas	20
Burlas c/ fraude bancária	1
Emissão de cheques s/ cobertura	81
Abuso de confiança	20
Peculato	1
Falsificação e simulação	20
Transformação, viciação e tráfico de automóveis	5
Fogo posto	24
Danos voluntários	7
Outros	8
Associação de malfeitores	1
Detenção de armas proibidas	1
Difamação, calúnias e injúrias	6
Tráfico de estupefacientes	18
Moeda falsa	6
Práticas de corrupção	1
Outros crimes	3
Actos de terrorismo	3
Rapto e cárcere com retenção de reféns	1
Detenção ilegal de armas	2
TOTAL	956

Mapa referente ao primeiro semestre do corrente ano respeitante aos principais delitos cometidos no distrito de Setúbal. Para uma população inferior a um décimo da demografia nacional, registaram-se 10 homicídios voluntários e cinco outros não se consumaram por razões estranhas ao delinquente. Curioso também a relacionação das diferentes rubricas

Revisão e Regiões Autónomas

Governo dos Açores não está contente

A revisão constitucional deve permitir «a consagração da autonomia das regiões insulares libertando-as das disposições restritivas em vigor», defende Mota Amaral em mensagem ontem revelada pelo presidente da Assembleida da República.

O documento incide, sobretudo, em torno da problemática da revisão constitucional no que se refere aos Açores e à Madeira. Nele, o presidente do Governo Regional dos Açores aponta para a necessidade do «alargamento do enquadramento constitucional da autonomia das regiões insulares», que considera «uma das reformas democráticas mais importantes» introduzidas em Portugal pelo 25 de Abril.

Na mensagem, enviada em nome do Governo Regional, afirma-se que o articulado presente para discussão no Parlamento «revela a persistência de alguns preceitos restritivos da autonomia» contra os quais já argumentou a Assembleia açoriana em parecer aprovado o ano passado.

Em adenda às reivindicações (na matéria) do Parlamento Regional, o Gabinete de Mota Amaral defende a não aprovação da proposta de revisão que confere ao Presidente da República o poder de marcar eleições para os órgãos do arquipélago.

No entender do Governo Regional, a marcação da eleição para a Assembleia da Região Autónoma deve competir ao ministro da República conforme – segundo afirma – o estipulado no estatuto político-administrativo dos Açores.

O documento considera, por outro lado, «injusta» a pretensão da Comissão Eventual de fazer aprovar um texto que retira às Assembleias Regionais a faculdade, que lhes é reconhecida actualmente, de se sobrepor ao veto por inconstitucionalidade, em fase de fiscalização preventiva, mediante nova votação do diploma em causa por maioria agravada.

Espelhos e placas fluorescentes para prevenção rodoviária

Todos os motociclos, ciclomotores e velocípedes com motor deverão estar equipados com (pelo menos) um espelho retrovisor, colocado do lado esquerdo do condutor.

Esta determinação entrou anteontem em vigor para aqueles veículos, e no tocante a automóveis ligeiros, a Prevenção Rodoviária refere que esses carros devem estar equipados com dois retrovisores colocados um de cada lado do veículo. No entanto, é dispensado o uso do aparelho retrovisor direito nos automóveis ligeiros de passageiros desde que o vidro da retaguarda tenha dimensões que permitam perfeita visiblidade ao condutor.

Os veículos pesados de mais de 3 500 quilos, ou de comprimento superior a doze metros, deverão ser sinalizados com uma ou duas placas de material retrorreflector amarelo e vermelho fluorescentes apostas no painel da retaguarda.

Festa com gincanas em Arneiro de Sintra

A comissão de apoio à prática do desporto infantil e juvenil que o ano passado inaugurou um parque infantil nos terrenos destinados àquela actividade, em Arneiro dos Marinhos (Sintra), tem vindo a promover diversas festas anuais para concluir a obra a que lançou mãos.

Nos próximos dias 6, 7 e 8 (de Agosto) leva a efeito outra festa, a qual coincidirá com a realização do IV Raly Paper e a 4.ª Gincana de Automóveis, para além de uma gincana de bicicletas infantil.

Avisa a organização (comissão de apoio à prática do desporto infantil e juvenil) que está aberta à oferta de taças e medalhas que proventura possam oferecer para os vencedores das provas a realizar.

Vinhos do século passado em leilão no Casino Estoril

Um leilão de garradas de vinho do Porto e vinho fino do Douro terá lugar no próximo dia 22 de Julho, no Casino do Estoril. Organizado pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão por ocasião da semana de Trás-os-Montes e Alto Douro, o leilão que se realizará às 21.30h, será precedido de uma exposição, no mesmo dia, entre as 15 e as 16.30h.

E atenção: a garrafa mais «nova» patente no referido leilão data de 1932... a mais velha, essa remonta a 1848.

comunicação social

Ainda emissão de "Golpe à turca"

Director da TVE acusado de "negligência objectiva"

O director-geral da Rádio e Televisão Espanhola, Carlos Robles Piquer, foi acusado de «negligência objectiva» pelo Conselho de Administração em relação à emissão do programa televisivo «Golpe à turca».

Os partidos políticos consideraram que este programa constituiu uma «apologia do golpismo», pelo que se desencadeou uma polémica que levou à intervenção da Comissão Parlamentar de Controlo da Rádio e Televisão e do Conselho de Administração, que nomeou uma comissão de inquérito.

A principal conclusão, aprovada por unanimidade numa reunião do Conselho de Administração, foi a de que «existem indícios suficientes de que o director-geral da RTVE teve em seu poder com antecedência elementos relativos ao carácter discutível do referido programa, antecedência bastante para ter adoptado as necessárias medidas preventivas».

Por este motivo, o Conselho de Administrqção considera que houve «negligência objectiva».

No entanto, não houve acordo entre os conselheiros para considerarem que o referido programa «não reunia as necessárias exigências de objectividade e defesa dos valores democráticos».

A maioria dos conselheiros representantes da UCD e da Aliança Popular impediram que fosse aprovada esta resolução. Um membro do Conselho, representante da UCD, José António Escudero, pediu a demissão por discordar com os critérios do seu grupo político.

A emissão do programa «Golpe à turca», a 18 de Junho, foi considerada «inoportuna» tanto pela Comissão Parlamentar de Controlo de Rádio e Televisão, como pelo Conselho de Administração.

Foi recomendado aos profissionais «mais cuidado na defesa dos valores constitucionais».

Para além da acusação de «negligência objectiva», não há mais consequências para o director-geral da Rádio e Televisão, cuja sorte está pendente do evoluir da crise da UCD e da remodelação governamental. Robles Piquer é apoiado pelo primeiro-ministro, Calvo Sotelo.

"Não" das autarquias ao encerramento da ANOP

A Câmara Municipal da Guarda manifestou a sua preocupação por um eventual encerramento da Agência Noticiosa Portuguesa.

Abílio Curto, presidente da edilidade, afirmou, no decurso de uma sessão camarária, que «a ANOP está em vias de ser extinta» e classificou os problemas da agência como sendo «de gestão e não de economia».

A edilidade manifestou não aceitar «que os postos de trabalho corram perigo» na ANOP e evidenciou o papel informativo daquela agência.

«É através da ANOP que nós divulgamos o interior do país, as nossas carências e pretensões» – disse Abílio Curto. E acrescentou que, na verdade, a ANOP «é uma agência nacional e como tal deve dar a imagem real do país que somos.»

Por sua vez, a edilidade de Celorico da Beira protestou junto do secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro para a Comunicação Social, José Alfaia, contra um eventual encerramento da Agência Noticiosa Portuguesa.

Em telegrama enviado a José Alfaia, o presidente do Município, Faria de Almeida, considera «traição tal facto consumar-se ou qualquer reestruturação executar-se» sem serem ouvidas as autarquias.

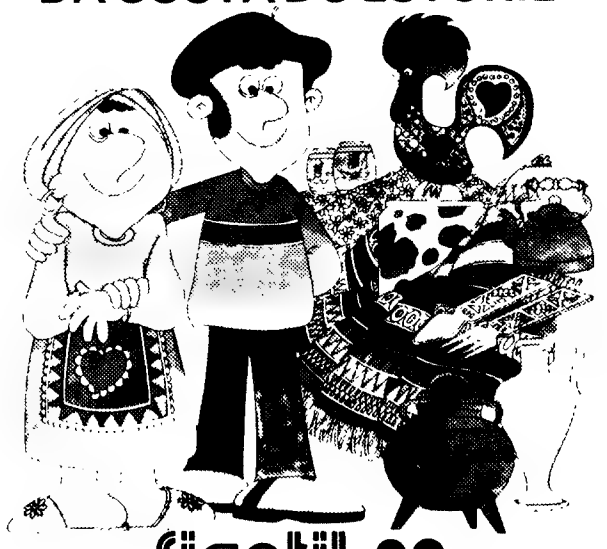
Evidencia aquele autarca o papel da ANOP que, disse, «ser o meio de o interior do país manifestar as suas preocupações e manifestações». Faria de Almeida acrescentou ainda ser a ANOP «o único órgão de informação nacional que serve com isenção a região».

Também o presidente da Câmara Municipal de Pinhel, Alfeu Campos, afirmou ser contrário a um possível encerramento da agência.

Este autarca disse ser necessário que a ANOP «continue a dar a imagem das carências e anseios dos municípios do distrito da Guarda e do interior».

Salientou ainda a importância social da ANOP junto das populações e dos núcleos de emigrantes no estrangeiro.

FEIRA DO ARTESANATO
DA COSTA DO ESTORIL



Fiartil 82
ESTORIL • 2 DE JULHO A 29 DE AGOSTO
ABERTA DAS 17 ÁS 24 HORAS
ESTE ANO ESTARÃO REPRESENTADAS NA FIARTIL 82 AS REGIÕES DE TURISMO DE:
SANTARÉM, MAFRA, SERRA DA ESTRELA, LEIRIA, VISEU, ÁGUEDA E SÃO MAMEDE
COM O SEU ARTESANATO AO VIVO E FOLCLORE.
JANTE NO RESTAURANTE COSTA DO ESTORIL
APETRECHADO COM EQUIPAMENTOS DE HOTELARIA DA FIRMA PORTUGUESA:
FORNOS E MÁQUINAS REKENA
A MELHOR TÉCNICA AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA ALIMENTAR
O BAR foi apetrechado com Equipamentos FRITEJO
ORGANIZAÇÃO DA JUNTA TURISMO DA COSTA DO ESTORIL

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO
AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no prfoximo domingo, 18 de Julho, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Almada (Ferradura, Aquário) das 10 H 30 M às 13 H 00 M
Almada (Recreio) das 09 H 00 às 13 h 00 M
Charneca da Caparica (Charneca, Cassapo, Casal, Palhais, Qt.ª Rego de Cima) das 08 H 30 M às 12 H 30 M
Monte de Caparica (Monserrate) das 08 H 30 M às 12 H 30 M
Vila Nova Caparica (Robalo) das 08 H 30 M às 12 H 30 M
Costa da Caparica (Espeleque) das 08 H 30 m às 12 H 30 M
Laranjeiro (Previdência, Sargentos, Rato Velho) das 07 H 30 M às 13 H 00 M

CONCELHO DE SEIXAL: Arrentela das 07 H 00 M às 18 H 00 m

Almada, 13 de Julho de 1982

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul-ALMCM
José P. R. Nascimento

Serviços Municipalizados

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE REDE DE ESGOTOS DO BAIRRO JARDIM, CANEÇAS

Faz-se público que, por despacho superior de 2 de Julho se encontra aberto concurso, pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no «Diário da República», para arrematação da empreitada designada em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços Municipalizados, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Preço base de Esc.: 3 600 000$00.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc.: 90 000$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem estar inscritos como empreiteiros de obras públicas na 4.ª subcategoria da V categoria ou na V categoria e na classe correspondente ao valor da proposta ou superior, provando-se a titularidade do alvará pela indicação na proposta, do respectivo número, categoria ou subcategoria e classe e pela sua exibição sempre que exigida.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 7 DE JULHO DE 1982.

Pelo Engenheiro Director-Delegado
Pedro António Cristóvão Baltazar

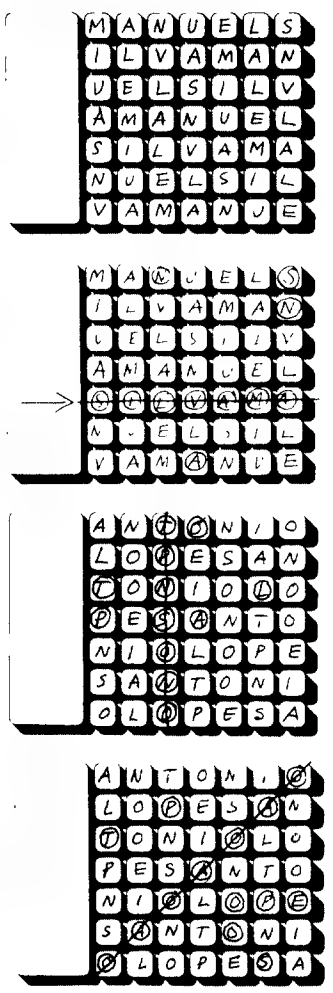
A partir do dia 24
poderá jogar connosco

Como se joga ao Jogo do Nome

Haverá seis jogos, e cada jogo dura quinze dias. Durante esses dias o «Diário de Lisboa» publicará uma grelha de 7 × 7 quadrados em branco, que o leitor deverá preencher em maiúsculas, inscrevendo o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, sem interrupções e suprimindo todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união, etc. O leitor deve usar rigorosamente os nomes (voltamos a dizer: **o primeiro nome** e **o último apelido**) tal como figuram no bilhete de identidade ou na cédula pessoal actualizados.

Depois é simples: o «Diário de Lisboa» sorteará todos os dias letras do alfabeto (3 nos dias úteis e 5 aos sábados) que o leitor deverá comparar com as da sua grelha: quando sair uma letra que figure na grelha, marca-a com um círculo. Quando obtiver uma linha de 7 letras, está em condições de se habilitar aos 25 magníficos prémios que temos para cada jogo

Para já o leitor fica com uma ideia do que é o fantástico Jogo do Nome. Dentro de dias publicaremos o regulamento, a lista de prémios e outros detalhes.



O modo como se preenche a grelha do Jogo do Nome, e três exemplos de «linha vencedora». Todos os dias o «DL» sorteia letras. Com essas letras, o leitor tentará completar uma linha da sua grelha... E o jogo começa já dentro de uma semana!

1600 contos em prémios

Do Minho ao Algarve todos vão jogar

do

Diário de Lisboa

● 1600 contos em prémios serão sorteados ao longo das 12 semanas do Jogo do Nome do «Diário de Lisboa». Cada jogo dura duas semanas. Você pode ganhar seis vezes!

Guerra Irão-Iraque

Tropas de Bagdade retomam iniciativa militar

O Iraque parece ter retomado a iniciativa dos combates, no terceiro dia da operação «Ramadão» lançada contra si pelos seu vizinho iraniano.

Ontem à noite, um comunicado do alto comando iraquiano afirmava que as forças iraquianas tinham conseguido limpar o território nacional das forças iranianas que o invadiram e que «o resto dessa força fora» totalmente destruída».

Um porta-voz militar iraquiano informou que 6070 soldados iranianos foram mortos desde o começo do conflito, um grande número feito prisioneiro e grandes quantidades de material militar destruído ou capturado ao exército iraniano.

Teerão, por seu lado, anunciou que lançou «uma vasta contra ofensiva» contra as forças iraquianas e que os combates se estendem agora a mais de 600 km do sector sul da frente onde os «combatentes do Islão», lançaram a sua ofensiva na terça-feira à noite. O comunicado militar iraniano não precisa o enquadramento geográfico deste ataque, mas afirma que 600 soldados inimigos foram mortos e feridos durante a operação.

As dificuldades sobre o terreno encontradas pelo Irão poderiam estar na origem da declaração de ontem do primeiro-ministro Iraniano na reunião de Nicósia dos não-alinhados, segundo a qual a queda do presidente iraquiano não era condição prévia para o fim do conflito.

O objectivo da ofensiva iraniana, segundo ele, seria impedir Bagdade de bombardear as cidades iranianas e de reconhecer os direitos do Irão «abafados pelo Iraque»

Segundo o embaixador do Irão no Vaticano, as tropas iranianas estão prontas para intervir contra as tropas israelitas no Líbano, conjuntamente com o Iraque ou atravessando o seu território, mas recusam a cooperação do presidente Saddam Hussein, «que nunca disparou uma bala contra Israel»

Entretanto o Iraque poderá denunciar o seu tratado de amizade com a União Soviética se este acordo não for cumprido nas circunstâncias actuais da invasão pelo Irão do território iraquiano, segundo julga saber hoje o quotidiano libânes «Al Nahar» que cita fontes diplomáticas.

Este tratado, válido por 15 anos, foi assinado em 1972. As relações entre o Iraque e a União Soviética não eram já muito calorosas antes do desencadeamento da guerra irano-iraquiana em Setembro de 1980 e foram-se degradando devido, nomeadamente, à recusa de Moscovo em fornecer certo tipo de armas ao Iraque.

Chiitas com Khomeiny

Uma quinta coluna de aproximadamente seis mil opositores iraquianos, juntou-se às tropas iranianas na sua avançada em territtorio do Iraque.

Este contigente, segundo algumas versões, ter-se-ia dispersado no território iraquiano, particularmente nas cidades santas de Karbela e Najaf. Nestas duas cidades concentra-se grande parte da população chiita, que os iranianos prometeram libertar antes que termine o Ramadão. Estes guerrilheiros Ala foram treinados pelas milicias de Khomeiny no campo para militar de Manzarieh, situado perto de Teerão e doutrinados politicamente em Qom, cidade próxima ao «centro de solidariedade islâmica com os deserdados». Para o treino dos rebeldes iraquianos, o Irão despendeu mais de 85 milhões de dólares, provenientes dos seus lucros petroliferos.

O grupo de guerrilheiros é apenas uma pequena parte dos 120 mil chiitas graquianos, ou de origem iraniana, que o presidente Saddam Hussein expulsou do Iraque nos últimos três anos, temendo uma subvelação filok-homeinista.

Geo invas

O sucessor de Alexander Haig no cargo de secretário de Estado norte-americano, George Schultz, criticou ontem, na cerimónia de posse, a invasão israelita do Líbano e declarou que esta questão constitui a «realidade central no Médio Oriente que deve ser resolvida com toda a urgência, tendo em conta as necessidades legítimas do povo pales-niano».

Schultz é velho amigo do secretário da Defesa, Caspar Weinberger, o qual se opôs repetidamente ao general Haig em matéria de política externa, relevantemente no capítulo das relações EUA-URSS.

Ao empossar Schultz, o presidente Reagan afirmou que o novo secretário de Estado é «um homem que inspira confiança». A sua designação é «um firme sinal para amigos e inimigos» lançado pelos Estados Unidos, disse o presidente.

De notar que a administração submeteu ontem ao Congresso um relatório sobre a questão da utilização por Israel de armas americanas no Líbano, de onde se conclui, segundo fontes próximas do Congresso, que o Estado judaico «talvez» tenha violado o acordo americano-israelita de 1952.

Este acordo proíbe Israel de utilizar material militar americano para lançar operações «ofensivas» fora do seu território.

Sabe-se, por outro lado, que o presidente norte-americano se avistará na próxima semana com os ministros sírio e saudita dos Negócios Estrangeiros.

Abdel-Halim Khaddam, da Síria e o príncipe saudita, Saud Al-Faisal visitarão Washington, como representantes da Liga Árabe.

Resultados finais das eleições no México

Os resultados finais das eleições presidenciais mexicanas foram ontem divulgados, mostrando Miguel de La Madrid, do Partido Revolucionário Institucional (PRI), com quase 75 por cento dos 22,5 milhões de votos depostos em 4 de Julho.

O Partido Acção Nacional (PAN), direitista, foi segundo, com 16 por cento, e o Partido Socialista Unidos (PSUM), pró-comunista, terceiro, com 3,6 por cento, revelam os números divulgados pela comissão eleitoral.

Não deverá ser ainda divulgada a constituição do Senado e do Congresso, mas o Partido Revolucionário Institucional deverá dominar as duas câmaras, como acontece há 50 anos.

De La Madrid foi declarado vencedor da eleição presidencial pouco após o encerramento das urnas.

Noticiário em colaboração com as agencias ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Acordo secreto França-URS

Paris desmen Washington ins

O ministério francês dos Negócios Estrangeiros desmentiu ontem alegações norte-americanas de que a França assinou um acordo secreto com a União Soviética.

«Desmentimos categoricamente que um acordo secreto tenha sido concluído com a União Soviética» – disse um porta-voz do ministério – «um protocolo financeiro foi assinado com esse país em 1980, nos termos do qual foram comunicados à **OCDE** (Organização para a Cooperação Económica e Desenvolvimento) e também aos Estados Unidos».

«Consideramos desolador que uma pessoa que pediu o anonimato, mas que é considerada responsável, possa fazer tais acusações» – acrescentou.

Um alto funcionário do Pentágono revelou que o facto de a França ter assinado um acordo comercial secreto com a **URSS** levou os Estados Unidos a apressarem sanções económicas contra Moscovo, o que está a prejudicar a construção de um gasoduto da Sibéria para a Europa Ocidental.

O mesmo informador disse que o acordo foi assinado furante a presidência de Valéry Giscard D'Estaing, antes de François Miterrand ter sido eleito.

Um porta-voz de Giscard qualificou estas informações de «fantásticas e irresponsáveis».

Washington insiste

O governo americano afirmou, ontem, que a França se abstivera, até ao momento, de comunicar a Washington o teor integral do acordo franco-soviético assinado em Fevereiro de 1980.

Interrogado quanto à existência de uma acordo secreto franco-soviético em matéria de créditos, que foi desmentido oficialmente pelo Quai D'Orsay na sexta-feira, o porta-voz do departamento de Estado, Dean Fischer, afirmou que os Estados Unidos e alguns países aliados tinham sido informados sobre a assinatura deste acordo franco-soviético, mas que as autoridades francesas «não nos comunicaram as cópias desse acordo».

Segundo o porta-voz, o governo francês teria informado os Estados Unidos e alguns aliados de que algumas das «disposições do acordo dificilmente permitiriam que a França participasse num acordo de restrição do volume de crédito à URSS».

Na cerimónia de posse

eorge Schultz criticou asão israelita do Líbano

O juramento do novo secretário de Estado norte-americano. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

A Casa Branca adiantou que ambos conferenciariam ainda com George Schultz.

Khaddam – recorde-se – repetiu quinta-feira na sessão das Não-Alinhados em Nicósia, que a Síria não acolheria os guerrilheiros da OLP, actualmente cercados na parte oeste de Beirute.

Contudo, fontes palestinianas e libanesas afirmaram pensar que a posição síria poderia ser negociável, esperando que pudesse registar-se uma evolução durante a visita a Washington.

Manifestações em Jerusalém e Beirute

Cerca de 20 000 palestinianos manifestaram-se ontem nas proximidades da esplanada das mesquitas El Aqsa e Omar, no sector oriental árabe de Jerusalém, contra a ofensiva israelita no Líbano.

Importantes forças israelitas foram despachadas para o local.

Um certo número de polícias israelitas foram feridos por arremesso de pedras, acrescenta-se da mesma fonte.

Os acessos à esplanada do Monte do Templo (Haram El Sherif) foram vedados. Helicópteros israelitas sobrevoaram o local, e a Polícia israelita deteve um número indeterminado de manifestantes.

Em Beirute, os muçulmanos organizaram também manifestações à saída das mesquitas, reclamando o levantamento do cerco a Beirute Ocidental. Reunidos em pequenos grupos, destilaram pelas ruas gritando «slogans» hostis a Israel e reclamando o levantamento do cerco aos bairros em que habitam.

Vários religiosos desfilavam à frente dessas manifestações, uma das quais se dirigiu para o Palácio da Presidência do Conselho, em Beirute Ocidental, onde apresentaram uma petição ao primeiro-ministro, Chafis Al Wazzan.

A comunidade muçulmana vive em condições difíceis por causa da falta de água e de gasolina e de produtos alimentares.

Gensher apela ao realismo

O ministro alemão federal dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, convidou hoje os Governos europeus a convencer os Estados Unidos do realismo.

À sua chegada a Bona, depois de conversações em Amã e no Cairo com o rei Hussein e o presidente Hosni Mubarak, Genscher declarou que a procura de uma mediação para resolver a crise de Beirute não deve fazer esquecer que o principal problema consiste em «traduzir na realidade o direito à autodeterminação do povo palestiniano. Chegou a hora de dar uma solução a este problema fundamental» acrescentou

Estas declarações de Genscher corroboram a posição assumida pela França e não se poderão desligar da geral condenação da agressão israelita feita na reunião do Movimento dos Não-Alinhados em Chipre.

Demitiu-se o presidente da Bolívia

O presidente boliviano Celso Torrelio Villa demitiu-se do seu cargo e o Estado-Maior das Forças Armadas passou a assegurar, provisoriamente, a chefia do Estado, revelou em La Paz o comandante-chefe da Marinha, vice-almirante Oscar Pammo Rodriguez.

Corriam, conforme ontem noticiámos boatos de golpe de Estado militar no país, o que provocou a inquietação entre a população e a entrada de prevenção dos sindicatos

O general Torrelio Villa indicara, porém, que se manteria à cabeça do Estado até que as autoridades militares decidissem destituí-lo das suas funções.

A demissão do general Torrelio Villa não é irrevogável e deve ser examinada pelas autoridades militares, que darão a conhecer na próxima semana, a sua resposta definitiva, revelou o vice-almirante Pammo Rodriguez.

O chefe do Estado-Maior do Exército, general Guido Vildoso, desmentiu, pela sua parte, que tivesse havido uma tentativa de golpe de Estado nas horas anteriores.

Os militares tomaram o poder na Bolívia na sequência do golpe de Estado de 17 de Julho de 1980 recorda-se.

Após dois anos de regime militar, os observadores põem em relevo o enfranquecimento da coesão no seio das Forças Armadas.

A decisão de organizar eleições gerais em Abril de 1983, surge como o último trunfo do general Celso Torrelio Villa ante a iminência de mudanças ao mais alto nível e a sua provável subsituição na chefia do Estado, pensa-se na capital boliviana.

Pela sua parte, os meios políticos bolivianos acolheram com satisfação a notícia de eleições em 1983, mas persiste a inquietação quanto a eventual tentativa de golpe de Estado militar.

Repressão nas Honduras

Centenas de professores saíram ontem à rua na capital das Honduras, em manifestação de protesto contra a ocupação da «Casa del Maestro» pelas autoridades no Poder, e contra a detenção de nove professores e uma jornalista, acusados de «espionagem» a favor da Nicarágua. A jornalista, Miriam Mercado, é correspondente da agência Nova Nicarágua.

Um porta-voz da Polícia secreta hondurenha declarou que as Forças Armadas serão implacáveis na luta contra o «terrorismo». O mesmo funcionário disse, em entrevista a um programa de Rádio, que os «terroristas» são ajudados pela União Soviética, Cuba Nicarágua. O estafado argumento do agente da Polícia secreta não impede o conhecimento de que, nas Honduras, operam contra o Governo do presidente Suazo, quatro grupos guerrilheiros: a Frente Morazan para a Libertação das Honduras, o Movimento de Libertação «Chinchonero», as Forças Populares Revolucionárias e o Movimento de Unidade Popular.

Diz o porta-voz da Polícia que as Honduras não permitirão a destruição das suas «instituições democráticas».

Recorda-se que a cidade de Tegucigalpa esteve há duas semanas dois dias às escuras na sequência de atentados contra postes de tensão.

A luta em El Salvador

Os guerrilheiros salvadorenhos repeliram uma força de dois mil soldados governamentais treinados pelos Estados Unidos, numa feroz batalha pelo controlo de três povoações junto à fronteira com as Honduras – afirmaram ontem fontes militares de San Salvador

As forças de guerrilha conseguiram repelir, antes do amanhecer, as tropas governamentais nas povoações fronteiriças de Carrizal, Ojos de Água e Las Vueltas, cerca de 45 quilómetros ao norte daquela capital

Várias companhias treinadas por especialistas norte-americanos haviam sido enviadas quarta-feira para a região e colocadas em semicírculo em redor das povoações. O fogo dos guerrilheiros, porém, manteve invioladas as suas linhas defensivas.

Fracassada esta ofensiva, as forças governamentais poderão tentar em breve outro ataque apoiado por artilharia e aviões de fabrico norte-americano, segundo observadores.

Os guerrilheiros mantêm-se naquelas povoações desde há três semanas.

URSS

ente nsiste

Esta moderada reacção do governo americano, face ao vivo desmentido do ministério francês de Relações Externas, é interpretada pelos observadores como um desejo norte-americano de minimisar o alcance desta nova controvérsia, registada no momento em que as relações euro-americanas em geral, e franco-americanas em particular, atravessam um período difícil.

Nos meios diplomáticos europeus de Washington põe-se a pergunta sobre os motivos que poderão ter levado dois altos responsáveis americanos do Pentágono a trazerem a público aquilo que a França considera como falsas revelações.

Nos referidos meios, apontam-se essencialmente dois motivos plausíveis:

– uma maioria de preparação da opinião pública europeia a uma provável recondução do acordo sobre os fornecimentos de cereais americanos à URSS.

– uma velada advertência ao novo secretário de Estado, George Shultz, dos que, no seio do governo americano, defendem a linha dura em matéria de política externa, nomeadamente para com os aliados europeus.

Pretória prepara nova agressão contra Angola

– afirma o embaixador Luís de Almeida

A África do Sul está a preparar um ataque militar de grande envergadura contra Angola – advertiu ontem em Nicósia o embaixador angolano em Paris, Luís Almeida.

O diplomata, que participa na capital cipriota numa reunião do bureau de coordenação dos Não-Alinhados, apelou igualmente aos países ocidentais para dissuadirem a África do Sul dos seus planos.

Nas suas declarações, citadas pela Rádio Nacional de Angola, pormenorizou que milhares de soldados sul-africanos e dezenas de aviões estão concentrados na fronteira norte da Namíbia.

Luís de Almeida afirmou que o seu país está pronto a estabelecer relações diplomáticas com os Estados Unidos, mas considerou inaceitável que Washington condicione isso à retirada das tropas cubanas de Angola.

O diplomata angolano fez votos para que os países do «Grupo de Contacto», nomeadamente os Estados Unidos, exerçam pressão sobre o governo sul-africano para que «negoceie seriamente sobre a Namíbia». Se a África do Sul voltar a atacar Angola «seremos forçados a congelar as negociações», disse Luís de Almeida.

General sul-africano

Um dos dois generais sul-africanos mortos quarta-feira passada num acidente aéreo em Pretória era supostamente o elemento de ligação com os rebeldes da chamada «Resistência Moçambicana», admitem fontes não oficiais em Maputo.

O nome de Van Niekerke, um dos generais que morreu no desastre, aparece assinalado em documentos capturados numa base rebelde, Garagua, tomada de assalto em fins de 1981 pelas Forças Armadas.

Nesses documentos, alguns dos quais foram tornados públicos como prova do envolvimento sul-africano, Niekerke surge referenciado em tarefas que configuram a sua função de elemento de ligação.

Dúvidas

O presidente do conselho de ministros instalado pela África do Sul na Namíbia pôs ontem em dúvida que o Grupo de Contacto tenha alcançado bons progressos com vista à implementação do plano de independência do território.

Num comunicado emitido em Windhoek, Dirk Mudge, que é também dirigente da Aliança de Turnhalle, assinala que os progressos registados se limitam aos princípios constitucionais do plano de independência, aparentando não dar grande importância às linhas gerais já traçadas da futura Constituição.

Minolta oferece agora mais três vantagens

1 Facilitamos a sua compra

2 Retomamos o seu velho copiador

3 Valorizamos mais o seu dinheiro

MINOLTA

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
NOPROCOPIA
Rua Sarmento Beires, 39 A/B
Telef. 88 30 25 / 6 1900 Lisboa

DISTRIBUIDOR EM LISBOA
CEBIT
Rua Sarmento Beires, 39, loja C 1900 Lisboa
Telef. 80 56 46 - 80 57 46 - 80 58 46 - 80 57 96

O pequeno EP 310 foi o primeiro fotocopiador a utilizar o Micro-toning System.
Admite papel de avião e até cartolinas.
Marque hoje mesmo uma demonstração.
Mostramos-lhe como o EP 310 faz cópias que parecem originais.

Desejo receber mais informações sobre o copiador Minolta EP 310 DL
Empresa _____
Pessoa a contactar _____
Morada _____
_____
Cód. Postal _____ Telefone _____

Plenário do C.C. do POUP

Remodelação do Comité Central reforça posição de Jaruzelski

Uma importante remodelação das instâncias supremas do Partido Operário Unificado Polaco, parece ter sido a principal decisão do nono plenário do comité central do POUP que ontem terminou em Varsóvia.

Stefan Olzowski, considerado como o «chefe da fila» dos duros no comité central do partido, Hoeronim Kubiak, apontado como «moderado» e Jan Labeski abandonaram os seus cargos no Comité Central (C.C) do POUP.

Olsowski era o responsável pela secção de imprensa e propaganda, correndo rumores em Varsóvia que poderá vir a ser nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros, cargo que já ocupou entre 1971 e 76. A sua demissão, sublinham círculos diplomáticos ocidentais da capital polaca, parece traduzir o reforço da posição de Jaruzelski. Segundo as mesmas fontes, Olzowski era considerado como «rival político» do primeiro-ministro. Nessa óptica, a eleição para o secretariado de Jan Glowczyk, membro suplente do «Potilburo» e redactor-chefe da revista económica «Zycie Gospodarcze», seria, aparentemente, para assumir as funções de Olzowski.

Para além de razões de ordem política interna, relacionadas com as novas directrizes políticas que Jaruzelski apresentará ao Parlamento polaco, a Dieta, na próxima quinta-feira, incluindo a possível libertação de 2.500 membros do «Solidariedade», observadores sublinham o mau ambiente que sempre rodeou os encontros entre Olzowski e os jornalistas, que o acusavam de «manipular a informação».

Já menor peso político tem o afastamento do professor de Ciências Humanas, Hieronim Kubiak, «um moderado» como o classificam as agências internacionais. Kubiak permanecerá no entanto como membro da comissão política, abandonando o secretariado do comité central, onde estava encarregado do pelouro das Ciências e da Educação.

Bem visto pelos sectores intelectuais polacos, o professor da Universidade Jagellon de Cracóvia, nunca conseguiu contrabalançar o peso e o conhecimento político do «duro» Olzowski. Eleito no 9º Congresso do POUP, há um ano, para membro do comité central, a sua actuação foi sempre muito apagada.

Quanto a Jan Labecki, organizador da célula do partido nos estaleiros navais Lenine de Gdansk, bacharel em Economia, era, aos 38 anos, o benjamim da comissão política. Desde a sua eleição para o cargo, há um ano, Labecki, viu deteriorarem-se rapidamente as suas relações, nunca muito cordiais, com o «Solidariedade».

Paralelamente o nono plenário do comité central do Partido Operário Unificado Polaco elegeu cinco personalidades para postos na comissão política e no secretariado. Para além de Jan Glowczky, Manfred Groywoda, Sahislaw Bejger, Stanislax Kalkus e Marian Wozniak foram os eleitos.

Observadores consideram que estas «mexidas» no órgão máximo do POUP, poderão reforçar a posição do primeiro-ministro e secretário do partido, general Jaruzelski, segundo a fórmula consagrada de «cortar à direita e à esquerda». Dessa forma também se deveria encarar a promoção do general Jozef Baryla, vice-ministro da Defesa, para o «Parlamento do Partido» – comité central – como membro suplente.

O general Jaruzelski

Por outro lado, sublinham círculos de Varsóvia, as alterações verificadas no C.C., poderão estar relacionadas com futuras medidas a tomar no campo económico. A eleição para o comité central de homens dedicados à reforma económica, desconhecidos a nível nacional, é o indicador utilizado por essas fontes.

Conversações em Bissau entre a Guiné e Cabo Verde

Delegações governamentais da Guiné-Bissau e de Cabo Verde iniciaram ontem, em Bissau conversações tendentes à resolução do contencioso existente entre os dois países desde 14 de Novembro de 1980.

Este primeiro encontro a nível dos Governos dos dois países, desde o golpe de Estado na Guiné-Bissau, realiza-se no quadro das decisões tomadas pelos presidentes Bernardo Vieira, da Guiné-Bissau, e Aristides Pereira, de Cabo Verde, na reunião do Maputo, em Junho.

O ministro guineense da Economia e Finanças, Vítor Monteiro, e o ministro cabo-verdiano da Justiça, Hopfer Almada, chefiam as delegações dos seus países.

À chegada a Bissau, Hpfer Almada escusou-se a falar dos pontos concretos das conversações, mas afirmou que a sua delegação se desloca «num espírito de abertura, entendimento, cooperação e solidariedade, no quadro das decisões dos dois chefes de Estado, no Maputo».

Os temas principais a tratar são os termos da extinção da antiga companhia mista de navegação Naguicave e o esclarecimento e a solução de atrasados comerciais e bancários.

Vinte bombas explodem numa noite

Atentados no País Basco e em Navarra

Vinte engenhos explosivos rebentaram na noite passada, pouco antes da meia-noite, nos edifícios oficiais de quatro cidades do País Basco espanhol e de Navarra, aparentemente sem fazerem vítimas, mas causando importantes prejuízos materiais, soube-se junto da polícia.

Sete explosões tiveram lugar em São Sebastião (província da Guipuzcoa), quatro em Bilbau (Biscaia), cinco em Vitória (Alava) e quatro em Pamplona (província da Navarra, limítrofe do País Basco), segundo as mesmas fontes.

Os primeiros engenhos examinados pelas forças da ordem eram compostos por «Goma – 2», explosivo próximo do plástico utilizado geralmente pela organização independentista basca, ETA-Militar (ETA-M). Visaram a delegação do Ministério das Finanças, da Indústria, Capitania Marítima, Palácio da Justiça, Tribunal de Menores, sede de sindicatos e escritórios da agência de imprensa espanhola «EFE».

Um correspondente anónimo anunciou por volta das 23 horas a iminência das explosões. Por outro lado, uma pessoa, testemunha de um dos sete atentados, afirmou a uma emissora ter visto afastar-se a toda a velocidade uma viatura sem matrícula em direcção a França pouco antes da explosão.

Em Bilbau, por volta das 23 horas duas bombas causaram estragos no Instituto Nacional de Previsão Metereorológica e uma outra atingiu as instalações de um dispensário da segurança social. Um quarto engenho explodiu contra o edifício do antigo sindicato vertical franquista (AISS).

O antigo sindicato único da era franquista foi também visado em Vitória pela explosão de três bombas, enquanto duas outras causaram prejuízos materiais no edifício do Institito Nacional de Metereorologia. No total, os cinco engenhos eram compostos por 9 quilos de «Goma – 2».

Finalmente, em Pamplona os bombistas escolheram quatro organismos oficiais: a delegação do Ministério do Trabalho, a do Ministério da Cultura, o Instituto de Saúde e a livraria universitária.

Grã-Bretanha

Greve dos ferroviários divide sindicatos

O estado-maior do «TUC», a poderosa confederação sindical britânica, reuniu-se ontem em Londres para decidir a atitude que irá adoptar face ao ultimato lançado pela «British Rail» aos 20 mil maquinistas que se encontram em greve desde há 13 dias.

Os principais dirigentes sindicais pareciam divididos, no início da reunião, quanto à oportunidade de fazer entrar o «TUC» na batalha. No seio da conferência tal como no Partido Trabalhista, os responsáveis perguntam se apoiar a «ASLEF», o sindicato dos grevistas, não equivale a enganar-se de batalha.

A «ASLEF» (Association o Locomotive Engineers and Firemen) recusa a introdução de horários flexíveis de 7 a 9 horas diárias em vez do dia de 8 fixas, única solução que permitiria, segundo a direcção da «British Rail», rentabilizar a rede ferroviária altamente deficitária. Mas esses novos horários já foram aceites por outros sindicatos dos caminhos-de-ferro, o «NUR» (National Union of Railwaymen).

Ontem de manhã, quando chegou à sede do «TUC», sir Weighell, o chefe do «NUR», foi vaiado por cerca de 50 membros do «ASLEF» e qualificado de «amarelo».

Essas divisões entre sindicatos e o facto dos horários flexíveis serem praticados em muitos países, incitam muitos dirigentes da esquerda a manifestarem uma certa reticência perante a greve da «ASLEF». Vêem na questão uma luta à partida perdida, inoportuna num momento em que o Labour se encontra mais dividido do que nunca e em que o governo conservador, beneficiando do «efeito Malvinas», dispõe dum avanço de vinte por cento nas sondagens de opinião.

Se um número substancial de maquinistas não regressar ao trabalho até 21 de Junho, a totalidade da rede será encerrada e todos os grevistas serão despedidos, preveniu a direcção da «British Rail». Só serão readmitidos se se comprometerem, por carta individual, a aceitar o princípio dos horários flexíveis. Quanto aos outros funcionários passarão a ser pagos pelo salário mínino enquanto durar o conflito. Assim, o semanário «The Economist» considera que, tal como o presidente Reagan com os controladores aéreos, a direcção da «British Rail» deverá agora anunciar o lançamento dum programa de formação de novos maquinistas para persuadir os grevistas de que correm realmente o risco de ficar sem emprego.

China mostra em filme o seu poderio militar

Pela primeira vez, a China Popular mostrou no estrangeiro um documentário, de 90 minutos, acerca do seu poderio militar, programado por cinemas de Hong Kong, que esgotam as lotações.

Intitulado «War Games In North China» (Grandes Manobras na China do Norte), comentado em cantonês e com legendas em inglês, a película está a ser exibida por uma cadeia de dez cinemas populares.

Este filme, de grande espectáculo, na acepção rigorosa da palavra, é na verdade uma montagem de três documentários, um dos quais mostra uma parada militar de duzentos mil homens.

O distribuidor de Hong Kong assegura que revenderá cópias a outros países estrangeiros.

Entretanto, no território britânico do Extremo Oriente faz-se bicha para ver este documentário.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

AV. PADRE CRUZ – 1699 LISBOA CODEX — PORTUGAL — TEL. 79 24 61

CURSO DE MEDICINA DO TRABALHO

De 26 de Julho a 6 de Agosto de 1982, encontram-se abertas as inscrições para a frequência do Curso de Medicina do Trabalho de 1982/1983.

As inscrições serão feitas em impresso próprio, que deverá dar entrada na Escola, acompanhado da documentação respectiva, até às 16.00 horas do dia 6 de Agosto de 1982.

É condição indispensável a licenciatura em Medicina.

A selecção dos candidatos far-se-á por provas de cultura geral, de adaptação psicotécnica e entrevista.

Os impressos e informações relativos ao Curso são fornecidos na Escola, na Av. Padre Cruz, ao Lumiar, 1699 Lisboa Codex, telefones:

— 792461, 795716, 795742, 795744 e 795793.

Lisboa, 9 de Julho de 1982.

O DIRECTOR,
Coriolano Ferreira

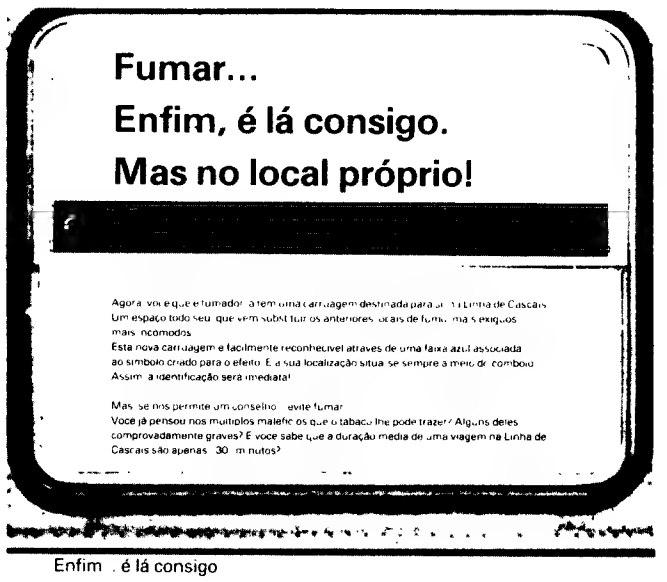
ADMISSÃO DE PREPARADORES DE LABORATÓRIO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DE 2.ª CLASSE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

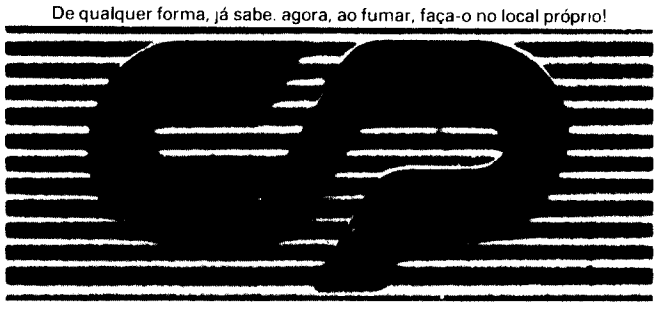
Para conhecimento de possíveis interessados se publica que se encontram abertas inscrições, para Preparadores de Laboratório de Anatomia Patológica de 2.ª classe neste Organismo.

Poderão candidatar-se os indivíduos habilitados com o respectivo Curso tirado ao abrigo da Portaria n.º 18 523 de 12.6.61, ou qualquer outro Curso a que tenha sido dada equivalência pelo Departamento de Recursos Humanos e o Curso Geral dos Liceus ou equivalente.

Os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, sito no Campo dos Mártires da Pátria, 91-2.º Esq. — Lisboa, das 9 às 12 ou das 14 às 16 horas.



Enfim, é lá consigo
De qualquer forma, já sabe, agora, ao fumar, faça-o no local próprio!



exclusivo

Atletismo etíope

O salto para o pódio olímpico

Mohammed Kedir, recente vencedor do «Cross Country Mundial» e da corrida dos 21 quilómetros de Milão

■ Vitor M. Carriba ☐ Prensa Latina

A Etiópia encontra-se num momento de novo arranque no atletismo internacional, especialmente nas longas distâncias e já não só devido às suas estrelas, como também graças à aparição de jovens atletas que avançam seguindo as pisadas dos famosos Abebe Bikila, Mamo Wolde, Miruts Yifter e Mohamed Kedir.

Os resultados das mais recentes competições internacionais dão bases reais a esta afirmação, apenas a dois anos da próxima Olimpíada de Los Angeles, onde muito poucos duvidam que este milenário país do Corno de África se consolide na mais eminente posição entre todos os Estados da África no pódio olímpico.

Se em 1980 a Etiópia conquistou em Moscovo o 18.º lugar na tabela final de posições por países e o primeiro no contexto africano, através das pernas de Miruts Yifter e Mohamed Kedir (medalhas de ouro e de bronze, respectivamente, nos cinco e dez mil metros planos), não se pode pôr de parte a possibilidade de que na próxima Olimpíada esse número de medalhas aumente, com a participação de mais campeões etíopes em maior número de disciplinas atléticas.

Entre os planos não oficiais, mas que se divulgam com certa discrição em Adis Abeba, existe a possibilidade de que Yifter se retire de uma das suas duas especializações actuais (cinco e dez mil metros), para disputar a corrida da Maratona e seguir as passadas do inolvidável Abebe Bikila, vencedor da Maratona Olímpica em Roma (1960) e Tóquio (1964).

Essa ideia esteve na mente dos treinadores da selecção nacional etíope pouco antes da Olimpíada de Moscovo, mas acabou por não ser posta em prática, ao que parece para poder assegurar as medalhas de ouro que acabaram por surgir ao peito de Yifter.

Mas, já depois do triunfo na capital soviética, a possibilidade tomou outra vez corpo e, segundo meios especializados, os aparentemente baixos rendimentos registados por Yifter nos últimos tempos podem constituir uma indicação de que a estrela do atletismo etíope poderá ter a vista e as acções dirigidas para a Maratona e não para as distâncias em que até agora competiu.

Essa explicação não é de todo descabida, apesar da desacostumada actuação de Yifter nas suas últimas apresentações internacionais (inclusivamamente um 16.º lugar nas pistas italianas em Março passado!), se se tiver em conta que o próprio Yifter declarou que «estou empenhado em participar e ganhar na mais longa corrida do atletismo: a Maratona».

Se Yifter participar na Maratona, a Etiópia teria uma nova via aberta para as medalhas olímpicas, mas não apenas uma. Também estão em plena forma o igualmente campeão Mohamed Kedir, o companheiro de Yifter em Moscovo, onde ganhou a medalha de bronze, e que acaba de ganhar na Itália o «Cross Country Mundial» e a corrida dos 21 quilómetros em Milão.

Também há Eshetu Tura, sexto lugar no «Cross Country» italiano e vencedor da corrida dos nove quilómetros e meio de San Vittore, na qual Kedir obteve o quarto lugar.

Mas além de tudo isso e com o detalhe especial de escrever estas linhas com dois anos de antecedência sobre a próxima Olimpíada, a Etiópia está a preparar um excelente grupo de jovens que já demonstraram que podem participar e obter muito bons resultados em competições internacionais e de envergadura.

Essa fonte de jovens promessas é composta por Adugna Lemma, Zuru-Bachew Gelaw, Teka Makonnen, Hunde Kume e Gonfa Negera, um quinteto que ocupou, por essa ordem, os cinco primeiros lugares na corrida de sete quilómetros realizada em Roma, também em Março.

Tantos nomes conhecidos, tantas estrelas já galardoadas e outras ainda por brilhar, tantos valores, podem levar a outras tantas e valiosas vitórias que façam a Etiópia ascender à cúpula do atletismo mundial, como potência absoluta nas longas distâncias.

Até à próxima Olimpíada, há muita pista para correr. Na opinião dos etíopes, há tempo suficiente para preparar uma equipa numerosa e de qualidade que participe em massa nas competições. Se em Moscovo se alcançaram quatro medalhas, agora trabalha-se aqui para que no próximo encontro olímpico esse número aumente com a actuação de consagrados corredores e de jovens valores, dignos frutos da Revolução na Etiópia. ■

Miruts Yifter tentará seguir as pisadas de Bikila

A equipa de corredores de grandes distâncias da Etiópia é calorosamente recebida ao chegar a Adis Abeba, com 18 troféus conquistados em competições de fundo nas pistas italianas, em Março passado. Na foto, vê-se Miruts Yifter, o terceiro a contar da esquerda para a direita

O inolvidável Abebe Bikila, vencedor da maratona olímpica de 1960, em Roma, e de 1964, em Tóquio

Um filme sobre Dimitrov:

"Advertência"

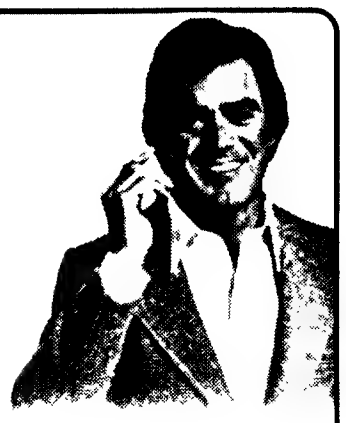
A vida de Gueorgui Dimitrov é o tema do filme «Advertência», o último trabalho do realizador espanhol Juan Antonio Bardem. A película, uma co-produção búlgaro-soviética, inscreve-se no quadro das realizações culturais que assinalam, na Bulgária, o centenário do nascimento do destacado dirigente político. O argumento foi escrito com a colaboração do escritor e dramaturgo búlgaro Luben Stanev.

Tendo como primeiras imagens a intervenção de Dimitrov no VII Congresso do Komintern, realizado em Julho de 1935, a acção de «Advertência» recua para os anos 1932/1933. «O discurso de Dimitrov no Congresso tinha como tema principal o balanço da sua actividade política nos anos precedentes que visavam a consolidação de todas as forças de esquerda contra o fascismo que se propagava rapidamente através da Europa», diz Bardem. «Vivia-se então a ameaça da Segunda Guerra Mundial» – recorda o cineasta salientando que hoje, «face a uma situação internacional igualmente preocupante, é muito oportuno realizar um filme sobre Dimitrov, um homem cuja existência foi uma luta encarniçada contra o fascismo e a guerra».

A rodagem de «Advertência» decorreu nos estúdios búlgaros de «Boiana» e de «A Dovjenko», em Kiev. Neste último foram montados os cenários para as sequências do «Reichstag». O edifício do Parlamento do Reich foi incendiado em 27 de Fevereiro de 1933 e Dimitrov acusado de ter tomado parte no «complot» comunista que o provocara.

Na prisão, Dimitrov preparou a sua defesa e no Tribunal de Leipzig, onde compareceu 7 meses depois da detenção, passou de réu a acusador, num processo que durou 9 dias e despertou admiração em todo o mundo. Demonstrou que o incêndio fora provocado pelos próprios nazis, que serviram de um marginal holandês, Van Verlubi. ■

Como beneficiar das suas faculdades pessoais?



Você pode compreender melhor o seu próprio carácter e personalidade. Reforçar a sua vontade e expressá-la. Fazer-se compreender e actuar positivamente. E, em suma, atingir a sua própria realização pessoal.

O estudo da Psicologia levá-lo-á a conhecer melhor os outros, as suas motivações e reacções e os mecanismos do comportamento. Influirá favoravelmente sobre a sua própria pessoa e sobre os seus amigos, familiares, companheiros de trabalho, clientes... Ganhe amigos e saiba convencer.

E isso é possível?

Claro que sim. A Psicologia ajudá-lo-á eficazmente. E agora já pode estudá-la em sua casa, com todas as garantias, seguindo o nosso *Curso Básico de Psicologia*. Escrito e dirigido por Catedráticos e Professores Universitários.

INTERESSE DESTE NOVO CURSO

O Novo Curso Básico de Psicologia **é de interesse geral, para conhecimento das leis essenciais que regem o comportamento humano, individual e colectivo.**
Curso de 9 meses de duração.

Decida-se a aperfeiçoar-se estudando psicologia moderna.
O Curso Básico de Psicologia **interessa tanto à sua vocação pessoal e às suas relações com os outros como à sua própria promoção profissional.**

ASSEGURE O SEÚ FUTURO

Ser oportuno nas decisões é muito importante

Envie-nos o pedido de informações anexo, ou ligue pelo telefone (926 06 57, fale com Rosária), e remeter-lhe-emos, gratuitamente e sem nenhum compromisso para si, todas as informações sobre: professorado, utilidade prática do curso, conteúdo do mesmo e garantias pessoais a que você tem direito.

RECORTE PREENCHA E ENVIE HOJE MESMO

OUTROS CURSOS:

DECORAÇÃO • DESENHO ARTÍSTICO • DESENHADOR INDUSTRIAL • DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL • MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS • MECÂNICO DE MOTORES «DIESEL» • LOCALIZAÇÃO DE AVARIAS DO AUTOMÓVEL • ELECTRICIDADE DO AUTOMÓVEL • TÉCNICO DE AUTOMÓVEIS • MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS COM ESPECIALIZAÇÃO • MESTRE TORNEIRO (TORNEIRO MECÂNICO) • SOLDADOR • TECNICO MECÂNICO • ELECTRICISTA • PORTUGUÊS • INGLÊS CETOPHONE • SECRETARIADO GERAL

CETOP CENTRO DE ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONAL A DISTÂNCIA
APARTADO 7 • MIRA SINTRA • 2726 MEM MARTINS CODEX • PORTUGAL

Queiram enviar-me, **grátis**, e sem compromisso, o folheto do curso de _____

NOME _____

MORADA _____

COD POSTAL _____ LOC _____ REF n.º - 21377

Se reside na Alemanha, França, Bélgica, Holanda ou Luxemburgo escreva para

EUROPOSTAL-CETOP Kolnerstr 65 — 4000 Düsseldorf

RN Tours VIAGENS TURISMO

FÉRIAS DE VERÃO 82

VIAGENS EM AUTOPULLMAN

BAIRRADA (2 dias)	3 950$00
MINHO E GERÊS (3 dias)	8 750$00
NORTE MARAVILHOSO (4 dias)	9 800$00
CEUTA E CADIZ (3 dias)	6 700$00
VIGO-CORUNHA-SANTIAGO (4 dias)	12 750$00
ANDORRA-BARCELONA (6 dias)	21 800$00
ROTA DOS PIRINEUS (8 dias)	26 800$00
MARROCOS IMPERIAL (9 dias)	29 300$00
CHARME DE PARIS (11 dias)	33 000$00
SUIÇA MARAVILHOSA (14 dias)	55 000$00
BELA ITALIA (16 dias)	78 000$00

VIAGENS DE AVIÃO

MADEIRA (8 dias)	desde	10 900$00
AÇORES (8 dias)	"	18 400$00
BENIDORM (9 dias)	"	20 600$00
PALMA DE MAIORCA (8 dias)	"	19 900$00
IBIZA (8 dias)	"	21 500$00
CANÁRIAS (8 dias)	"	18 600$00
LONDRES	"	16 950$00
GRECIA (8 dias)	"	50 750$00
TUNISIA (13 dias)	"	50 950$00
JUGOSLAVIA (8 dias)	"	36 880$00
HUNGRIA-CHECOSLOVAQUIA	"	44 480$00
BENELUX E VALE DO RENO	"	38 950$00

AUTO-FÉRIAS

HOTÉIS E APARTAMENTOS EM: ALBUFEIRA ★ PRAIA DA ROCHA BENIDORM ★ TORREMOLINOS MARBELLA, ETC.

GRANDES VIAGENS

CUBA HISTÓRICA (11 dias)	61 580$00
E.U.A.-CANADA (12 dias)	103 000$00
MEXICO (13 dias)	98 200$00
INDIA E NEPAL (12 dias)	92 370$00
TAILÂNDIA (11 dias)	73 100$00

CRUZEIROS

CRUZEIRO NO NILO (8 dias)	81 900$00
CRUZEIROS NO MEDITERRÂNEO (ILHAS GREGAS) (8 dias)	73 100$00

...E MUITAS OUTRAS SUGESTÕES

SOLICITE-NOS O PROGRAMA GERAL

RN Tours INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
LISBOA - Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1096 LISBOA Codex
Telefones: 56 00 15/16 - 56 34 51/52
Rua do Arsenal, 124-1 ° - 1100 LISBOA
Telefone: 36 75 29

OU NAS VÁRIAS AGENCIAS ESPALHADAS PELO PAIS: COIMBRA — Tel.: 2 29 44 • LEIRIA — Tel 2 24 13 • PORTO — Tel : 2 11 09 • SETUBAL — Tel.: 2 32 91 • FARO — Tel.: 2 30 25
P. ROCHA — Tel.: 2 23 70 • EVORA — Tel.: 2 42 54

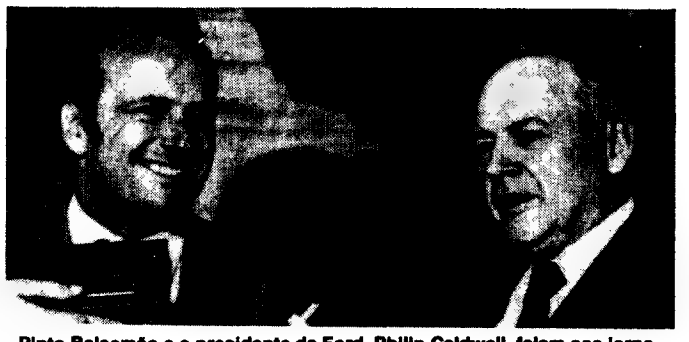
Admitido por Balsemão

Decisão da Ford depende ainda dos incentivos que virão a ser concedidos por Portugal

Pinto Balsemão destacou ontem, falando aos jornalistas, que o projecto Ford corresponde ao tipo de investimento que o Governo procura para viabilizar o empreendimento de Sines, pelas repercussões que tem no emprego, no desenvolvimento regional e na balança de pagamentos. No entanto a decisão da Ford de investir em Sines depende ainda dos incentivos a conceder por Portugal, os quais continuam por definir, segundo afirmou na mesma ocasião o Primeiro-Ministro português que considerou, porém, que a a parte mais difícil das negociações estava já ultrapassada.

Espera-se que a decisão final da referida multinacional seja tomada em Novembro tendo o presidente da Ford, Phillip Caldwell, que ontem visitou o complexo de Sines, mostrado-se impressionado com o desenvolvimento daquele , conforme ontem afirmou depois do encontro com Pinto Balsemão.

Caldewll salientou ainda as excelentes relações que a empresa mantém com Portugal desde que há 15 anos se instalou no País e referiu que a unidade de montagem de 200 mil automóveis, a ser instalada em Sines, será uma das mais modernas e visa concorrer nos mercados europeus.



Pinto Balsemão e o presidente da Ford, Philip Caldwell, falam aos jornalistas sobre o projecto da companhia para Sines

O Primeiro-Ministro português viria a afirmar ainda que quando «uma companhia como a Ford escolhe Portugal para um projecto desta dimensão valoriza ao mesmo tempo as nossas potencialidades e a nossa capacidade para atrair outros investimentos estrangeiros».

Conforme ontem noticiámos, a Ford deverá investir em Sines 72 milhões de contos numa unidade de montagem de automóveis, cuja produção deverá ser a de 200 mil veículos por ano, dos quais 95 por cento serão destinados à exportação, o que fará da Ford Sines o principal exportador português. Este projecto irá criar, inicialmente, cinco mil postos de trabalho directos e mais cerca de seis mil indirectos.

Negociações com a CEE

Fecho do "segundo pacote" adiado para Setembro

O segundo pacote das negociações de adesão de Portugal à CEE deverá ser encerrado numa reunião ministerial a realizar em Setembro indicou ontem à ANOP, em Bruxelas, uma fonte ligada à presidência dinamarquesa.

Aquela fonte adiantou que está definitivamente posta de parte a possibilidade de organizar uma sessão ministerial com Portugal durante este mês, como pretendia o Governo português.

Esta sessão destinar-se-ia, essencialmente, a tentar um acordo definitivo sobre o regime da exportação têxtil nos períodos pré e pós adesão.

A delegação dinamarquesa, que desempenha, no actual semestre, a presidência do Conselho de Ministros comunitário, considerou inoportuna a realização da reunião dado que não existe sequer, por enquanto, uma posição comum dos estados membros, sobre a questão têxtil.

Os ministros dos «Dez» tentarão chegar a um consenso sobre a matéria na reunião do Conselho marcada para segunda-feira, em Bruxelas.

A presidência tem desenvolvido, nos últimos dias, um esforço intenso para estimular um acordo entre os estados membros, na base das linhas gerais indicadas na proposta de compromisso elaborada pela comissão no início de Junho.

A delegação francesa coloca as dificuldades maiores no que respeita ao regime transitório que deverá vigorar depois da entrada de Portugal como membro de pleno direito.

Para o período de pré-adesão, os principais obstáculos são levantados pelo Reino Unido.

Se os «Dez» chegarem a uma posição comum na segunda-feira, o ministro dos Estrangeiros da Dinamarca, que visitará oficialmente Lisboa no dia 21, tentará estabelecer, com as autoridades portuguesas, um método que permita um acordo entre as duas partes ainda em Julho.

Uma eventual solução do problema têxtil nas próximas duas semanas, deixaria isoladas, para a ministerial de Setembro, questões de carácter essencialmente técnico, onde a aproximação de posições não levanta dificuldades significativas.

Questões em aberto

Depois da sessão de suplentes ontem efectuada em Bruxelas, os principais pontos em aberto nos cinco «dossiers» do «segundo pacote» podem agrupar-se do seguinte modo:

FISCALIDADE – Não estão negociadas as modalidades de aplicação do imposto sobre valor acrescentado, isto é, as listas de actividades que beneficiam de isenções. Não foi também estabelecido o estatuto especial para a aplicação do IVA nas regiões autónomas.

DIREITO DE ESTABELECIMENTO – Falta apenas formalizar acordos sobre dois pontos; os limites impostos à banca comunitária para a captação de recursos no mercado interno, e a liberdade de acesso ao sector mineiro e à actividade cinematográfica.

TRIBUNAL DA COMARCA

DE MONTEMOR-O-NOVO

ANÚNCIO

Pelo Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado JOAQUIM FLORINDO DA SILVA SOUSA CRUZ, casado, comerciante, residente em Viana do Alentejo para no prazo de 10 dias, posteriores àquele dos éditos, reclamrem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução sumária movida por Manuel Rebotim Pereira, casado, comerciante, residente em Vendas Novas.

Montemor-o-Novo, 23 de Junho de 1982

O JUIZ DE DIREITO,
Fernado António da Silva Santos
O CHERFE DA SECRETARIA,
Jorge Lourenço Lucas

DL – 17/7/82 - 2.ª Publicação

INSPECTOR COMERCIAL RESIDENTE EM LISBOA

PARA CONTROLAR REDE DE ESCRITÓRIOS EM LISBOA — SETÚBAL — FARO E ÉVORA

QUEREMOS PROFISSIONAL RESPEITÁVEL COM ELEVADO SENTIDO DE ANÁLISE CRÍTICA E CAPACIDADE DE CONTROLO E DINAMIZAÇÃO DE REDE DE VENDAS. INDISPENSÁVEL CARRO PRÓPRIO

LUGAR DE MUITO PRESTÍGIO E ELEVADO RENDIMENTO MENSAL

RESPOSTA COM TODAS AS INDICAÇÕES POSSÍVEIS E FONTES DE INFORMAÇÃO EM CARTA DIRIGIDA À OPAL — PUBLICIDADE — AO N.º 16633

R. DO BONJARDIM, 276-2.º — 4000 PORTO

DESPORTO

Futebol: Otto Glória quase como seleccionador

Será desta?

A notícia foi posta a correr durante o mundial, em Espanha, quando Otto Glória (em Sevilha) assistiu, na bancada geral, aos três jogos da turma da sua nacionalidade e, para alguns amigos, confidenciou que estava a ser desejado pelo Barcelona e pelo Atlético de Madrid mas que o seu sonho maior seria continuar carreira em Portugal, talvez aceitando uma proposta que há largo tempo lhe fora apresentada pelos federativos, no sentido de assumir o comando da selecção nacional de futebol.

Otto Glória, que está já desligado de qualquer compromisso com o futebol nigeriano (que muito auxiliou a planear) continua proprietário de alguns apartamentos na zona lisboeta e na Costa do Sol, aproveitando todo o tempo livre para vir até ao nosso país reencontrar-se com os muitos amigos que por cá conta. Daí que não seja de admirar que, depois de vários convites terem sido recusado (um, a conhecido jornalista, valeu cinco abordagens e a mesma terminante não aceitação) a personalidade de Otto Glória volta a estar no comando do nosso futebol, prolongando um trabalho ainda recordado com saudade e muita admiração.

Espera-se que, pelo menos até à véspera do jogo dos portugueses com a Finlândia (em Setembro) a Federação se digne perder um minuto do seu precioso tempo e designar o responsável pelo ataque luso ao comapeonato europeu que já bate á porta. A concretizar-se a aceitação de Otto Glória e o provável apoio que lhe poderia ser dado por um treinador de campo (fala-se em José Augusto ou Toni) estaria, finalmente, encontrada uma solução que, embora partindo tardiamente para a tarefa a desenvolver reuniria um quase consenso geral de aprovação.

Ferencvaros na Luz

Pelas 21 horas do próximo dia 26 (segunda-feira) o Benfica recebe em jogo particular a turma hungara do Ferencvaros. Depois, entre 29 do corrente e dez de Agosto, excursiona pelos Estados Unidos da América do Norte e Canadá, estando já prevista a hipotese de, a 7 de Setembro (no Maracanã) a formação da Luz actuar perante o Vasco da Gama, dentro do cartaz comemorativo do Dia da Indpendência do Brasil.

Em complemento à informação oportunamente dada pelo «DL» no tocante a dispensas do «plantel» da águia, mais uma notícia:Paulo Campos deve ingressar no Varzim, avolumando o bloco de despedidos do grupo benfiquista, acompanhando (portanto) o brasileiro César, um trio que toma o rumo do Farense (Vital, Joel e Jorge), Parente (que vai para o Académico de Coimbra), Artur Semedo e Gabriel (firmes no Benfica de Castelo Branco), Nascimento (já no Vitória de Setúbal) , Botelho (transferido para o Amora) e Reinaldo e Alberto (no Boavista). Laranjeira, Cavungi, Toni e Santana ainda não escolheram novo patrão, mas igualmente deixam a Luz.

Braga apresenta-se

Júlio Cernadas Pereira (Juca), ex-seleccionador nacional, foi apresentado aos futebolistas profissionais do Sporting de Braga, que iniciam os treinos na 2.ª feira na Serra do Gerês. Juca disse na apresentação que o espírito de equipa é muito importante para o fortalecimento de um conjunto de futebol, afirmando que **«a partir de agora vamos alicerçá-lo e reforçá-lo»**.

Atendendo à proximidade do jogo com o Swansea (do País de Gales), para a «Taça das Taças», em Agosto, Juca disse que a equipa vai acelerar a preparação nas primeiras semanas, para atingir nessa altura um nível já elevado. Os encontros com a equipa britânica efectuam-se a 15 e 25 de Agosto, jogando o Sporting de Braga a 1.ª mão no campo do adversário.

Na sessão de apresentação aos jogadores não estiveram presentes o presidente do clube (José Gomes, ausente no Brasil) e o vice-presidente, João Carvalho (em viagem na Europa) e três novos jogadores, por motivos justificados: Manoel (ex-Farense) Hélder (ex-Ac. Viseu) e Melo (ex-Quimigal). O avançado Chico Faria não renovou o contrato com o clube, que manteve 19 jogadores da época passada, promovendo igualmente alguns ex-júniores. O Sporting de Braga poderá ver reforçada a sua equipa ainda com mais dois futebolistas: um brasileiro e um europeu. Juca terá como técnico-adjunto Fernando Palmeira, que se encarregará da preparação física.

A propósito de Braga: mantém-se o interesse pela contratação do sueco Peter Fredriksson, dianteiro do Oesters.

Chico Faria em Penafiel

O «internacional» Chico Faria trocou o Braga pelo Penafiel.

Técnico alcobacense

Orlando Moreira (que estava à frente do Sacavenense) é o novo responsável pela formação do Ginásio de Alcobaça.

Teixeira firme no Marítimo

Afinal, tudo voltou ao ponto inicial: António Teixeira assinou contrato como treinador do Marítimo, ficando ultrapassada a hipótese de Quinito ingressar no comando dos jogadores funchalenses.

Selecções desportivas

O n.º 26 de «Selecções desportivas» (da responsabilidade do jornalista Henrique Parreirão) foca, muito especialmente, a vida do sportinguista Oliveira («Prémio de Imprensa» e «Prémio CNID») e no apogeu da sua carreira como futebolista. Depois é o «mundial» em Espanha a cativar as atenções, para além deste número de «Selecções desportivas» lembrar Cassius Clay e três futebolistas com sortes diferentes: o germânico Sepp Maier, Vítor Martins e Sousa.

Alterações

Algumas alterações na ordem dos jogos da «Taça dos Vencedores das Taças» e da «Taça UEFA» foram anunciadas, após o sorteio das três competições europeias.

- «Taça dos Vencedores das Taças»: Galatassary (Turquia) - Kuusysi (Finlândia) e Lokomotiv Sófia (Bulgária) - Paris St. Germain (França).
- «Taça UEFA»: Ferencvaros (Hungria) - Atlético de Bilbau (Espanha), Anderlecht (Bélgica) - Kuopio (Finlândia) e Slavia Sófia (Bulgária) - Sarajevo (Jugoslávia).

Peru: balde de água fria

Nenhum dos 16 clubes da 1.ª divisão do Peru está interessado nos jogadores internacionais César Cueto, Guillermo la Rosa e José Velasquez que participaram no Mundial de Espanha.

Entretanto, os peruanos nada querem saber de futebol depois do fracasso no «Mundial», temendo-se que este ano os estádios tenham pouco público.

Os três jogadores internacionais são muito caros e depois do fracasso da selecção do Peru no «Mundial» pouco interesse existe por eles, referem círculos desportivos no Peru.

Otto Glória: pode contar com o nosso voto

Contudo, especuladores sobre o destino dos futebolistas não faltam tal como Cueto e La Rosa voltarem para o Medellin, Colômbia, enquanto Velasquez seria contratado pelo Real Madrid.

Ao certo, nenhum dos integrantes da selecção nacional firmou qualquer contrato com clubes estrangeiros, à excepção de Teófilo Cubillas, que joga no Strikers, dos Estados Unidos, e Juan Carlos Oblitas e Percy, no Sresien, da 2.ª divisão belga, assim como Guillermo Barbadillo, na Universidade Nova de Leon, México.

Bearzot: senador vitalício

O técnico da selecção italiana, Enzo Bearzot, poderá vir a ser nomeado senador vitalício pelos seus serviços prestados ao desporto, segundo uma proposta apresentada pelo Município de Aiello, sua terra natal.

O pedido foi endereçado ao presidente italiano, Sandro Pertini, admirador de Bearzot e entidade competente para atribuir o título proposto.

Segundo a Costituição do país, o presidente tem a faculdade de atribuir o título de senador vitalício de Itália a cinco individualidades durante o seu mandato de sete anos.

Telegrama de Samaranch

O presidente do Comité Internacional Olímpico, Juan António Samaranch, enviou um telegrama de parabéns ao ministro espanhol do Interior, Juan José Roson, pelo modo como decorreu o Mundial de Futebol, em matéria de segurança.

MICROSCÓPIO

Esgrima: mundial

O soviético Alexander Romankov conquistou, pela 4.ª vez, o título mundial de florete, a primeira final dos dez dias de competição dos 32.ºs campeonatos mundiais de esgrima, em Roma.

Boa tarde

Federação de Futebol: agora orgulhosamente só

Uma onda de indiferença, de desleixo, de enigmático conformismo ou de inacreditável passividade continua a tolher, de reumatismo agudo, este pobre futebol português que nos vai sendo debitado pelo organismo máximo da modalidade: a Federação, que persiste em sorrir de desdém para toda e qualquer crítica, preferindo acumular erros com soberana mas tola vaidade.

São em torrente os motivos de censura que podem quotidianamente engrossar o rol: desde aquela louca fantasia que está a rodear de ligas e liguinhas um calendário da mais alta instância que ninguém pode afoitamente prever como será organizado até ao supra-sumo de continuarmos, já com cartaz de espectáculos marcado e problemas à porta, sem uma figura designada como seleccionador, a desmentir a palavra de honra dada em Maio (há dois meses) pelo presidente federativo Romão Martins, que garantia a pés juntos que o novo responsável pela escolha do «team» de todos nós entraria em funções bastante antes do Mundial futebolístico, até para já poder observar em terras espanholas os «onzes» da União Soviética e da Polónia, adversários que nos tocam em sorte na caminhada para o torneio europeu que dá os primeiros pontapés em Setembro.

Romão Martins (e, implicitamente, todo o elenco da Federação da Praça da Alegria) mentiu às Associações e clubes de que é mandatário, falhou perante a totalidade da opinião pública, enganou quantos acreditavam que os homens tinham palavra e sabiam cumpri-la.

Depois da triste e bem lamentável farsa do sobe-desce, aí temos um outro capítulo inédito no futebol mundial: Portugal é o único país que não sabe às quantas anda, nisto de selecção para o Campeonato Europeu. Fechada dentro de uma cada vez mais diluída e falsa capacidade, encerrada em tosca torre de marfim, a Federação sorri de quem lhe aponta os erros, venham os comentários da longa voz do Povo ou, como sucede já, da cúpula da Direcção-Geral dos Desportos, com o professor Lopes Marques a prometer severa intervenção estatal para tentar emendar o **dolce farniente** de quem somente se preocupa com umas passeatas e umas dúzias de banquetes. Chegamos à dolorosa encruzilhada: ou a Federação arrepia imediatamente caminho e marca uma personalidade que se torne inatacável ou resta-lhe, apenas, só e muito rapidamente, sair pela porta das traseiras em bloco mas de cabeça em baixo.

Neves de Sousa

Placard

Ginástica honrada

De Zurique, a notícia. a Classe Especial de Homens, do Ginásio Clube Português, foi a única classe portuguesa seleccionada para o **grupo das 15 melhores do Mundo** entre as 153 classes presentes na maior manifestação mundial da ginástica de grupo, que é a «Gymnaestrada-/82». A derradeira exibição da classe portuguesa do Ginásio Clube Português, dirigida pelo prof. Sidónio Serpa, tem lugar amanhã em Zurique. O regresso da comitiva ginasista está previsto para as 19 horas de segunda-feira ao aeroporto da Portela.

Ténis por cá

O norte-americano Rocky Royer e o sul-africano Robie Venter disputam hoje a final do «Open» de Portugal em Ténis, em Lisboa, dotado com prémios de 25 mil dólares, cerca de um milhão de escudos. Royer bateu o espanhol Francisco Ferrer (6-2 e 6-0) enquanto Venter venceu o inglês Andrew Jarret (6-3 e 6-1). Em pares, o brasileiro Eduardo Oncins e o norte-americano Akel foram apurados finalistas devido a uma incorrecção do australiano McCurdy para com o público, que justificou expulsão. No outro encontro, os britânicos Jarret e Feaver afastaram os seus compatriotas Dier e Lewis, por 6-0 e 1-0, seguido de desistência.

Ténis de mesa: derrota lusa

Portugal foi vencido pela Grécia, por 5-4, nos campeonatos da

Continua na pag 18

Ardilles e Kempes: cautela e caldos de galinha

Os futebolistas argentinos Osvaldo Ardilles e Mário Kempes não viajaram ontem, para Cape Town onde deviam participar no primeiro encontro de uma digressão de uma equipa pela África do Sul. Os dois jogadores aguardam em Joanesburgo uma autorização dos clubes a que ainda estão vinculados para participarem na digressão.

Jimmy Hill, um dos elementos ligados à organização, disse que Ardilles recusou-se a jogar se isso pudesse vir a prejudicar a sua carreira de futebolista. O Tottenham, clube a que Ardilles se encontra ligado até ao fim do mês, avisou o jogador para não disputar qualquer dos seis jogos previstos sob pena de a sua transferência para o Paris Saint Germain ficar comprometida. Kempes pertence ao Valencia e este clube espanhol ainda não aprovou a participação do jogador na digressão.

A «selecção internacional» de futebol, que disputou ontem à noite, na cidade do Cabo, o primeiro dos cinco encontros da sua digressão pela África do Sul, empatou a zero bolas com uma selecção regional, na presença de 15.000 pessoas. A «selecção internacional» foi, com efeito, composta unicamente por jogadores britânicos de segundo plano e por antigos «internacionais» em fim de carreira. As grandes «estrelas» não jogaram, pois a FIFA fez saber que sancionaria severamente os jogadores que participassem em qualquer jogo desta digressão pela África do Sul.

Hinault impávido no "Tour"

O suíço Beat Breu venceu a 13.ª etapa da «Volta a França» em bicicleta disputada entre Pau e Saint-Lary Soulan (122 quilómetros). Na 2.ª posição chegou o francês Robert Alban (a 40 segundos de Breu) e 3.º o espanhol Albert Fernandez. O francês Bernard Hinault conservou a «camisola amarela», classificando-se em 6.º lugar, a 54 segundos do vencedor. O autraliano Phil Anderson perdeu mais um minuto em relação a Hinault.

Breu, que venceu a «Volta à Suíça», confirmou nesta segunda etapa nos Pirenéus as suas capacidades. A 1680 metros de altitude, na localidade de Plat D'Abet (Pirenéus), Breu distinguiu-se como o melhor trepador da edição do «Tour» de 1982. Tirada curta, mas nem por isso menos dura que a precedente, esta 2.ª e última etapa nos Pirenéus teve no mote de Aspin, uma contagem de primeira categoria (1489 metros de altitude), onde o francês Laurent foi o primeiro. A oito quilómetros da meta, porém, Breu destacou-se de um grupo de 50 ciclistas, pedalando a partir de então sozinho para o triunfo.

Classificação geral: 1.º, Bernard Hinault, França, 56 h 30 m 40 s; 2.º, Phil Anderson, Austrália, a 3,12; 3.º, Joop Zoetemelk, Holanda, 4,31; 4.º, Bernard Vallet, França, 5,40; 5.º, Johan Van Der Velde, Holanda, 7,26; 6.º, Jostein Wilmann, Noruega, 8,18; 7.º, Beat Breu, Suíça, 8,35; 8.º, Hinnie Kuiper, Holanda, 8,55; 9.º, Peter Winnen, Holanda, 9,13; 10.º, Raymond Martin, França, 9,43.

Prémio Sical

Em prosseguimento do apoio que a Sical (Sociedade Importadora de Cafés, Ld.ª) tem dado a diversas actividades desportivas, vai realizar-se, de 21 a 25 deste mês, o III Grande Prémio Sical, em ciclismo.

De pedalada em pedalada os concorrentes vão percorrer, de Évora ao Porto, um percurso definido pela Associação de Ciclismo do Porto em conjugação com a Sical. Os vários aspectos deste acontecimento no nosso ciclismo, foram já apresentados aos órgãos de Comunicação, em conferência de Imprensa conjunta da Administração da Sical e das Direcções da Associação de Ciclismo do Porto e da Federação Portuguesa de Ciclismo, que decorreu na delegação de Lisboa daquela empresa.

O III Grande Prémio Sical terá 6 etapas, num total de 659 km. de estrada. A 1.ª etapa decorrerá (no dia 21) entre Évora e Portalegre (161km.) com partida por volta das 14 horas e 30. Entre Castelo de Vide e Castelo Branco (78 km.) vai ser disputada a 2.ª etapa (dia 22) com partida prevista para as 16 horas. No dia seguinte. os concorrentes farão, a partir das 14.30, o percurso Castelo Branco - Coimbra (157km.), assim se concluindo a 3.ª etapa. Segue-se (dia 24) a estrada Coimbra - Viseu (106 km.) com partida à mesma hora, para esta 4.ª etapa. A 5.ª tirada será no dia 25. entre S. Pedro do Sul e Aveiro (77 km.) começando desta vez logo pela manhã, às 9.30. E, finalmente, a 6.ª etapa ligará Ovar ao Porto.

Apresentação do «Grande Prémio Sical»

DESPORTO

ponta esquerda

Luís Vargues dopado no "Prémio do Minho"

Mais uma «bronca» no atribulado ciclismo português: Luís Vargues, o ciclista do Bombarralense/Agriful que vencera o «Grande Prémio do Minho», ficando com o direito (aparente) a receber cem notas de mil, foi considerado «dopado» no exame realizado através da Direcção-Geral do Apoio Médico. Luís Vargues, que perde o direito a qualquer prémio nessa corrida, cede a vitória para Adelino Teixeira e, para já, fica suspenso pela Federação e impedido de participar na próxima «Volta a Portugal».

Hilário e Custódio Pinto acusados de "corrupção"

A Associação Desportiva da Guarda (ADG) acusou de suspeita de corrupção os treinadores do Sporting da Covilhã e da Oliveirense, clubes da 2.ª Divisão nacional de futebol. Em comunicado tornado público, a ADG manifesta a disposição de processar judicialmente os treinadores Hilário e Custódio Pinto, respectivamente da Covilhã e Oliveirense.

As suspeitas do clube guardense referem-se ao jogo entre aqueles dois clubes, realizado em 30 de Maio, ganho pela Oliveirense, e que, por decisão da Federação Portuguesa de Futebol, foi dado como favorável ao Covilhã. A decisão da FPF baseia-se em irregularidades alegadas pelo Covilhã, no jogo que disputou com o clube nortenho.

A ADG anunciou a sua posição de intentar judicialmente contra a direcção da Associação Desportiva Oliveirense **«pela negligência demonstrada na contestação, entregando o recurso fora do prazo»**.

O clube guardense defende que a falta da Oliveirense, ao jogar naquele encontro com um jogador punido, seja abrangida pela amnistia resultante da visita do Papa João Paulo II a Portugal.

Académico de Coimbra suspende basquetebol

A Direcção do Clube Académico de Coimbra decidiu suspender de imediato toda a actividade da sua secção de basquetebol. A atitude é justificada face à inviabilidade económica e também como protesto pelas recentes atitudes assumidas pela Federação Portuguesa de Basquetebol.

Norton de Matos: nada com o Benfica?

O presidente do Portimonense desmentiu a existência de contactos com o Benfica para a transferência do avançado Norton de Matos. Manuel João, esclareceu (assim) uma recente notícia divulgada por elementos afectos ao Benfica, a qual indicava que Norton de Matos iria ser transferido do Algarve para a Luz. Norton de Matos tem um contrato com o clube algarvio válido por quatro épocas, existindo no entanto uma cláusula que possibilita a rescissão do mesmo desde que haja acordo mútuo. **«Isso está, porém, fora de hipótese neste momento e nenhum dirigente do Benfica contactou comigo com vista a uma eventual transferência do futebolista»**, acrescenta o presidente do Portimonense.

Breitner renuncia

Paul Breitner (31 anos) não quer voltar a jogar na equipa nacional de futebol da RFA. O «capitão» do «onze» alemão anunciou a sua decisão no livro «Futebol-Taça do Mundo 1982», que apresentou ontem aos jornalistas.

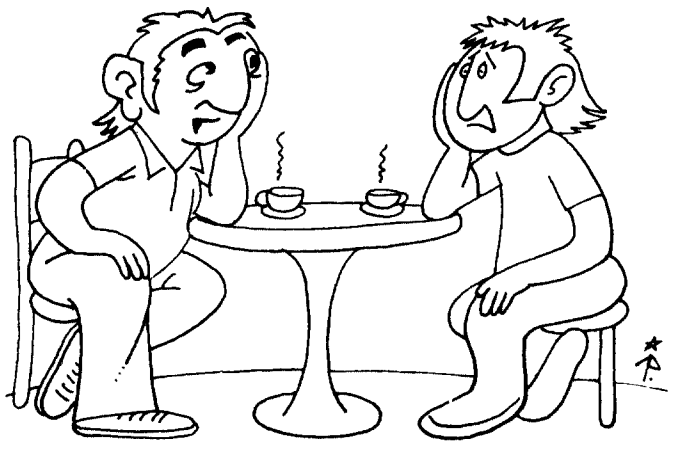
«A minha decisão nada tem a ver com a derrota da RFA», explicou Breitner numa entrevista dada nos Estados Unidos, onde passa férias actualmente. «Ela deve-se unicamente a razões pessoais. Desprezei muito a minha vida familiar nos últimos quinze meses», acrescentou, referindo que tinha informado em Espanha o seu treinador Jupp Derwall acerca da sua decisão. Derwall ainda não acredita numa decisão definitiva de Breitner. **«Quando o Paul regressar, voltarei a falar com ele»**, declarou o treinador.

Falcão vale 100 mil contos

O presidente do Internacional de Porto Alegre revelou o interesse do clube pela compra do futebolista brasileiro Falcão, que joga actualmente no Roma. Frederico Balve acrescentou que o seu clube vai tentar todas as negociações possíveis para a concretização da transferência, que poderá rondar 1.200.000 dólares, cerca de 100 mil contos.

Balve disse que esta quantia foi estipulada tendo em atenção que o contrato de Falcão com o Roma termina em Julho do próximo ano.

O traço de Pargana



Sem futebol, como é que a gente se entretém?

GP de Inglaterra

Keke Rosberg à frente da "grelha" de Brands Hatch

O finlandês Keke Rosberg registou ontem o melhor tempo na sessão de treinos para o Grande Prémio de Inglaterra de Fórmula Um, a disputar amanhã.

Rosberg, ao volante de um Williams, gastou o tempo de um minuto e 9,54 segundos (à média de 217,74 quilómetros horafios) para uma volta ao circuito, menos de metade de um segundo que o francês Didier Pironi, (1.10,06 minutos) vencedor do Grande Prémio da Holanda.

Rosberg (33 anos) que nunca ganhou um Grande Prémio nas 44 corridas em que participou nos últimos quatro anos, provou a sua boa forma com um tempo que é recorde oficioso da pista.

O brasileiro Nelson iquet, actual campeão do mundo, alcançou o terceiro lugar (num Brabham) com 1.10,41 minutos. **Estou muito contente, o carro estava a trabalhar bem e não tive problemas, mas ainda é muito cedo para falar da corrida de domingo,** comentou Rosberg, cujo passatempor é voar.

Entretanto, o britânico Nigel Mansell regressou à escuderia da Lotus depois de ter ficado seriamente lesionado no Grande Prémio do Canadá.

Melhores tempos na sessão de treinos: 1.º Keke Rosberg, Finlândia, Williams, 1.9,54 (média 217,74 km/h); 2.º Didier Pironi, França Ferrari 1.10,07; 3.º Nelson Piquet, Brasil Brabham, 1.10,42; 4.º Élio de Angelis, Itália, Lotus, 1.10,65; 5.º Derek Daly, Irlanda, Williamns, 1.10,98; 6.º Ricardo Patrese, Itália, Brabham, 1.10,98; 7.º Niki Lauda, Áustria, McLaren, 1.11,30; 8.º Alain Prost, França, Renault, 1.11,33; 9.º Andrea de Cesaris, Itália, Alfa Romeo, 1.11,35; 10.º Bruno Giacomello, Itália Alfa Romeo, 1.11,50; 11.º John Watson, GB McLaren, 1.11,57; 12.º Patrick Tambay, França, Ferrari, 1.11,75; 13.º Michele Alboreto, Itália, Tyrrell, 1.11,90; 14.º Derek Warwick, GB Toleman, 1.12,24; 15.º Rene Arnoux, França, Renault, 1.12,37; 16.º Brian Henton, GB Tyrrell, 1.12,95; 17.º Teo Fabi, Itália, Toleman, 1.12,98; 18.º Jean-Pierre Jarier França Osella, 1.13,11; 19.º Mar Surer, Suíça, Arrows, 1.13,18; 20.º Chico Serra, Brasil Fittipaldi, 1.13,26.

Combustivel

O campeão mundial de Fórmula Um, o brasileiro Nelson Piquet, utilizará pela primeira vez na sua categoria no Grande Prémio de Inglaterra o reabastecimento por pressão.

Tal método permite que o carro inicie a prova somente com o tanque de combustível a meio, o que tornará o carro cem quilos mais leve, proporcionando um aumento de velocidade do BT-5.

A adaptação experimental pertence a Gordon Murray, projectista da Brabham que se baseou nas 500 Milhas de Indianápolis, onde o reabastecimento por pressão dos carros é obrigatório.

O BT-5 recebeu tanques de combustível novos e válvulas semelhantes às utilizadas nos aviões Harrier para reabastecimento em voo.

Rampa da Falperra

O Clube Automóvel do Minho organiza amanhã, em Braga, a Rampa da Falperra, uma prova de cinco quilómetros, que atinge este ano a 10.ª edição sendo internacional pela 5.ª vez. A prova conta para o campeonato nacional de iniciados e é prova-extra do campeonato de velocidade, pois um diferendo no ano findo entre o clube organizador e o Automóvel Clube de Portugal levou a que esta época fosse assim considerado.

Hoje os treinos constarão de duas subidas para cada concorrente sendo uma subida obrigatória. Amanhã, a prova inicia-se ás 9 horas. Entre os pilotos favoritos contam-se os nomes de Jorge Petiz, Tino Pereira e do espanhol António Gonzalez.

Nacional de hóquei acaba amanhã

Disputam-se, hoje e amanhã, as derradeiras jornadas do «Nacional» de 1.ª Divisão de hóquei em patins.

Hoje: Académico de Braga – Sesimbra, F. C. Porto – Académica da Amadora, Sporting de Tomar – Infante de Sagres, Oeiras – Oliveirense, Juventude de Viana – Alenquer, Académico de Porto – Benfica, Belenenses – Valongo e Sporting – Sanjoanense, todos às 21 e 30.

Amanhã: FC Porto – Sesimbra, Académico de Braga – Académica da Amadora, Oeiras – Infante de Sagres, Sporting de Tomar – Oliveirense, Académico do Porto – Alenquer, Juventude de Viana – Benfica, Sporting – Valongo e Belenenses – Sanjoanense, todos às 17 horas.

Placard

Continuação da pág 17

Europa de Ténis de Mesa que se estão a disputar em Hollabrunn, próximo de Viena, na Áustria.

A atleta norte-americana Mary Decker Tabb bateu, ontem à noite, em Eugene, no Estado de Oregon, o recorde do mundo dos 10.000 metros femininos ao fazer o tempo de 31.35,03. O anterior máximo pertencia à soviética Yelena Sipatova, desde o ano passado, com o tempo de 32.17,19.

Bibliografia desportiva

Enciclopédia mundial de futebol

Com a regularidade que define perfeita linha de rumo, vão sendo lançados nas bancas os sucessivos tomos da magnífica «Enciclopédia Mundial de Futebol», obra de prestígio com que a Livraria Bertrand se associa ao ano do campeonato desportivo mais empolgante. O volume número 25 debruça-se sobre organismos internacionais como a FIFA, dissecando toda a sua estrutura e abordando depois as confederações continentais (Conmebol, UEFA, CAF, Concaf, CFO) e recordando o grande torneio amador que se processa nos Jogos Olímpicos. A «Taça dos Campeões Europeus» começa a ser aflorada para, no volume imediato (26) merecer mais completa recordação, com bela evocação do triunfo benfiquista em Berna (31 de Maio de 1961) e do imediato sucesso em Amesterdão (2 de Maio de 1962), desta feita no início da esplendorosa «era de Eusébio». E a «Taça dos Clubes Campeões Europeus» continua a desfilar nas páginas da «Enciclopédia Mundial de Futebol», prolongando-se por todo o tomo 27, em que as proezas de Di Stefano encontram paralelo em Cruyff, em que os golos estonteantes do famoso Real Madrid têm sequência nas façanhas do Bayern de Munique e dos clubes britânicos (Liverpool, Nottingham Forest e Aston Villa), a marcar a actual hegemonia inglesa neste capítulo do jogo-rei. No volume 27, a «Enciclopédia Mundial de Futebol» inicia a pesquisa de toda a história da «Taça das Taças», troféu que também teria chancela portuguesa com uma saborosa vitória do Sporting, no célebre embate com o MTK ocorrido na cidade belga de Anvers, a 15 de Maio de 1964, em que Morais marcou directamente um pontapé de canto que fez o resultado.

«Ludens»

Editado pela Universidade Técnica de Lisboa (Isntituto Superior de Educação Física) aí está o volume seis da revista «Ludens», em que colaboram H. Melo Barreiros, Paulo Medina, Carlos Januário, Graça Cunha, A. Vasconcelos Raposo, M. Carmo Menezes, António Girão, Fernando Marques, Cristina Costa e Gabriela Borges. Matérias de extremo interesse para quantos se dedicam à Educação Física estão em «Ludens», uma publicação responsável para gente responsável pelo nosso desporto. Temas apresentados por Francisco Sobral, Jorge Teixeira de Sousa, M. Graça Carvalho, Pedro P. Jacinto, M. J. Halpern, Maria Luísa Melo Barreiros, José Gomes Pereira, João Abrantes, Jose A. Alves, Jorge Proença, Pedro Sarmento, Eduardo Saraiva, Francisco Pontes, Luís Sardinha, Jesualdo Ferreira, Carlos Queirós, F. Almada, Amália Rocha, Jorge Lemos Ferreira, José Cordovil, Jenny Candeias, Ana Faro, Hermínio Barreto, José Olímpio e João Felizardo merecem a mais atenta leitura.

«Futebol»

«Futebol»: revista bimensal da Federação Portuguesa de Futebol, editada sob direcção de César Grácio, com artigos da autoria de Lino Cascioli, Lesseps Lourenço Reys, John Malan, Santiago Vazquez Folgueira, Renato Manno, Robby Robson, Howard Wilkinson, Ossi Brucker, Reg Paine, A. Mirandela da Costa, Olavo Malheiro e José Manuel Martins, abordando temas vastos, que vão desde a psicologia desportiva à medicina desportiva, passando pela metodologia do treino, o direito desportivo, a arbitragem, instalações desportivas, formação de dirigentes e o futebol como tema filatélico. Uma realização federativa que merece parabéns.

Atletismo

Com a direcção e coordenação de Gerhardt Scholinsky, a Editorial Estampa acaba de lançar «Atletismo», um muito bem cuidado volume em que a primordial disciplina desportiva é intensamente dissecada em vários ângulos por mestres incontestados da República Democrática Alemã. O atletismo, através de métodos de treino, preparação política e moral dos praticantes, a marcha e a corrida, os saltos e os lançamentos, as provas combinadas, tudo que interessa a professores e alunos, dentro do mundo do desporto básico é minuciosamente focado nesta obra do mais elevado nível, verdadeiramente imprescindível na biblioteca do amante da modalidade desportiva número um.

«Introdução à didáctica da natação»

A «Compendium», sob orientação literária do professor Noronha Feio e do doutor Manuel Sérgio, apresenta agora (com responsabilidade de Cantarino de Carvalho) a «Introdução à didáctica da natação» (Adaptação ao meio aquático), volume número 22 da colecção «Educação Física e Desporto», que vem enriquecer a bibliografia desportiva, dentro de um rumo que muito se fica devendo à editorial que já conseguiu reunir autores como M. Delacroix, Paula Brito, Melo de Carvalho, Duarte Pimentel, H. Bouvart-Verdié, B. Knapp, J. Dumazedier, M. Baquet, J. Guimier, F. Maho, Carlos Pinhão, Karl Koch, Marques de Matos, E. Baptista, M. Portes, J. Allen, Teotónio Lima, Noronha Feio e Manuel Sérgio. Neste recente trabalho de Cantarino de Carvalho a natação é rainha: a adaptação ao meio aquático é obra de estudo muito atento, digna do mais incondicional aplauso de quantos leccionam ou desejam aprender a traçar as águas.

Férias & Desportos

Magazine mensal, «Férias & Desportos» surge oficialmente nas bancas, depois do lançamento, em Lisboa e Porto, do seu número zero. Dirigido por Nelson Lima e Carlos Pimenta Soeiro, «Férias & Desporto» tem um curioso sumário, bem capaz de agradar a quantos se interessam por um determinado tipo de modalidades desportivas. Miguel Soares fala de ténis, disciplina em que tem saborosos títulos; Rosa Mota, a atleta portuguesa que recolhe os aplausos mais veementes («Prémio de Imprensa» pela Casa da Imprensa e «Prémio CNID», por votação de jornalistas desportivos) tem muito para contar; o apaixonante desfile de Christian Nau pelo Sahara, em carro à vela; o campeonato mundial de balão ao ar quente; o que está por detrás dos ralis; a nova paixão da juventude pelo «Windsurfing»; karing e montanhismo: matérias que em «Férias & Desportos» são temas a cativas atenção.

Ídolos

Mudou de estilo a colecção «Ídolos», agora ultrapassando a fronteira do campo desportivo para abordar a vida das figuras de qualquer espectáculo. A actriz Margarida Carpinteiro, os «Iodo», história em fotos de Lara Li, os personagens de «Dallas», «Vila Faia» e outros assuntos mudam radicalmente a antiga série de «Ídolos», desta feita para um público mais vasto.

Olimpo

Boletim mensal do Comité Olímpico Português, acaba de editar-se o n.º 51 da nova série, em formato diferente do habitual e debruçando-se sobre a visita de Samaranch a Portugal, noticiário olímpico e as comemorações do anual «Dia Olímpico» que têm programa até 30 de Julho.

N de S

A GAIVOTA de TCHEKOV
TEATRO DO MUNDO TODAS AS NOITES 21.30
teatro do bairro alto
RUA TENENTE RAUL CASCAIS, 1-A (A S. MAMEDE) — TELS. 661515-669205
FOLGA 4ª FEIRA SUB. SEC

3.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA NEGRA EM PORTUGAL
GRANDE GALA DE MÚSICA AFRICANA

Pavilhão dos Desportos

Lisboa, 31 de Julho, sábado, 21 horas
espectáculo e baile até às 06 horas

Directamente dos países de origem
— Orquestra de João Domingos — Moçambique
— Orquestra N'Kassa Cobra — Guiné-Bissau
— Orquestra Os Kings — Cabo Verde (convidada)
— Representação Artística e Cultural — Angola
— O Príncipe Calú — S. Tomé e Príncipe
— Artista Pitté — Zaire
— Ângela Dada — Ghana
— Manú — Senegal
Outros Participantes:
— Os Sacalás — Guiné-Bissau
— Henrik — Langel
— Conjunto «Som Tropical»
— E dezenas de artistas africanos

— Espectáculo Genuinamente Africano
Entrada: 400$00 — Preço Único

Organização: Grupo de Expressão Cultural Africana
Direcção: Lopes Pereira e Infalidabó

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal de Loures

AVISO
AOS SENHORES CONSUMIDORES
DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 18 (domingo) das 7 às 15 horas nas seguintes localidades:

REDE DE 10 KV — LOURES/MEALHADA — ODIVELAS

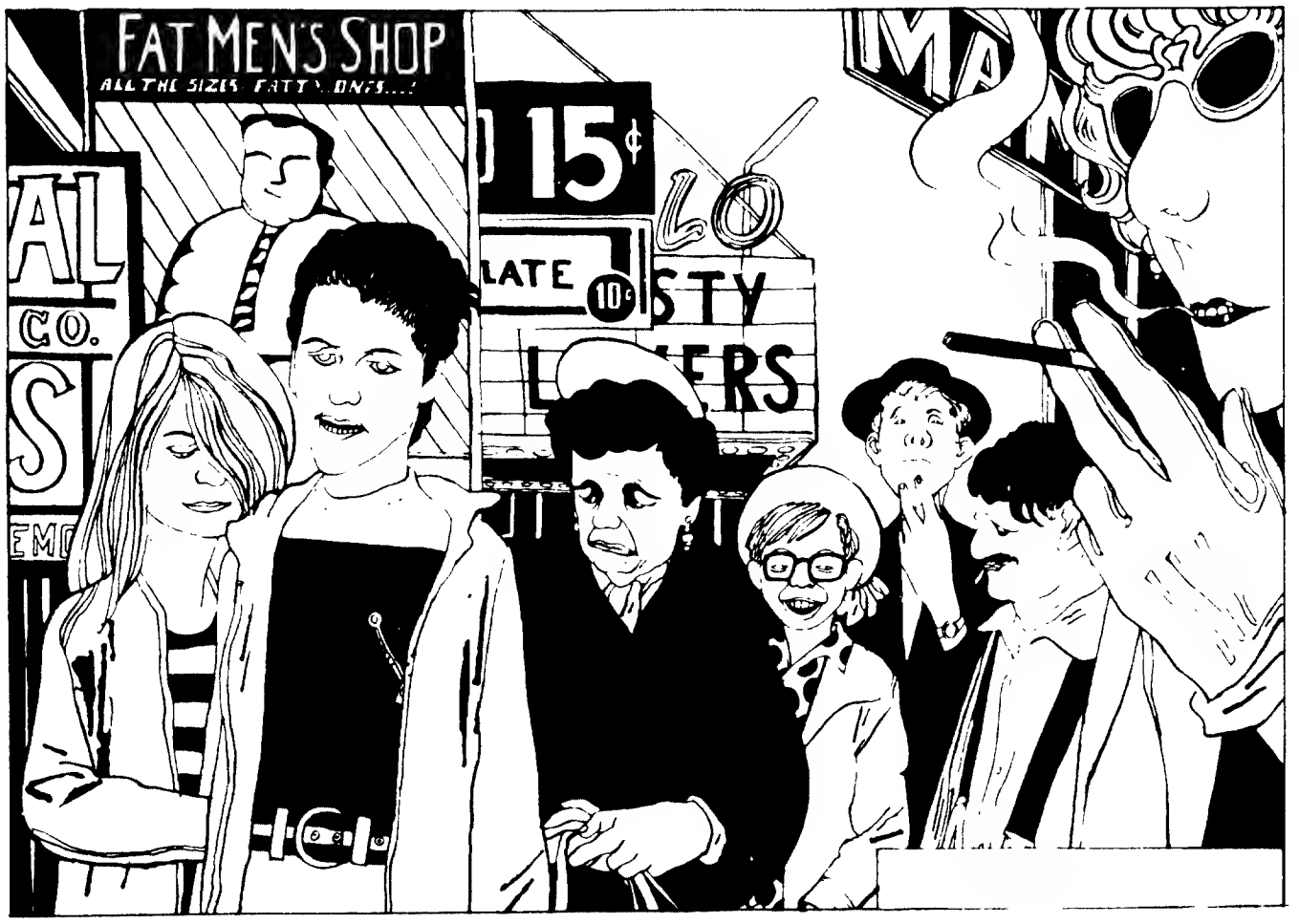
Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 14 DE JULHO DE 1982

P'lo Engenheiro Director Delegado
Pedro António Cristóvão Baltazar

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo



É exactamente neste local, na página 19 do «Diário de Lisboa» da próxima segunda-feira, que começamos a publicar «Alack Sinner», o detective americano desenhado pelos argentinos Muñoz e Sampayo

Muñoz e Sampayo não fazem batota

Muñoz e Sampayo são dois jovens argentinos que vivem em Bréscia, pequena cidade italiana sem encanto especial. Relatam as histórias de «chuis» americanos que apaixonaram os leitores franceses de «Charlie Mensuel». Existirá alguma coisa menos inédita como personagens, do que este detective particular, amargo, afectado, honesto e generoso, que acaba por levar no lombo, sem ganhar nada em troca? No entanto, ainda que se tenha lido Raymond Chandler e Dashiel Hammet, ainda que se duvide que, no nosso tempo, um detective particular possa ser mais do que um miserável fura-greves, um escroque, um espião, a soldo dos patrões, ou outra coisa de semelhante, continuamos seduzidos pelo encanto destas bandas desenhadas que têm o mérito de narrar histórias do nosso quotidiano.

Porque Muñoz e Sampayo não fazem batota. Não situam os seus personagens num futuro de ficçcão científica ou num passado nostálgico; e os leitores que apreciam o seu trabalho, criticam implicitamente os argumentistas e desenhadores franceses que ainda não tiveram coragem ou talento para criar heróis de banda desenhada que evoluam no quadro político-policial contemporâneo. Penso que Mñoz e Sampayo fazem presentemente uma das mais belas histórias aos quadradinhos do mundo e que, como todas as mais belas histórias aos quadradinhos do mundo, pode ser compreendida por toda a gente. Penso também que a generosidade e a coragem dos criadores de Alack Sinner diz muito aos que são jovens, ou aos que souberam permanecer jovens.

Wolinski

História breve de uma banda

Março de 1971: o destino provoca o primeiro encontro de José Muñoz e Carlos Sampayo, no Aeroporto de Ezeiza, na Argentina. Despediam-se de um amigo comum. A promessa de se encontrarem na semana seguinte, levaria três anos a concretizar-se.

Entretanto, Muñoz regressava a Londres, onde desenha as bandas desenhadas que outros concebem. Sampayo sobrevive em Espanha, escrevendo argumentos publicitários.

Meados de 1973: encontro de Munõz com Hugo Pratt, o autor de Corto Maltese: «faz coisas tuas». Sugere-lhe como personagem um detective louro do tipo de «Precinto 56», uma história de Muñoz e Collins, surgida dez anos antes.

Ao longo deste tempo, Sampayo toma importantes decisões pessoais: abandona a publicidade, viaja por África, regressa a Espanha.

Londres, Maio de 1974: Muñoz prestes a partir para Espanha. Óscar Zaratte, o amigo comum do aeroporto do início destas linhas, diz-lhe: «tu desenhas, ele escreve, porque não fazem isso em conjunto?».

E é assim que acontece o segundo encontro entre Muñoz e Sampayo, em Castell de Fels. Entre duas chávenas de café, numa esplanada, falam e falam. Decidem experimentar: Alack Sinner começa a ter contornos mais definidos.

Dois meses, depois metem mãos ao trabalho. Em Outubro, estão em Barcelona, onde concluem o primeiro episódio da série «Alack Sinner». Este, que o «DL» publica pela primeira vez em Portugal, ao nível da Imprensa diária.

Quem é Alack Sinner? Eis a resposta dos seus criadores:

«O primeiro personagem em que trabalhámos, era Alack Sinner, um detective. Mas, antes de tudo, um homem. E, enquanto tal, era o reflexo do nosso modo de ver o mundo e de reagir às coisas.

«Há em Sinner uma ética que se assemelha à nossa, do mesmo modo que há uma familiaridade entre os seus feitos e gestos, e a nossa maneira de viver.

«Nós, quer dizer, alguns dos nossos amigos, também. Não se trata de uma identificação no sentido ideológico, mas de um modo de ser homem: os seus gestos, a sua introversão, a dissimulação das suas paixões, a sua aparente ou calculada secura.

«Como ele corresponde a um certo número dos nossos ideais, continuamos a criá-lo naturalmente».

Há mais personagens e bandas desenhadas na vida destes dois argentinos. Deles, possivelmente falaremos um dia.

O que importa, neste momento, sublinhar, é a riqueza de conteúdo e as infinitas possibilidades de leitura de «Alack Sinner».

Mas, para Muñoz e Sampayo, o importante é isto:

«Bandas desenhadas fascistas, vimos muitas por todo o mundo E especialmente provenientes dos Estados Unidos Chegou o momento de contra-atacar com as mesmas armas».

Carlos Pessoa

Patrick Dewaere: suicídio aos 35 anos

O actor francês Patrick Dewaere, de 35 anos de idade, suicidou-se com uma bala na cabeça, ontem à tarde na sua casa em Paris.

Considerado como um dos representantes mais brilhantes da sua geração, Patrick Dewaere (de seu nome verdadeiro Maurin) nasceu a 26 de Janeiro de 1947 em Saint-Brieuc (Bretanha), numa família numerosa, muito ligada ao espectáculo.

Muito marcado pela revolta estudantil de Maio de 1968, Dewaere, tal como várias vedetas do cinema contemporâneo francês, iniciou a sua carreira no pequeno teatro parisiense de Romain Bouteille, o «Café de la Gare».

Em 1973, obteve o seu primeiro grande êxito cinematográfico, interpretando, ao lado de Gerard Depardieu, o papel de um vagabundo simpático no filme de Bertrand Blier «Les Valseuses».

Dewaere tornou-se entao rapidamente uma vedeta muito procurada, mas sempre preferiu aos imperativos comerciais da sua profissão a fidelidade aos seus amigos. Desempenhou muitas vezes papéis de «pobre diabo». «Sem dúvida é assim que os realizadores me vêem», dizia. «Isso não me preocupa, porque há muitos pobres diabos e marginais e a culpa é da sociedade».

O seu último filme, «Le Paradis pour Tous», de Alain Jessua, deve estrear em França a 25 de Agosto próximo.

Mozart em Folhetim — 2

Alguns significados de "A Flauta Mágica"

Em **A Flauta Mágica** defrontam-se um princípio masculino e um princípio feminino. De um lado, a inteligência, a razão, a luz, ou seja, o homem; do outro, a frivolidade, o obscurantismo, as trevas, ou seja, a mulher. Misoginia? A questão tem sido colocada, como nota Manuel Rio de Carvalho nas excelentes notas de programa que elaborou para o Teatro de S. Carlos. Mas seria precipitado não corrigir «cum grano salis» as invectivas contra a mulher que aparecem ao longo da obra: quer as dirigidas directamente à Rainha da Noite, quer as de âmbito mais geral. Decisiva para uma correcta compreensão da questão é a música que Mozart escreveu para as diferentes mulheres que aqui intervêm.

As duas árias da Rainha da Noite são a recriação no contexto do **Singspiel** do modelo da **ópera séria** italiana. A exigência de um soprano de coloratura, de quem Mozart espera a exibição de um refinado e malabarístico virtuosismo vocal, coloca imediatamente a personagem no seu lugar, define logo a **mentalidade típica** da classe que ela representa. Trata-se de uma aristocrata, que se exprime no modo frívolo da corte ou da arte em que esta se reconhece: o **bel canto**.

Não se dirá o mesmo da música de Pamina, marcada embora por essa mesma componente **séria** que convém a uma princesa. Pamina, apesar das ideias, da concepção da vida e do mundo recebidas da mãe (Rainha da Noite), procura, desde a sua entrada em cena, a **verdade.** Nos duetos com Papageno (ponto de encontro entre «nobreza» e «povo») transmite ao público, através de melodias de recorte tão simples como a da **Ode à Alegria** da Nona Sinfonia de Beethoven, algumas noções fundamentais de amor e fraternidade entre seres humanos, parte integrante do ideário iluminista – noções intuídas por qualquer «bom selvagem» e, no caso dela, ainda não totalmente erradicadas pelos efeitos da educação a que até então fora submetida. Uma vez iniciada no «Templo da Sabedoria», transforma-se na companheira - de - causa -comum para Tamino e torna-se apta a lutar activamente por essa mesma causa, com determinação e lucidez, como nos há-de mostrar Beethoven uns quinze anos mais tarde, no **Fidélio** (1.ª versão, 1805): ligação conjugal concebida como projecto de vida a dois ou de empenhamento a dois em objectivos comuns de largo alcance humano, social e espiritual – Pamina (agora Leonor), paladina do amor e da liberdade, a salvar Tamino (agora Florestan) das garras da tirania («Ancien Régime»).

Da tradição **buffa** e, portanto, mais imanente ao desenvolvimento do **Singspiel** é a personagem de Papagena. Enquanto Pamina leva tempo a compreender as situações, cria inconscientemente dificuldades a Tamino e carece do auxílio dos jovens enviados de Sarastro para evitar «in extremis» um acto de desespero, Papagena mexe ela própria também alguns cordelinhos da iniciação de Papageno. É, como este, um tipo popular. Musicalmente situa-se nos antípodas da «complexidade», do «pretensiosismo» ou do «exibicionismo» da Rainha da Noite. Ela e Papageno encarnam o espírito do **Singspiel** tão radicalmente como a Rainha da Noite encarna o espírito do teatro da corte, isto é, do teatro «para gente efeminada» de que fala Wieland. E a chave está precisamente aqui: no adjectivo «efeminado», sinónimo de frívolo, que serve para caracterizar a corte.

É com esta acepção classista que deverão entender-se as referências desfavoráveis à mulher no texto de **a Flauta Mágica.**

Para além da Maçonaria

Estas observações servem ao mesmo tempo para chamar a atenção para um processo frequente em Mozart: o aprofundamento da caracterização social das personagens através da utilização de elementos de tradição **séria** e da tradição **buffa.** A síntese de ambos os elementos, tanto na **Flauta Mágica** como no **Don Giovanni** ou noutro dos seus geniais **Singspiele – O Rapto no Serralho** – é-lhe indispensável para pôr em cena a sociedade no seu todo. Reflecte, por outro lado, o seu destino de compositor de uma época de conflito entre **ópera séria** italiana e **Singspiel,** inicialmente obrigado a cultivar mais a primeira do que o segundo, mas cada vez mais entusiasmado com as possibilidades oferecidas por este último.

A função didáctica e a vocação democrática da **Flauta Mágica** significavam, além disso, o seu grande empenhamento em ideais de transformação política e social, convergentes com a militância maçónica. Simplesmente, na maçonaria alemã havia de tudo e a filosofia das luzes não era incompatível nem com o imobilismo político nem, no caso concreto da ópera, com o culto da escola italiana. Para alimentar o gosto de um déspota iluminado como Frederico II não faltavam compositores e libretistas maçãos (a começar por Metastasio) ou influenciados pelo ideário iluminista. Se o **Singspiel** de Mozart não é equívoco é porque o seu carácter nacional alemão, o simbolismo da sua história, a realidade palpável das suas personagens, o seu poder de penetração na grande massa que tinha acesso aos teatros públicos (às vezes, bem modestos, como era esse teatro dos subúrbios de Viena, «Auf der Wieden», onde a obra se estreou sob a direcção do compositor) – tudo isso, enfim, e não só o ingrediente maçónico – transformam **A Flauta Mágica** numa espécie de bandeira do grande movimento, então em curso, de emancipação e afirmação de uma nova cultura, que aspira a uma nova sociedade e que luta por ela.

É claro que Frederico II nunca poderia confundir-se com Sarastro, por muito «iluminado» que fosse o seu despotismo. Mas o público que acorria ao teatrinho de Schikaneder, no Outono de 1791, já poderia reconhecer no mesmo Sarastro, traços de um soberano de outra área geopolítica germânica, rival da prussiana: José II, da Áustria, a quem Beethoven dedicara meses antes uma cantata de exéquias e que, por sinal, inaugurara dez anos atrás, em Viena, com toda a solenidade, no velho «Burgtheater», o **Singspiel** nacional.

Mário Vieira de Carvalho

A seguir:
S. Carlos:
Um passado quase sem Mozart

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Gil Vicente em Santarém

«ROMAGEM DE AGRAVADOS», de Gil Vicente. Encenação: José Gil. Assistente de Encenação: Carlos Oliveira. Cenografia: Miguel Gil. Interpretação: Alberto Serra, Ana Consolado, Carlos Oliveira, Gomes Vidal, José Lobato, Teresa Pinto Coelho. Companhia de Teatro de Santarém. Paços do Conselho da Câmara Municipal de Santarém. Junho 1982.

Não encontro referências a encenações recentes desta peça de Gil Vicente, no entanto uma daquelas que mais próximas estão de nós tanto pela forma como pelo recado que propõe. Se há no teatro vicentino peça que mereça ser considerada como precursora do teatro de revista, esta é uma das mais apropriadas embora não seja a única. Aliás, Marques Braga diz ser «uma festiva revista de tipos, de figuras, e uma crítica viva e fina à vida do paço e à sociedade portuguesa da época, em que vemos desfilar: frades, fidalgos, lavradores, regateiras, freiras e pastores», no que é corroborado pelo sueco Leif Sletsjae que a considerou «sátira festiva ou revista de tipos da corte».

Na realidade, se a personagem de Frei Paço pode ser considerada como a de um compère, a divisão da peça em cenas breves, a frontalidade da marcação das personagens, o uso de canções, a tipificação das figuras, a crítica que as situações e as personagens exprimem são aspectos de óbvio carácter revisteiro.

Foi nessa direcção que José Gil encenou o texto com o qual a Companhia de Teatro de Santarém iniciou a sua actividade. O aparecimento deste novo grupo da descentralização, que sucede ao grupo Criações Teatrais, compensa relativamente as más novas chegadas de Viana do Castelo onde, como se sabe, o TEAR vai cessar as suas actividades, tendo-se transferido para o Porto com armas e bagagens.

Aproveitando o espaço de uma bela sala do palácio que tem servido de Paços de Conselho de Santarém, o espectáculo possui o sentido de humor, o ritmo, a força comunicativa que servem o texto e fazem o levantamento da sua linha crítica.

Espectáculo concebido tendo em vista as populações de um distrito rural, talvez encenador e actores carregassem em excesso ditos e personagens, sublinhando assim os aspectos de improvisação caros ao teatro de revista. Cair nessa tentação era talvez inevitável embora me pareça que o texto contenha humor e energia crítica suficientes para os dispensar.

José Gil soube, de facto, aproveitar o minúsculo espaço de que dispunha e encontrou actores que colaboraram eficazmente com aquilo que me pareceu ser um bom espírito de equipa. Citarei por isso os seus nomes: Carlos Oliveira, que parece ter optado pelo teatro profissional, ele que era um dos grandes animadores do teatro de amadores do distrito, Gomes Vidal, Teresa Pinto Coelho, Ana Consolado, Alberto Serra, José Lobato.

Os excelentes figurinos e o cenário, de gosto plástico discutível, ajudaram a dar a este espectáculo a coerência e a qualidade que atinge. Tenha-se em conta, ainda, o relativo sucesso desta versão da «Romagem de Agravados», em pleno período de loucura futebolística.

Uma cena de «Romagem de Agravados», pela Companhia de Teatro de Santarém

Novo James Bond começa a ser filmado em Agosto

Roger Moore volta ao papel de 007

Roger Moore voltará de novo ao papel de 007 tendo já assinado um novo contrato com o produtor Albert Brocolli para participar no filme «Octopussey», o 13.° da célebre serie.

Com este contrato ficam assim dissipadas as especulações que, nos últimos meses, vinham a ser feitas a propósito de um rompimento entre Roger Moore e Albert Brocolli. Moore teria declarado a propósito da sua participação no filme citado que «o jogo de poker acabou». Ambos estávamos cansados com estas discussões e decidimos cortá-las pela raiz. Penso que ambos tomámos a melhor decisão». Referia-se claro a Albert Brocolli, o produtor que por, sua vez, afirmouestar «contente por ter de novo Roger Moore no papel de 007». As filmagens de «Octopussy» deverão iniciar-se em meados de Agosto, nos estúdios ingleses de Pinewood, e Brocolli mostrou-se convencido de que este filme será o melhor da série James Bond. A realização é de John Glen, sob planificação de Richard Maibaum, tendo como produtor executivo Michael Wilson. A adaptação cinematográfica é extraída de uma peça escrita por MacDonald Fraser.

Com o patrocínio da Unesco

Congresso dos escritores de língua portuguesa

A Comissão Executiva do II Congresso dos Escritores Portugueses decidiu promover em Outubro de 1983, em Lisboa, o I Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa – revelou um elemento da APE.

A nova direcção da APE (Associação Portuguesa de Escritores) conta ter ultimado a fase preparatória do Congresso de Escritores de Língua Portuguesa dentro de pouco tempo, devendo a comissão executiva do mesmo entrar em funcionamento antes do final do ano.

A realização de um congresso de escritores de língua portuguesa foi uma das deliberações do Congresso dos Escritores Portugueses, que se realizou na Fundação Gulbenkian em Março passado.

O objectivo do congresso é possibilitar aos escritores oriundos de Portugal, Brasil e países africanos de língua portuguesa um forum para a discussão dos seus problemas profissionais e questões estético-literárias que os preocupem.

No congresso – de acordo com um membro da direcção da APE – chamar-se-á a atenção da Organização das Nações Unidas para a necessidade da inclusão da língua portuguesa como língua oficial da ONU.

O Congresso terá o patrocínio da UNESCO.

Santos Manuel em ré maior

Pois é verdade; desta vez foi Santos Manuel (ex-TEC, actualmente na Barraca). Homem de teatro, deu-se agora à aventura, com Almeida Manuel, de dirigir um bar, o Ré Maior, em Cascais, com petiscos e ceias das 16 às 4 da manhã. Aos fins de semana há outros petiscos, música e poesia, por exemplo. A população de Cascais, e arredores, incluindo naturalmente Lisboa, porque não, passa a ter um cantinho agradável, diferente e que não deixará de ser acessível.

Ali, em Cascais, na Rua Nova Alfaborreira.

canal da crítica

MARIO CASTRIM

Freitas proclama e agradece

A televisão portuguesa continua ostensivamente a não respeitar os horários que ela mesma propõe. Já se tem verificado isto: anunciar uma rubrica para uma hora que já passou no preciso instante de estar sendo anunciada! Venha Einstein e explique a relação do tempo com outas dimensões...

Ontem aconteceu atraso substancial para não fugir à regra. Nisto de desorganização e falta de consideração pela audiência, a RTP dá-se ao luxo de nos impor seu lixo conforme o capricho do seu bucho.

Por certo caso único em todo o mundo onde a televisão respeita a sua força e o dever de subordiná-la aos serviço da audiência.

• Freitas do Amaral gastou exactamente o melhor de 20 minutos (uma eternidade em televisão!) para uma comunicação ao País.

Quis transformar a comunicação em proclamação: Disse: «**Portugueses!**» No seu afã de tirar tudo ao Presidente da República, nem este direito à solenidade lhe deixam.

Ridículo, o tom proclamatório. Não se ajustava à tarefa: comunicar que estavam prontos os diplomas que regularão as disposições resultantes da Revisão Constitucional. Como em dois dias não é possível trabalhar tanto, conclui-se que a AD já estava certa dos termos da Revisão. Tal como se fez. Começa-se a perceber o elogio de Freitas ao PS. Já agora, podiam dividir a coisa a meio: Freitas comunicava dez minutos e Mário Soares comunicava os outros dez. Ou há acordos ou comem todos.

Quanto às promessas de não governamentalização das Forças Armadas, acredite quem quiser. Quem tiver estômago para tudo – que acredite.

• Depois de vários meses de gestação, transmitiu-se o programa «Gilberto Gil no Coliseu».

Na abertura, leram um rol em jeito de biografia de Gilberto Gil. Muito pobre, muito esquemático, mais para esconder GG do que para o divulgar. Inútil, se fora seu propósito dar a conhecer a realidade política, social, artística do GG.

Para mais, com a preocupação do «show». Cinco vezes disseram a palavra. Mau serviço. Aliás intensifica-se na RTP a utilização abusiva de palavras estrangeiras. Na própria realização de Nuno Martins, identificava-se a autoria do «slow motion», tal como antes de ontem, nos jogos sem fronteiras, a indicação de REP era «traduzida» para «Replay», quando convinha, e até nem se forçava a nota, pronunciar «Repetição». Televisão indigna, televisão de cócoras. Já nem condeno que nos não respeitassem a nós, mas a Língua portuguesa, senhor!

O espectáculo de Gilberto Gil, sua arte de estar no palco, sua facilidade de comunicação, a qualidade dos seus poemas, das suas composiçcões, das suas interpretações – eis o que deu um novo ar, uma nova expressão às noites de TV. Para isso muito concorreu a realização de Nuno Martins que procurou (e conseguiu) transformar o palco em televisão. Traduzir não é imitar. As artes não se imitam. Cada expressão artística aproveita, doutras expressões, aquilo que de essencial convém a ela própria sem ferir as outras.

Feliz a ideia de indentificar as câmaras. De os responsabilizar através da própria acção. Didáctico, além de honesto.

• Com substancial atraso lá veio a «Balada de Hill Street». Não sei se já repararam em como os nossos serões estão completamente (ou quase) entregues aos americanos, que é como quem diz, entregues à bicharada. A RTP não passa de mera sucursal, da televisão americana. Tudo acontece como se Portugal não fosse mais do que mais uma estrela na bandeira dos Estados Unidos.

No **Telejornal** chega-se ao escândalo de transmitir pura e simplesmente as imagens que se recebem de lá e com as quais nada temos. Nem sequer escondem o dístico «ABC News». Ontem foram ao cúmulo de transmitir a sessão da tomada de posse do Schultz, na pasta dos Negócios Estrangeiros!

Voltando à «Balada». Pensei que, nesta segunda série a RTP ganhasse juízo e eliminasse a «balada» essa asneirola peneirenta. Não eliminaram. A balada continua inabalável.

Esta série americana, como outras da mesma origem, além do mérito de suas qualidades televisuais tem o de reflectir alguns aspectos da realidade. Como quem não quer a coisa, ficamos a saber a natureza de uma sociedade que frequentemente nos apontam como modelo a seguir...

Ficamos a saber da insegurança nas ruas, da instabilidade social, da prostituição, do crime, das drogas. E de tudo isto se fala com a maior das naturalidades, o que ainda é, de tudo, o mais grave.

Aliás, a «amizade» dos Estados Unidos é uma «amizade» que sufoca. É o abraço da serpente. É o beijo da morte. Repare-se, por exemplo, na droga com que se pretende destruir a nossa juventude: ninguém duvida da mão (mais conhecida por «hand») que puxa os cordelinhos. E é esse país, e essa sociedade, perante a qual a toda a hora a RTP se ajoelha...

• Passa da meia-noite e meia hora. Acabou a paródia dos dois compadres. O Romano e o Quinas. Vimos, mais uma vez, a reportagem algo confrangedora do Primeiro-Ministro de um país chamado Portugal, eufórico de submissão diante do representante da Ford, a propósito de um investimento.

Uma tristeza. E foi para chegarmos ao Balsemão que Vasco da Gama descobriu o caminho marítmo para a Índia...

SEMANA DO CONCELHO DE ELVAS NA CASA DO ALENTEJO EM LISBOA

DIAS 20 — 21 — 22 — 23 e 24 de Julho de 1982

Uma iniciativa que a Câmara Municipal de Elvas leva a efeito destinada aqueles conterrâneos que em Lisboa querem sentir a sua terra e aos ausentes que a Lisboa queiram ir levar saudades.

Um programa de festas com Artistas locais, Rancho Folcórico e Banda Municipal.

Jantar de confraternização com cozinha e doces regionais (no dia 24 às 19.30 h.).

A Cultura e a História de Elvas em exposições e diaporamas (dias 20 e 21 às 19.00 h.).

Elvas e o seu desenvolvimento económico, social, agrícola, industrial e turístico (dia 20 às 19.00 h.).

Homenagem a um elvense ilustre — David Ferreira — que através dele a muitos outros insignes cidadãos deste concelho (dia 23 às 21.30 h.).

Mais informações na Casa do Alentejo — Telef. 369231 — 321254

SORTEIO DA COOPERATIVA AGROCAMPO MAIOR

Números premiados

1.º Prémio	34.719	31.º Prémio	29.747
2.º Prémio	5.121	32.º Prémio	6.962
3.º Prémio	33.478	33.º Prémio	3.635
4.º Prémio	12.410	34.º Prémio	1.026
5.º Prémio	34.153	35.º Prémio	19.353
6.º Prémio	34.321	36.º Prémio	29.356
7.º Prémio	33.752	37.º Prémio	13.191
8.º Prémio	26.113	38.º Prémio	11.877
9 º Prémio	17.997	39.º Prémio	18.607
10.º Prémio	7.759	40.º Prémio	23.149
11.º Prémio	14.804	41.º Prémio	27.425
12.º Prémio	4.275	42.º Prémio	10.576
13.º Prémio	28.268	43.º Prémio	3.835
14.º Prémio	5.966	44.º Prémio	29.159
15.º Prémio	7.342	45.º Prémio	33.190
16.º Prémio	12.143	46.º Prémio	31.421
17.º Prémio	2.267	47.º Prémio	29.240
18.º Prémio	10.135	48.º Prémio	38.332
19.º Prémio	8.434	49.º Prémio	39.641
20.º Prémio	21.249	50.º Prémio	18.211
21.º Prémio	10.814	51.º Prémio	32.870
22.º Prémio	21.883	52.º Prémio	10.466
23.º Prémio	15.020	53.º Prémio	21.103
24.º Prémio	16.883	54.º Prémio	36.674
25.º Prémio	23.384	55.º Prémio	20.213
26.º Prémio	29.802	56.º Prémio	20.760
27.º Prémio	18.578	57.º Prémio	24.145
28.º Prémio	36.333	58.º Prémio	35.853
29.º Prémio	25.043	59.º Prémio	24.527
30.º Prémio	27.832	60.º Prémio	25.414

Campo Maior, 28 de Junho de 1982
A DIRECÇÃO,
(assinatura ilegível)

STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

MOÇÃO

— A associação de Secretários Municipais leva a efeito na última semana de Setembro, na cidade do Funchal, o 3.º Colóquio.

— Uma vez que as estruturas do STAL, tiveram conhecimento que algumas Câmaras Municipais, estão a subsidiar aquela associação no que diz resoeito a pagamento de passagens e ajudas de custo;

— Considerando que as Câmaras Municipais estão a retirar ilegalmente verbas do seu orçamento, norteadas por um critério de actuação elitista que não contempla de igual modo a associação sindical que é o STAL;

— Considerando que essas mesmas verbas devem ser aplicadas em benefícios das populações;

— Considerando que a associação de Secretários Municipais recebe mensalmente quotizações dos seus associados, que devem ser entregues para custearem as despesas dos seus associados nestas situações;

— Assim, o Conselho Nacional do STAL, reunido em Santarém no dia 25.6.982, repudia veementemente as Câmaras Municipais que abusivamente retiram verbas dos seus orçamentos já débeis, motivados pelos cortes na aplicação da Lei das Finanças Locais por parte do Governo AD, verbas que vão beneficiar organizações divisionistas em detrimento da unidade dos trabalhadores da administração local, e do seu único representante legítimo o STAL e das próprias populações.

Santarém, 25 de Junho de 1982

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

1 RTP

Na RTP-1 exibição de mais um episódio de «Dallas»

15.50 **Sábado Desportivo**
18.00 **Tur/82** – situação do turismo na Madeira.
18.45 **Gala dos Pequenos Cantores** – transmissão directa da Figueira da Foz.
20.25 **O Tempo**
20.30 **Aqui e Agora** – inclui Telejornal.
22.05 **«Dallas»** – intérpretes: Susan Howard, Susan Flannery e Monte Markham. Realizador: Michael Preece.
23.05 **«Casa do Terror»** – intérpretes: Peter Meenery e Georgina Hale. Realizador: Don Leaver.

A actriz Ann Dvorak, uma das intérpretes do filme «Bel-Ami»

2 RTP

19.02 **Folclore** – Festival da Régua.
19.30 **Magia das Plantas** – um cheirinho a ervas.
20.00 **Espírito da Ásia**
21.00 **Sábado Especial** – «Bel-Ami». Intérpretes: George Sanders, Angela Lansbury e Ann Dvorak. Realizador: Albert Lewin.
22.55 **Documentarismo Português** – «Madeira: a Terra e o Homem» e «Açores, Ilhas do Atlântico».

Amanhã

1 RTP

10.45: 70X7; **11.15**: Eucaristia Dominical; **12.00**: Tempo dos Mais Novos; **13.40**: RTP Brasil; **14.05**: Sumário; **14.15**: Sombra e Sol; **14.30**: Berros e Bocas; **17.45**: «Fama»; **18.45**: Gala dos Pequenos Cantores – transmissão directa da Figueira da Foz, **20.25** O Tempo; **20.30**: Telejornal; **21.05**: Cartaz TV; **21.30**: A Grande Noite do Fado – 2.º programa; **23.05**: Grande Encontro

2 RTP

14.20: Automobilismo – Fórmula 1, Grande Prémio da Grã-Bretanha; **17.00**: Desenhos Animados; **17.30**: Rocks da Casa; **20.00**. Que Viva o Cinema – com o filme «Como Tu Me Desejas»; **22.00**: «Chicago Story».

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP «Dallas» (22.05)

«Bel-Ami» (21.00) 2 RTP

Alem de um programa a escolha oferece-lhe

DALLAS
(22.05)

A discórdia instala-se no clã Ewing: Jock ameaça vender a companhia se Miss Ellie se divorciar dele.
Entretanto, Lucy, com a sua nova actividade de Miss Dallas, vai provocando, cada vez mais, a sua separação de Mitch.
Intérpretes: Susan Howard, Susan Flannery e Monte Markham.
Realizador: Michael Preece

CASA DO TERROR
(23.05)

Edwyn Reord, empregado de um hospital mortuário, convence-se de que foi escolhido para discípulo do Diabo, numa conspiração do mar.
Intérpretes: Peter Meenery e Georgina Hale
Realizador: Don Leaver

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO – Rua B. Jesus Carreço, 17 – Cruz Quebrada – Tel. 2112871

roteiro cultural

Teatro

Prossegue o 7.º Festival de Teatro de Setúbal com a representação, hoje e amanhã, às 18.30, no Teatro de Bolso, de «Doces do Diabo» pelo TAS Entretanto, hoje, às 21.30 nos claustros, a Barraca apresenta «Fernão, Mentes?», de Hélder Costa, e amanhã, à mesma hora e no mesmo local, o TEUC de Coimbra mostra o seu «Homo Dramaticus» (texto colectivo).

Música

Em Óbidos, na Igreja Matriz de Santa Maria, o Grupo de Metais de Lisboa realiza hoje, às 21.30, um concerto com obras de Vivaldi, Praetorius, Gabrieli, Mattew Locke, Haendel, D. Pedro da Esperança, Pezzel e Samuel Sheidt. Amanhã, no mesmo local, às 21 horas, haverá um recital de órgão por Gerhard Doderer, que interpretará obras de Geog Muffat, Johann Pachelbel, Johann Gottfried, Pedro de Araújo e Carlos Seixas. Entrada livre.

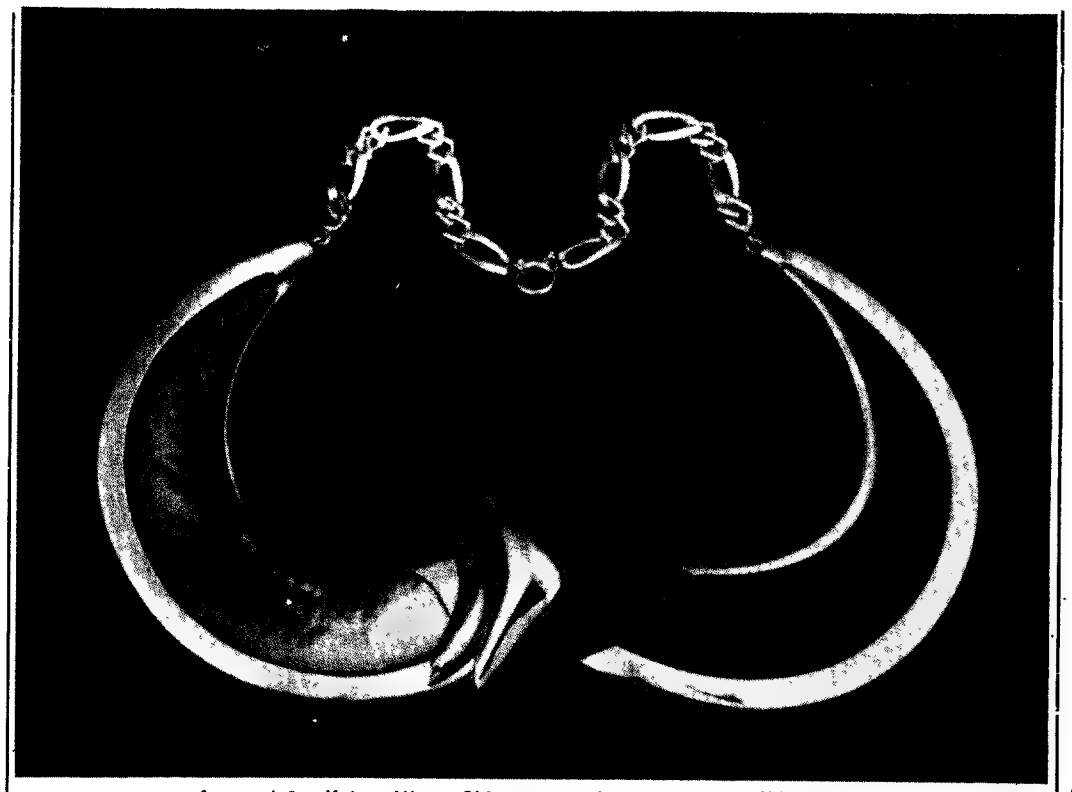
Folclore

O XVIII Festival Folclórico Internacional de Gulpilhares e IV de Vila Nova de Gaia vai realizar-se amanhã, pelas 15.30, no Pavilhão Gimnodesportivo de Gulpilhares, com a exibição de cinco grupos nacionais e quatro estrangeiros de Espanha, França, Itália e Roménia. Este Festival, considerado o melhor do norte do país, é organizado pelo Rancho Regional de Gulpilhares com o patrocínio da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

O 8.º Festival Folclórico de Maiorca, integrado nas comemorações do I Centenário da elevação da Figueira da Foz a cidade, terá lugar amanhã com um Desfile do Trajo, às 15.30 na Figueira e às 16.30 em Maiorca. A partir das 17 horas, no Terreiro do Paço, exibem-se os Ranchos de Arcozelo, Chamusca, da Casa do Povo de Maiorca, Camargo Souvage, de Salin de Giraud (Arles, França), da Torredeita (Viseu), do Calvário (Estombar, Algarve) e o Grupo Folclórico Herencia, de Ciudad Real (Espanha).

Exposições

A exposição «Kukas-Jóias e Objectos», continua patente ao público na Fundação Gulbenkian. Trata-se de uma prodigiosa colecção de anéis, botões de punho, broches, caixas, colares, etc., em madrepérola, quartzo, pedras preciosas, vidro de Murano, cristais e outros materiais.



A exposição «Kukas-Jóias e Objectos» continua patente ao público na Fundação Gulbenkian

Quarenta e seis trabalhos de pintura de Graziella Rinaldis estão até ao dia 27 patentes ao público no átrio do Palácio Foz. A exposição da pintora, natural de Milão, é constituída por 33 óleos, fundamentalmente paisagens e flores do Brasil, e por 13 aguarelas, estas tendo como tema, na sua maioria, paisagens portuguesas.

Graziella Rinaldis tirou em Buenos Aires, para onde emigrara, um curso de desenho e em 1951 partiu para o Brasil, onde se fixou e estudou pintura com os professores Tulio Mugnaini, Colette Paujole, Miura e Salvador Rodrigues Júnior.

A pintora tem óleos e aguarelas em diversas colecções brasileiras, italianas e portuguesas.

Uma exposição de «batik» abre esta tarde no Penedo (Colares), organizada por Georges le Calvé e Manuel Abreu, ali permanecendo até 29 de Agosto, podendo ser visitada todos os dias das 11 às 19 horas. Expõem: Annita Zurstrassen, Hazel Caine, Laetitia Yalon, Manuel Abreu, Margarida Granés, Maria da Pureza Oliveira e Zinha.

António Sena, José de Guimarães e Jorge Pinheiro expõem 42 pinturas, até 30 de Julho, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Obras dos três artistas constituíram a representação portuguesa à XVI Bienal de São Paulo.

LIQUIDAÇÃO TOTAL DA EXISTÊNCIA
NA STOP
RUA DO OURO, 260 - LISBOA
BLUSAS MALHA DESDE ..... 180$00
TOPS MALHAS DESDE ..... 280$00
VESTIDOS MALHA DESDE ..... 780$00
MALHAS ● FATOS DE BANHO
PRONTO-A-VESTIR ● LINGERIE

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	62$80	67$80
ALEMANHA FED (marco)	33$65	34$75
AUSTRIA (xelim)	4$70	4$90
BELGICA (franco)	1$603	1$803
BRASIL (cruzeiro)	$215	$465
CANADA (dólar – notas de 1 e 2)	66$00	68$00
(notas de 5 a 1000)	66$50	68$50
DINAMARCA)coroa)	9$70	10$10
ESPANHA (peseta)	$711	$811
EUA (dolar – notas de 1 e 2)	83$90	85$90
(notas de 5 a 1000)	84$40	86$90
FINLÂNDIA (marka)	17$60	18$20
FRANÇA (franco)	12$05	12$75
HOLANDA (florim)	30$50	31$50
INGLATERRA (libra)	145$30	149$30
IRLANDA (libra)	116$25	120$25
ITALIA (lira)	$054	$064
JAPAO (iene)	$298	$333
NORUEGA (coroa)	13$15	13$65
SUECIA (coroa)	13$60	14$20
SUIÇA (franco)	39$45	40$55
VENEZUELA (bolivar)	17$40	18$40

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo.
2. – Todas as operaçoes de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

16.00: Banda Magnética; **17.20:** Informativo de trânsito; **18.20:** Informativo de trânsito; **18.45:** Transmissão directa da 4.ª Gala Internacional dos Pequenos Cantores – Figueira da Foz, **20.15:** Programa da Noite; **21.00:** Lisboa. País, Cidade; **23.00:** Títulos do último Jornal; **23.30:** Último Jornal; Noticiários intercalares às **16.00, 17.00, 21.00, 22.00.**

Programa 2

14.30: Ópera Comentada: «Un Giorno di Regno», de Verdi; **16.55:** Fantasia em dó maior, op. 17, para piano, de Schumann; **17.30:** Música de câmara de Haydn e Prokofiev; **18.15:** Suite n.º 1 em dó maior BWV 1006, de Bach; **18.40:** Música sinfónica: – Concerto n.º 27 em si bemol maior k. 595 para piano e Orquestra, de Mozart – Suite «Ma Mère L'Oye», de Ravel; **19.30:** Sonata em dó menor op. post. D 958, de Schubert; **20.10:** Música de câmara: – Trio em si bemol maior KV 502, de Mozart – Quarteto n.º 2, em Fá maior, op. 41, de Schumann; **21.00:** Canções de Wesendonck, de Wagner; **21.25:** Música de Beethoven; **21.55:** As 4 estações de Vivaldi; **22.45:** Efeméride musical: morre Cammarano; **23.30:** Intercâmbio musical; **01.00:** Fecho Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

15.03: Contra-ataque; **19.03:** Musical; **20.03:** Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30:** Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30:** Tempo de desporto; **23.08:** 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Contra-ataque; **19.03:** Estereotipos; **21.03:** Blues index; **22.03:** Outra música. Noticiário de hora a hora.

Rádio Renascença

FM e OM de Lisboa

16.00: Transmissão Desportiva; **18.00:** Magazine Regional; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Títulos de Informação; **19.03:** Saltitão (Espaço Infantil); **19.30:** Jornal da Noite (com Nota de Abertura); **20.00:** Pajú; **21.00:** Quando o telefone toca; **21.30:** Pentagrama; **22.00:** Diálogo e vida; **22.30:** Bola branca (2.ª edição), **23.00:** Títulos de Informação; **23.03:** Suplemento de informação; **23.30:** Jornal das **23.30** (com nota de abertura); **23.55:** Meditando. Noticiários intercalares: às **17.00, 21.00 e 22.00.**

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 478

HORIZONTAIS:

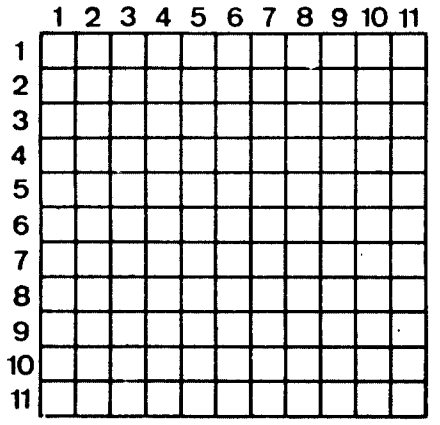
1 Artigo definido. Acabamento. Oferecer.
2 Freguesia do concelho de Barcelos. Ilha do Pequeno Belt.
3 Estacionassem. Alumínio (s.q).
4 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!
5 Freguesia do concelho de Penafiel. Apaguem.
6 Cânhamo de Manila. Pronome reflexo. Escudeiro.
7 Além. Ilha do estado da Baía.
8 Amónio (s.q). Tempo do verbo haver. Seis em romano
9 Alamiré.
10 Descerra. Rio de Portugal
11 Ilha do mar Jónio. Ouro (s.q).

VERTICAIS:

1 Artigo definido. Entrada. Concede.
2 Reputação. Vara de apanhar fruta.
3 Apatia profunda. Alteza Real.
4 Rezar. Ocultes.
5 Zombas. Estima.
6 Tabernas. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
7 Conjunção. Conclusão. Artigo definido.
8 Cause amuo a Macaco americano.
9 Oferece. Estimai.
10 Lavrai. Cobiça.
11 Lista. Filtrai. Alternativa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9338



HORIZONTAIS:

1 Termino. Rio de Portugal.
2 Semelhança. Chiste. Duna na Suécia.
3 Estimam. Lugar onde se alojam cães.
4 Estavas. Aves semelhantes às pombas.
5 Estéreis. Centiare.
6 Grande ribeira da Ásia Russa. Coriscos. Prefixo de negação.
7 Alcunha. Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenried.
8 Cuida de. Empregue.
9 Batráquio. Rádio (s.q).
10 Faz doação de. Ósmio (s.q).
11 Rarefacção sem descalcificação do tecido ósseo, pelo aumento das cavidades e dos espaços medulares.

VERTICAIS:

1 Fruto da ateira. Calculado.
2 Toma como alimento. Maior. Artigo definido.
3 Poisa no mar (o avião). Revolucionário francês que foi morto no banho por Carlota Corday.
4 Pequena marra de ferro.
5 Ósmio (s.q). Fecha as asas para descer mais depressa. Rio de Itália.
6 Antes de Cristo. Distrito da ex-Índia portuguesa. Cidade de França.
7 Luz intensa. Letra grega.
8 Pronome possessivo. Deus dos pastores (inv).
9 Carril, linha férrea. Possuir.
10 Antiga região da Ásia Menor, ocupada pelos Gauleses em 278 aC. Preposição e artigo.
11 Artigo definido. Uma das Cíclades. Catedral.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:
1 O. FRACO. DE.
2 Ida. Ro. Lê.
3 Rir. Rematar.
4 Ozone. Al.
5 Limam. Sam.
6 Sama. Ema.
7 Trastes
8 Or. Ao Sorri.
9 Dás. Doe. Eia!
10 Otelo. Medas.
11 Sares. Mós.

VERTICAIS:
1 Oiros. TODOS.
2 DIZ. Errata.
3 Farol. Ser.
4 Nisso. Lê.
5 Arrematados.
6 Coe. Ame.
7 Mamassem.
8 MAL. EM.
9 SEGREDO.
10 Elaram. Rias.
11 Er. Matias.

Provérbio: O fraco de todos diz mal, em segredo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:
1 De. Dama.
2 Dormirias.
3 Moira. Orna.
4 Amal. Amais.
5 Sai. At.
6 Ciariam. Arc.
7 Os. Ero. Er.
8 Uni. Calvo.
9 Er. Datas. Im.
10 Domas. Isara.
11 Elos. Coaras.

VERTICAIS:
1 Damasco. Ede.
2 Orais. Rol.
3 Dinia. Mó.
4 Dora. Rendas.
5 Aral. Irias.
6 Mm. Cão.
7 Aí. Caio.
8 Roma. Passa.
9 Pirata. Ar.
10 ANI. Revira.
11 Usas. Cromas.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24

n. acons. men. 13 anos
ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
UM HOMEM, UMA MULHER

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O ESPIÃO SAI ÀS NOVE
c/ Hayley Mills, Dean Jones
e Dorothy Provine
Technicolor

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
JERRY, ENFERMEIRO SEM DIPLOMA
Um filme de Frank Tashlin
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45
Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
Um divertido negócio de bananas... decidido a murro!
BANANA JOE
c/ Bud Spencer

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. 13 anos

UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Festival Walt Disney
O LIVRO DA SELVA
Falado em português

CASTIL 530194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS REPETENTES EM FÉRIAS

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 15.15, 18 e 21.30
– Int. men. 13 a.
MORTE NO NILO
c/ Peter Ustinov, Jane Birkin,
Às 24
AS MOTOS DA MORTE

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
A DEVORADORA DE HOMENS
Pornográfico – Hardcore
Às 24
A CORAGEM DE UM HOMEM

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
BLOW-UP
(A HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO)
Às 24
OS FALCÕES DA NOITE

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Filme indiano
A CANÇÃO DA ESPERANÇA
(AASHA)
c/ Jeetendra, Reena Roy

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O código de honra era a sua bandeira!
O CLARIM DA REVOLTA
(TAPS)
c/ George C Scott e Timothy Hutton

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O PRIMEIRO PECADO MORTAL
Um filme de Brian Hutton
Colorido
Às 24 – N. ac. men 18 a.
O CONTRA-ATAQUE DO DRAGÃO

ESTUDIO 555134
Alam. Afonso Henriques 35
Às 21.30 – N. ac. men 13 a.
DUELO AO SOL
c/ Gregory Peck, Jennifer Jones
e Joseph Cotten
Um filme de King Vidor
3.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
OS EXECUTORES
c/ Roger Moore

IMPÉRIO 555134 5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O IMPLACÁVEL
c/ Jean-Paul Belmondo

LONDRES 801313
Av. de Roma 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO
4.ª Semana

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38
Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30 e 21.30 – Int. men. 18 a.
A história de um amor ilícito
A MINHA BELA MADRINHA
Às 24
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

MONUMENTAL 556141
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Grupo B (10 a.)
GOODBYE MR. CHIPS
c/ Peter O'Toole, Petula Clark
e Michael Redgrave
70mm

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Laureado com a «Palma de Ouro» do Festival de Cannes em 1972
No filme «O Caso Mattei»
TRÊS IRMÃOS
Um filme de Francesco Rosi

ODEON 32828374
R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Belas mulheres e não só
AFINAL, ELAS SÃO ELES!

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
SISSI
6.ª Semana

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O IMPÉRIO DO DESEJO
Às 00.45
A PONTE FATAL

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– Int. men. 13 a.
ALL THAT JAZZ
(O ESPECTÁCULO VAI COMEÇAR)
Filme de qualidade

SALA 3
Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
DUELO NO DESERTO
de Monte Hellman
Filme de qualidade

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CLARIM DA REVOLTA
(TAPS)
de Herold Becker

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 14 a.
WEST SIDE STORY
(AMOR SEM BARREIRAS)
2.ª Semana

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
Às 15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Por exigência do público volta um grande êxito
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore

S. JORGE SALA 2
Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
30.ª Semana

S. JORGE SALA 3
Às 21.15 – N. ac. men. 13 a.
Vencedor de 3 «Óscars»
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
16.ª Semana

SATELITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVIU O AMANHÃ
9.ª Semana
Às 24
A MORTE EM DIRECTO

7.ª ARTE 730715
Av. República, a Est. de Entre Campos
007 em festival c/Sean Connery
DR. NO – AGENTE SECRETO 007
Domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL PANTERA

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18.00 e 21.30
N. Ac. a M. 13 anos
UNS E... OS OUTROS
38.ª Semana
Às 24
O ABC DO AMOR

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
4.ª semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
CÉLEBRES E RICAS
Int. men. 13 anos
9.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
BULLITT
c/ Steve McQueen e Jacqueline Bisset

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
N. Ac. M. 13 anos
O GENDARME E OS EXTRA-TERRESTRES
Às 23.45
O SARGENTO DA FORÇA 1

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «O Primeiro Pecado Mortal», às 21.30 (18 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «O Fantasma da Liberdade», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Eu Estou à Disposição», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «Alunas em Orgia», sessões permanentes (18 anos)
2000 – «Duelo dos Grandes Lutadores», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Teerão 43», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA – «Banana Joe», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Chamam-me Dólares», às 21.30 (18 anos)
PÁTRIA – «Não Há Nada que Não Me Aconteça», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «Sansão», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium «O Cavalo Negro» às 21.30 (6 anos);
PAREDE – Royal-Cine – «Explosão» às 21.15 (18 anos);
ESTORIL – Casino – «O Profissional» às 17 e 21.15 (13 anos);
ESTORIL – Palácio – «O Terror no Far West» às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Harém», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «A Noviça e o Amor» às 21.15 (18 anos).
ALMADA – Academia – «Outland Atmosfera Zero» às 21.15 (13 anos);
ALMADA – Cine-Almada – «A Pele», às 21.30 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «O Espião Implacável», às 21.30 (18 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Aventura nas Caraíbas» às 21.15 (13 anos);
SETÚBAL – Júpiter – «Um Lobisomem Americano em Londres» às 21.15 (18 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Os Fugitivos de Alcatraz» às 21.30 (13 anos);
AMADORA – Cine Plaza – «Querida Mãe» às 21.30 (13 anos),
AMADORA – Lido – «A Bomba na Marinha» às 21.30 (13 anos);
AMADORA – Cine-Estúdio – «A Pele» às 21.30 (18 anos);
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Espião Implacável» às 21.30 (18 anos);
SINTRA – Carlos Manuel – «O Santo e a vendetta» às 21.30 (13 anos);
SACAVÉM – S. José – «Superdinâmico» às 21.30 (13 anos);
ALHANDRA – Salvador Marques – «Guerra Entre Polícias» às 21.30 (13 anos);
MAFRA – Cine-Teatro – «Furacão no Asfalto» às 21.30 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO – «Beldades Selvagens em Ibiza», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Rainha dos Diamantes», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «O Avarento», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Momentos de Glória», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Uns e Outros», 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Reds», as 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Vamos a Isto Rapazes», às 21.45 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Hoje e Ontem Tudo Sexo», às 21.30 (18 anos)
BEBÉ – «A Noite Fez-se para Amar», às 21.45 (13 anos)
FOCO – «Urgh», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «O Espião Sai às Nove», às 21.30 (6 anos)
COLISEU – «A Força da Razão», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Os Dois Magos da Bola», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «A Grande Jogada», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «A Bomba no Colégio», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «007 Contra Goldfinger», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Beco Sem Saída», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE – «O Cowboy da Meia-Noite», às 21.45 (13 anos)

teatros

ADÓQUE – «Tá Entregue à Bicharada», às 20.30 e 23.00 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Teatro de Campolide – «Tempos Difíceis», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO – Cornucópia – «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)
VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)
VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30
VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam Como eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
ABC – «Cna e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.45
O REALEJO – «Nó Cego», às 21.30

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AL. D. AFONSO HENRIQUES – Esperança – Rua Carlos Mardel 101 B Tel. 882668; **ALCÂNTARA – Bairrão** – Rua Prior do Crato 27 Tel. 661321; **ANJOS (ao cinema ROXY) – Guerra** – Rua Andrade 32-36 Tel. 845513; **AV. ROMA B.º SÃO MIGUEL – São Miguel** – Pç Francisco de Morais 1 Tel 771469; **BAIXA – Morão** – Rua da Assunção 17-19 Tel. 321289; **ENCARNAÇÃO – Zira** – Pç das Casas Novas Lt 66 Tel. 311216; **ENC. REST. – ESC. P. VICENTE – Belém** – Rua Tristão Vaz 10 A Tel. 612248; **ESTADOS UNIDOS – Gasparinho** – Rua dr Gama Barros 54 A Tel 890465. **GALINHEIRAS – CHARNECA – LUMIAR – São Bartolomeu** – Vl Paulo Jorge 1 Tel 790969; **LAPA – Central da Lapa** – Rua dos Navegantes 10 Tel 661734; **LUZ – 2.ª CIRCULAR – J. Ribeiro** – Est da Luz 199 A Tel 780969; **PICHELEIRA – Marluz** – Cç da Picheleira 140 BC; Rua Prof Mira Fernandes MAF) Tel. 880703; **SÃO SEBASTIÃO – Sagres** – Av. Luís Bivar 69-71 Tel 547213; **ALGÉS – Branco** – Av Comb Grande Guerra 29 Tel 2112081; **ODIVELAS – Catela Tavares** – Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes 29 A Tel 915446; **PONTINHA – Pimentel** – Az dos Bezouros Lt R 8

PERMANENTE

AREEIRO – PÇ LONDRES – João XXI – Av. João XXI 16 A Tel 886462; **BOA-HORA – Sepol** – Cç da Boa-Hora 94A Tel 631958; **CAMPO D'OURIQUE – Elma** – Rua D Maria Pia 358 A Tel 666176. **CHILE – Aliança** – Av Almirante Reis 145 BC Tel 570487; **FEIRA POPULAR – Santa Maria** – Av 5 de Outubro 283 A Tel 763016. **GRAÇA – Monte** – Rua Senhora do Monte 30 AB Tel 867842; **LUZ-2.º CIRCULAR – Da Luz** – Est da Luz 124 A; **MARQUÊS POMBAL – Branco** – Av. Duque Loulé 61-65 Tel. 545048, **XABREGAS – MADRE DEUS – Conceição** – Cç D Gastão 30-32 Tel 381279; **ALGÉS – Miraflores** – Rua dr António Granjo 2 B Tel 2101161, **AMADORA – Campos** – Rua Elias Garcia 185-187 Tel. 930072, **BRANDOA – Correia** – Est Principal Lote 172 Tel 993148; **DAMAIA – Damaia** – Lg. Alexandre Gusmão 9A Tel 970523, **ODIVELAS – Monserrate** – Rua Guil Gomes Fernandes 31 A Tel 911139

Linha de Cascais

CARCAVELOS – Vilar – Av. M.ª Conceição, Lote 8 (Telef. 2470777) Permanente; **OEIRAS – Mourão Vaz** – Av Moçambique, 18-C (Telef. 2437196) Até às 22 horas, **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (Telef 2478737) Permanente; **PAREDE – Grincho** Av da República, 87-A (Telef. 2471204) Permanente. **MONTE ESTORIL – Suíça** – Cruzeiro (Telef 260087) Até às 22 horas; **CASCAIS – Cascais** – R Conde Monte Real- B.º Caixas (Telef 282407) Permanente,

Linha de Sintra

AMADORA – Melo – P D. João I, 9-B (Telef 932756) Permanente; **QUELUZ – Queluz** – Av Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841) Até às 22 horas; **CACÉM – Rodrigues Garcia** – Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D (Telef. 2943693) Permanente; **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est Mem Martins, 173 (Telef. 2914103) Permanente; **Mercês** – Claro Russo – R Abade Faria, 2-A (Telef. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** – Av Óscar Monteiro Torres 8 (Telef 2960194) Das 9 às 23 horas. **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – (Telef 980456) Permanente. **COLARES – Abreja** (Telef 299088)

Outra Banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei (T. 273498). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R Dr. Alberto Araújo, 19-A Permanente; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 299088) Permanente; **COSTA DA CAPARICA: Carlos**, Av do Mar. Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av Alfredo da Silva (T 2073035). Permanente; **SETÚBAL: Brasil**, P. do Brasil, 14. Permanente
SESIMBRA – Lopes – R Cândido dos Reis, 21 (Telef 2233028), **AMORA – Fonseca** – R Ribatejo, 124-Cruz de Pau (Telef 2211131), **SEIXAL – Central** – Esta. Nacional, 9 (Telef. 2210365) Aldeia de Paio Pires; **MONTIJO – Diogo** – R. Almirante Reis, 50 (Telef 2310032); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Telef. 239029), **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. Bela Rosa, 8 (Telef. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef 234137)

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Pedro Gomes**. Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

VASQUES, R. das Condominhas, 794; **FÁTIMA**, R. de Oliveira Monteiro, 475; **CONTUMIL**, R. de Contumil, 540; **ALIANÇA**, R. da Conceição, 2; **BARROS**, R. do Loureiro, 104.

Coimbra

DAS 9 ÀS 9 HORAS DO DIA SEGUINTE

MONTES CLAROS, R. Dr. António José de Almeida, 69 (T. 25904)

HÁ BEBER E HÁ VIVER

— Numa viagem longa o condutor está sujeito a um estado de fadiga proveniente, entre outras causas, da atenção prolongada à condução e do calor.
A fadiga agrava consideravelmente o efeito do álcool no organismo.

DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.° – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
12.59	3,6 m	6.20	1,2 m
		18.55	1,2 m

Dia 18

1.30	3,6 m	7.19	1,1 m
14.00	3,8 m	19,53	1,0 m

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	18°
BRAGANÇA	19°
VILA REAL	18°
PORTO	19°
P. DOURADAS	13°
COIMBRA	18°
C. CARVOEIRO	19°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	19°
ÉVORA	17°
BEJA	18°
SAGRES	17°
FARO	21°
P. DELGADA	19°
FUNCHAL	19°

últimas

AMERICANAS SÃO ESPANCADAS habitualmente pelos maridos revela um estudo levado a cabo por dois sociólogos no Estado do Texas. Mais de 200 mil mulheres foram vítimas de maus tratos domésticos. Quase metade sofreu agressões graves e 87 mil são regularmente espancadas pelos conjûges. Tratam-se na sua maioria de mulheres casadas e com filhos, dois terços das quais de raça branca mais de metade com estudos de nível secundário. Os investigadores concluem que os agressores «se aproximam do varão americano típico» e que é o crime encoberto número um dos EU.

NOVA ERUPÇÃO VULCÂNICA na Ilha de Java provocou a morte de dez pessoas e, pelo menos, ferimentos em mais uma dúzia. Esta última erupção do vulcão Galunggung, situado a Oeste da ilha de Java é a terceira em quatro dias e destruiu até agora, 158 habitações.

CEM MINEIROS foram encontrados vivos, depois de dados como mortos, após o desabamento do tecto da galeria onde trabalhavam numa mina do estado indiano de Bihar Oriental. Trinta e sete conseguiram libertar-se e os restantes foram considerados perdidos. Horas depois os esforços das equipas de socorros conseguiu libertá-los.

TURBULÊNCIA ATMOSFÉRICA provocou cinquenta feridos entre os passageiros de um DC-10 da «United Airlines», quando o aparelho deparou com aquel alteração no percurso, sobre as montanhas de S. Francisco na Califórnia. Os fortes solavancos fizeram cair os 168 passageiros sobre os lugares e empurrou outros contra o tecto.

Oposição contesta penalizações do novo Código ao aborto

Costa Andrade afirmou ontem na Assembleia da República que «o aborto terapêutico já não é punido pelo direito penal vigente». O deputado do PSD replicava a António Taborda, Armando Lopes e Vilhena de Carvalho durante o debate sobre o novo código penal, que a proposta do Governo poderá ser votada depois de amanhã.

Uma parte da paternidade da proposta, aliás, é atribuída ao deputado do PSD, que a defendeu com vigor, em particular face à intervenção de Armando Lopes. Costa Andrade afirmou que a declaração de Armando Lopes enfermara de «erros graves» e «lacunas imperdoáveis» e que a seu tempo trataria da questão com mais propriedade. O deputado do PS (Armando Lopes), aliás, foi mais longe, chegando mesmo a referir que, de acordo com o espírito da proposta, haverá casos em que, para crimes idênticos, as penas serão diversas.

O problema do aborto esteve na ordem do dia da sessão parlamentar de ontem, em que não se tratou de revisão. Aliás, é isso mesmo que sucede à sexta-feira. E ontem, antes da continuação do debate sobre o novo código penal, foi rejeitada a impugnação do PCP à admissão de uma proposta autorizando o Governo a legislar sobre Finanças Locais. Foi nesse preciso instante que se verificou que não havia «quorum». Já depois das 11 e 30, finalmente, o presidente da AR constatou haver 127 deputados no plenário. A proposta foi então votada: toda a oposição esteve com o PCP; a maioria mostrou-se também unida. Resultado: a impugnação foi rejeitada.

«Penalização hipócrita»

No articulado do Código Penal em debate avultam como principais «pontos quentes» as penas sobre o terrorismo e o aborto. António Taborda, por exemplo, afirmou que «as penas sobre o terrorismo são extremamente exageradas num país de brandos costumes como o nosso», enquanto Armando Lopes considerou que o aborto é punido severamente pelo actual Código Penal e que, apesar disso, os abortos continuam a realizar-se às dezenas de milhares por ano.

«Faz-nos lembrar as penas violentas dos arrancamentos de olhos, da morte por apedrejamento e outras, que as ordenações consagravam mas que, muito antes do Código Penal, já nenhum tribunal mandava aplicar por terem caído em desuso» – rematou o deputado do MDP/CDE.

A penalização do aborto, prevista no projecto do novo Código, feito pelo Governo, suscitou no Parlamento, como atrás se refere, críticas do PS, PCP, ASDI e MDP/CDE e não foi defendida por qualquer deputado da AD de forma específica, concreta.

Lino Lima (PCP) chamou-lhe «penalização hipócrita»), António Taborda (MDP) considerou-a «farisaica»; e Armando Lopes (PS) recordou que os tribunais «reagem mal» à punição do aborto.
Louvando em geral o anteprojecto da equipa de Eduardo Correia, a oposição atacou (sobretudo) as alterações que a este anteprojecto foram introduzidas pelo Governo, nomeadamente a matéria referente ao aborto.

Idade média

Em réplica a Costa Andrade, Armando Lopes recordou que o projecto de Eduardo Correia despenalizava o aborto terapêutico, mas salientou que «o projecto do Ministério da Justiça fez, num golpe de mágica, desaparecer qualquer referência ao aborto terapêutico, punindo sempre, e em qualquer circunstância, o aborto». «O novo Código Penal, para ser uma lei razoável e justa, merecia ser expurgado destas arestas que mancham a bela obra legislativa do seu autor originário» – acrescentou.

Lino Lima (PCP) atacou a «penalização hipócrita» do aborto e prometeu outra intervenção do seu partido sobre o assunto (que deverá ser feita segunda-feira por Zita Seabra).

Esta penalização «só por si chegaria para considerar o código proposto como um diploma indigno do nosso ordenamento jurídico e hostil à nova dignidade que as mulheres viram consagrada constitucionalmente».

António Taborda (MDP) acentuou que «a verdadeira pedra de toque deste projecto de Código Penal e que só por si, em nosso entender, não o fará passar à posteridade como um monumento histórico e progressivo, é a continuação da penalização do aborto. É neste domínio – disse António Taborda – que se manifesta o seu sentido retrógrado e farisaico, o seu enfeudamento – apesar de tudo de positivo que contém – a uma certa concepção ultrapassada da vida e da responsabilidade consciente e clara de cada um perante ela».

«Penalizar o aborto num código novo, feito em 1982, é regressar aos primórdios da Idade Média neste domínio e fazer obscurecer o muito de positivo que o projecto contém» – realçou ainda.

João Morgado na primeira fila

O deputado do MDP/CDE opinou mesmo que a conjugação das previstas penalizações do aborto e do incitamento à prática de crimes «inviabiliza qualquer campanha de opinião pública contra a penalização do aborto, coarctando a liberdade de pensamento e de opinião».

Vilhena de Carvalho (ASDI) perguntou, por seu turno, por que razão o código trata o aborto da forma como o faz, «sobretudo sabendo-se da pendência nesta Assembleia de projectos de lei sobre essa matéria» (o projecto do PCP apresentado em 4 de Fevereiro).

Entretanto, na sessão de ontem, João Morgado (que no começo do ano se opôs ao aborto de forma considerada «infeliz», mesmo por deputados da AD) e Zita Seabra ocuparam lugares na primeira fila das bandas do CDS e PCP, respectivamente. Mas não chegaram a intervir...

Para além do aborto, o PCP atacou o código proposto pelo Governo porque «penaliza fortemente as violações do direito de propriedade e despenaliza a violação dos direitos fundamentais dos trabalhadores» (o salário entre outros).

Antigo presidente da Lockheed, sua mulher e uma empregada crivados de balas

VILLANOVA (PENSILVÂNIA) - O antigo presidente do conselho de administração do número três da aviação americana, A Lockheed Corp., Courtlandt Gross, sua esposa e uma dama de companhia, foram assassinados na noite de quinta para sexta-feira, anunciou a polícia de Villanova, subúrbio de Filadélfia.

De acordo com as primeiras informações, desconhecidos conseguiram, durante a noite, penetrar na luxuosa propriedade dos Gross, situada a oeste de Filadélfia. Foi um operário quem alertou a polícia, ontem de manhã, depois de avistar um corpo no chão da cozinha.

Esta acorreu e encontrou os corpos de Gross (77 anos), de Alexandra Gross (72 anos) e da sua dama de caompanhia Catherine Van Der Veur (69 anos) crivados de balas.

A notícia do triplo assassinato deixou estupefactos os vizinhos dos Gross, entre os quais figura Richard Davis, irmão de Nancy Reagan, esposa do presidente americano.

Gross instalou-se em 1967 na região de Filadélfia Era irmão de Robert Gross, fundador da Lockheed, a quem sucedeu à frente da empresa quando da sua morte em 1961.

Houve falha humana no acidente de Setil

A comissão de inquérito ao acidente ferroviário do Setil concluiu ter havido «irregular actuação humana» na mesa de comando da cabina de sinalização – anunciou ontem o Conselho de Gerência da CP

O Conselho de Gerência, afirma em comunicado que a comissão de inquérito continua a sua actividade até «integral averiguação de todas as circunstâncias em que o acidente ocorreu» e salienta que por erro humano na cabina de sinalização foi accionada a agulha que deu origem ao desvio causador do acidente.

O comboio foguete Porto-Lisboa descarrilou em Setil, a 60 quilómetros da capital, a 6 de Julho, devido a um erro de agulhas, caindo parte da composição para um rio.

O acidente provocou a morte de três pessoas

Gonçalves Pereira edita em livro a sua experiência política

O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros André Gonçalves Pereira reuniu em volume ontem lançado no mercado livreiro os textos de três entrevistas e as «duas únicas intervenções escritas» do seu mandato como chefe da diplomacia portuguesa.

O livro, editado pela Ática, tem por título «Uma experiência política».

«De certo modo, assinala Gonçalves Pereira uma breve introdução à obra, a primeira entrevista e a alocução de 7 de Junho de 1982 marcam o início e o fim de uma experiência sobre a qual uma reflexão mais pontual ficará para mais tarde».

«A experiência, acrescenta, foi curta e terminada a meu pedido porque, vaidoso, não me satisfaziam os sinais exteriores do Poder».

A finalizar, diz Gonçalves Pereira: «do que se fez, outros poderão ajuizar com a benevolência que, como todos, uso para comigo próprio».

ÁFRICA MARAVILHOSA
Circuito Diamante Azul
16 DIAS – VISITANDO:
JOANESBURGO
PARQUE NAC. DE KRUGER
CIDADE DO CABO
CABO DA BOA ESPERANÇA
OUDTSHOORN
PLETTENBERG BAY
PORT ELIZABETH
DURBAN
PARTIDAS - 1982
AGOSTO... 11 OUTUBRO . 6
SETEMBRO.. 8 DEZEMBRO 8
PARTIDAS - 1983
FEVEREIRO . 9 MARÇO . . 30
Joanesburgo
PARTIDAS ÀS 3as. FEIRAS
FEIRA DO RAND 1983
PARTIDA ESPECIAL: 29 DE MARÇO DE 1983
9 DIAS
INFORMAÇÕES E RESERVAS
DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 Tel 803609
PORTO Avenida dos Aliados, 207 Tel 317921
PORTO R. Eug. Castro, 256 (Foco) Tel 691686
COIMBRA Rua da Sota, 2 Tel 27011/6
FARO Avenida da República, 124 Tel 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Tel 31077/8

ALEMANHA ROMÂNTICA
AVIÃO + AUTOPULLMAN E CRUZEIRO NO RENO
9 DIAS – VISITANDO:
FRANKFURT - HEIDELBERG
LINDAU - GARMISCH
MUNIQUE - ROTEMBURG
NUREMBERGA
PARTIDAS
JUL .... 22 • SET. 2, 9 e 23
AGO . 5 e 19 • OUT 02
INFORMAÇÕES E RESERVAS
DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 Tel. 803609
PORTO Avenida dos Aliados, 207 Tel. 317921
PORTO R. Eug. Castro, 256 (Foco) Tel. 691686
COIMBRA Rua da Sota, 2 Tel. 27011/6
FARO Avenida da República, 124 Tel. 25035/6
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Tel 31077/8

PALMA DE MAIORCA
VOOS DIRECTOS DIURNOS AIR PORTUGAL
PALMA • IBIZA
8 e 15 DIAS
DATAS DE PARTIDA
JUL . 12, 19 e 26
AGO 02, 09, 16, 23 e 30
SET 06 13 e 20
COMPARE OS NOSSOS PREÇOS E HORÁRIOS
INFORMAÇÕES E RESERVAS
DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida de Liberdade 160 Tel 371341
LISBOA Avenida de Roma 66 Tel 803609
PORTO Avenida dos Aliados 207 Tel 317921
PORTO R. Eug. Castro 256 (Foco) Tel 691686
COIMBRA Rua Sota 2 Tel 27011/6
FARO Avenida da Republica 124 Tel 25035/6
FUNCHAL Rua Gorgulho 1 Tel 31077 8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

MARAVILHOSO CRUZEIRO AOS AÇORES E MADEIRA
A bordo do moderno paquete "FUNCHAL"
Classe única • Serviço de 1ª cl.
22 a 31 Agosto 1982
(LISBOA A LISBOA)
Preços excepcionais desde 38.600$
PEÇA-NOS O PROGRAMA DETALHADO
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8
UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 17 DE JULHO DE 1982

O imaginário

O imaginário não é o contrário da realidade: não se deve confundir imaginação e ilusão – diz Clément Rosset na «lição de filosofia» que hoje publicamos, ao abrigo do nosso acordo de exclusivos com o «Le Monde Dimanche». Na próxima semana, publicaremos «O indivíduo», de Elisabeth de Fontenay.

Pág 4 e 5

O discurso tecnocrático ou as imposturas do texto gestionário

Os últimos livros de Régis Debray, Pierre Legendre e de Jean-Marie Paupert são, para Chaké Matossian, motivo de reflexão sobre «O discurso tecnocrático», ou sobre as imposturas do texto gestionário.

Págs. 4 e 5

Os Stones em Madrid

A luxúria permitida

De noite, vindos da Alemanha, os cinco guerreiros eléctricos chegaram a Madrid e o brilho dos seus olhos devorou por instantes a escuridão. Acenderam-se mil luzes e raios laser espalharam-se em todas as direcções e corpos caíram fulminados. A encenação do desembarque dos Stones podia ter sido esta o que provavelmente agradaria a Keith Richard, um apaixonado das histórias de ficção científica. Extraterrestes é com ele. Porém as coisas passaram-se de outra maneira, muito mais trivial.

ASSIM: um exército de jornalistas, atraídos pela mitologia do grupo inglês, acampava no aeroporto de Barajas mas não logrou sequer vê-los de perto quanto mais dirigir-lhe a palavra. Muito punk, ou num acto revivalista dos anos sessenta, quando os Stones ainda eram rapazes rebeldes, Mick Jagger atirou com a lata de cerveja que acabara de beber para a pista de aterragem, gesto que lhe valeu uma repreensão da guarda civil espanhola. Intimado pela autoridade a apanhar o objecto, nem se dignou a olhar sequer para o homenzinho de farda. Foi um membro da sua comitiva quem se baixou, mão direita á lata, já que os inúmeros servidores que acompanham **«a maior banda de rock de mundo»**, na sua digressão pela Europa, também são pagos para fazer estes trabalhos.

Mais de oitenta gorilas, negros e brancos, altos que nem torres, músculos salientes e luzidios, braços tatuados (talvez fossem «Hell Angels» reformados) defendem os Rolling Stones dos incómodos, das indiscrições, das paixões sucessivas que lhes votam os seus admiradores. «Que animales», comentou um jornalista. Aliás, um tipo da organização que trouxe os Stones a Madrid, «Gay Campany», empresa de Barcelona, confundido com um qualquer perseguidor, experimentou na pele a eficiência dos guarda-costas americanos. Bem escamados estavam os matulões, na alfândega, por assistirem impotentes à observação minuciosa das malas de Ron Wood em que intervieram mãos, olfacto e vista de funcionários sugestionados pelas histórias que se contam sobre aquele grupo de rock. Nada encontraram . Nem armas. Nem dinamite. Nem drogas.

Adulação

Alojaram-se no Hotel Palace, em dez suítes e trinta quartos. Só por curiosidade: cada suíte custa cerca de quarenta mil pesetas. Durante três dias esse velhíssimo edifício, outrora nobre e agora modernizado, foi concorrido de jornalistas com passaporte de todo o mundo, na esperança de uma entrevista com os Stones ainda que superficial pois eles (agora) apenas dizem banalidades. De propósito, é óbvio. Ultrapassaram todas as barreiras, são legenda de uma época, peças de antiquário, sem preço. Vivem inacessíveis na sua gaiola dourada, na redoma de vidro possivelmente assinalada pelo rótulo de peça única.

Dentro do hotel, pessoal e hóspedes movam-se excitadíssimos de um lado para o outro. Havia de tudo: escritores famosos (caso de Jorge Luis Borges), embaixadores do Alta-Volta, árabes do petróleo, ministros, industriais. Vaivém e vertigem, nos bares, nos corredores. Despreocupados os elementos dos Hells Band e namoradas de ocasião entravam e saíam tranquilamente, sem que ninguém mostrasse desejo de os conhecer melhor. **«É Peter Wolff? Ah sim».** Não era de pegar, não era um Stone. Perfeitamente nas tintas que sejam bons músicos, que pesquisem, em progressão crescente. Qual pesquisa? Ao rock não há nada a acrescentar. Está tudo feito. Vejam os Stones, reduzidos à expressão mais simples do rock e ao mais sofisticado poder de extasiar multidões. Impressionante a coesão do grupo no seu trabalho musical e cénico sem que a ilusão da espontaneidade, inerente ao rock, tivesse sido perdida.

Por muito que custe aos especialistas da «matéria», abertos a todas as modas, que consideraram os velhos «rockers» ingleses vulgaríssimos, grosseiros mesmo, que gritam há mais de dez anos **«estão moribundos, it's the end»**, os Stones galgaram ao topo e de lá ninguém os tira. E os seus «scores» em termos de apreciação, melhoram com o tempo. Em cada tournée uma vitória, em cada concerto uma reconquista. O seu culto prossegue, ainda maior, em fidelidade. Uma adulação, sem limites, inexplicável, fora de qualquer lógica envolve esses guerreiros clássicos, descidos do Olímpio, ciclicamente, para se misturarem connosco e fazerem-nos compartilhar das suas orgias, das suas fantasias memoráveis.

Sinto ainda a febre do concerto a que assisti no Vicente Calderon, no dia de S. Fermin,

Continua na pág. 7

Estórias de Portugal

AFINAL quem é que neste momento detém a maioria: o presidente ou os que a ele se opõem frontalmente? . . . Parece que é importante saber isto quanto antes porque, com a política actual de confrontação permanente, o desgaste é inevitável e os custos das querelas muito elevados.

Há o já célebre problema dos comandos. Uns acusam o presidente de querer comandar tudo . . . São os adversários do presidente. Dizem que ele põe, dispõe, descompõe ou compõe a seu bel-prazer sem dar o cavaco nem ao Silva, um colaborador de longa data. Outros, os seus indefectíveis e não só, entendem que, sim senhores, assim é que está certo, só desse modo se obterá um equilíbrio que tanta falta faz a uma equipa que se pretende operacional a cem por cento.

Também o presidente é acusado de, abusivamente, promover uma política externa desprestigiante, colocando-se numa situação de dependência dos seus interlocutores na tentativa de desbloquear contenciosos antigos, velhas sequelas, problemas graves que abriram feridas cuja cicatrização se verificou difícil. Acusado pelos que não o apreciam, é bom de ver. Porque também existem os que consideram acertada a sua política de apaziguamento, bom entendimento, própria dum momento em que não é mais possível sustentar uma hostilidade que não tem razão de ser sem pagar o seu elevado preço. E há ainda a política económica, a tal que tudo determina. E os resultados estão à vista: alarmantes! Dirá o presidente que não tem a menor culpa do que se passou, muito contribuiu ele para que ela não fosse ainda mais acentuada e que se o défice da balança é assustador sem ele o susto seria bem maior . . . Dizem os outros que não é nada disso, que se o presidente tivesse deixado avançar com novas leis, medidas de fundo, outro galo cantaria, em melhor situação se viveria, outros resultados se teriam obtido.

E há ainda o problema mais grave, o de maior melindre, o que mexe com tudo e com todos: o problema da constituição! Já tinham adivinhado, claro. A constituição é o cerne fundamental de toda esta questão que se vem arrastando em episódios nem sempre edificantes.

Do presidente que se diz que se mete, abusivamente, na constituição, puxa pelos seus cordelinhos, interfere, sugere, diz como muito bem quer . . . Ora isso não é da sua competência, o presidente não tem nada com isso. Para isso estão lá outros, pagos por todos.

A estória não é simples, escorreita, linear.

Há muitos jogos de bastidores que escapam à visão do estoriador. Sentem-se, obscuros, interesses que se movem em direcções opostas. Nada é muito claro, tudo é ainda confuso. Só uma coisa é certa: se o Benfica tem ganho o campeonato, o presidente, senhor Fernando Martins, não se confrontaria hoje com tantos opositores que afirmam que ele já não detém a maioria dos votos da Assembleia Geral, faz pactos contranatura com o Sporting e o Porto numa política externa que só prejudica o clube, administrou ruinosamente a colectividade e, por aí fora, por aí fora, chegar ao desplante de interferir com o peso do seu cargo, na constituição da equipa principal. O futebol tem destas coisas.

Que o diga o Rossi que passou de condenado a comendador em três tentos . . . Felizmente para nós que estas coisas só acontecem no futebol. Olhem se aconteciam também na política?! . . .

Francisco Nicholson

Agenda

● Apocalypse Now
de Francis Ford Coppola
(USA — 1979)

Enquanto não chega **One from the heart**, o mais recente excesso de Francis Coppola, ver, rever, revisitar **Apocalypse now** é sempre um acto recomendável. Não é todos os dias, nem todos os anos, mas apenas um punhado de vezes por década que surge um filme como este, apaixonante marco, farol de um cinema do futuro.

Cinema Paris (no dia 16 ao dia 19)
(15.30 e 21.30 h; aos sábados e domingos também às 18.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● Blow Up
de Michelangelo Antonioni
(G.B — 1967)

Quando um homem vive as imagens como se fossem a vida, a vida pode começar a ser função das imagens. Um filme já clássico de Antonioni.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 18 anos)

● Célebres e ricas
de George Cukor
(USA — 1981)

Uma história de mulheres (que outra coisa seria de esperar do velho Cukor?) contada com o amor e a ironia de quem sabe que o cinema é sempre mais perfeito que a vida. Jaqueline Bisset e, sobretudo, Candice Bergen a assinarem interpretações que nunca se suspeitaria possíveis.

Cinema Tivoli
(14, 16.30, 19 e 21.30h)

Luiz Buñel (à esq.) dirige Jean-Claude Brialy e Monica Vitti na rodagem de **«O fantasma da liberdade»**, filme agora reposto em Lisboa

(interdito a men. 13 anos)

● Ragtime
de Milos Forman
(USA — 1981)

Eis um filme admirável que foi quase despercebido na estreia. Esta breve passagem por uma sala da Portela é uma oportunidade a aproveitar.

Ragtime é um olhar dissidente sobre a América do início do século. Paixão e desgosto.

Cine Portela — Estúdio Anusha (do dia 16 ao dia 19)
(interdito a men. 13 anos)

● Duelo ao sol
de King Vidor
(USA — 1946)

Não há outro **Western** como este, em que os «heróis» derivam, a moral se indecide, em clima de tragédia e paixão. O erotismo maldito de Pearl Chavez (Jennifer Jones) num filme cheio de sol, vento, água. Belo e trágico como numa peça de Shakespeare ou um filme de Vidor.

Cinema Estúdio
(15.30, 18.30 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

● O fantasma da liberdade
de Luis Buñuel
(França — 1974)

A reposição de um Buñuel em sardónico regresso a um surrealismo vulcânico. Não é do melhor que fez mas tem a constante inteligência do velho realizador espanhol.

Cinema Alfa 3
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
(não acons. men. 18 anos)

● Reds
de Warren Beatty
(USA — 1981)

O mais célebre comunista americano (John Reed) é centro de um filme nem sempre hábil mas constantemente sincero.

Diane Keaton, memorável.

Cinema S. Jorge
(13.45, 17.30 e 21.15h)
(não acons. men. 13 anos)

AS ESTRELAS

Apocalypse Now	★★★★
Blow Up	★★★★
Duelo ao sol	★★★★
A amante do tenente francês	★★★★
Célebres e ricas	★★★★
Ragtime	
O fantasma da liberdade	★★★
Reds	★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★
Jerry, enfermeiro sem diploma	★★★
Um lobisomem americano em Londres	★★★
007 — Missão ultra-secreta	★★
Morte no Nilo	★★

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

● Os salteadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Este cinema imparável, esta luz e magia industrial, estas ficções encerradas na obsessão de um ritmo constante, tudo isto é, por certo, irresistível para o espectador. Mas será este cinema, condenado ao sucesso, um fecho ou uma abertura? Quer dizer, que devir para os «Lucasfilms»?

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45h)

(não acons. men. 13 anos)

● Um lobisomem americano em Londres
de John Landis
(USA — 1981)

Transformação: uma comédia que é um filme de terror e vice-versa; um homem que é um monstro; uma história de amor que acaba em morte. Ou o jogo dos códigos em mais um filme surpreendente de John Landis.

Cinema Berna
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 18 anos)

Teatro

Oiçam como eu respiro

OU O PRAZER DO PÚBLICO PARA A CENA E VICE-VERSA

João Lourenço, ex-actor encenador (O Círculo de Giz Caucasiano, As Espingardas da Mãe Carrar, Baal). Mal visto por alguns, muito amado por outros. Uma sensibilidade e o seu esconderijo. É que o que nele se talha é especial e sem destroços.

Irene Cruz, actriz. A persistência. Uma energia aberta à realidade e os gestos límpidos da entrega. Ou **raiz dele,** sorrindo com o seu rosto de criança?

Vera San-Payo, dramaturgista. A inteligência, Vera, atenta e magra-doce, menina de ouro e abismos.

São três dos elementos do Novo Grupo, actual companhia residente no Teatro Aberto, que cada noite representa «Oiçam como eu respiro», de Dario Fo e Franca Rame. Quatro cenas sobre a condição da mulher para que «todos guardemos a nossa raiva na barriga, onde também o riso permanece, e nos tornemos eficazes no atear da luta».

«CONHECI a peça e o texto agradou-me, afirma João Lourenço. De resto gosto muito do teatro de Dario Fo. Assisti a diversas representações de peças de sua autoria, li muitas outras, dentre as quais o 'Mistério Bufo', no original 'Mistero buffo', que este actor, encenador e dramaturgo escreveu para si e que constituiu talvez o trabalho que lhe deu maior êxito. É uma peça construída sobre uma série de histórias bíblicas e lendas da Idade Média, extraídas de crónicas do século XVI, literatura medieval e evangelhos apócrifos que revela toda uma subcultura do Sacro Império Romano».

«Numa das figuras este autor projecta a sua nova concepção de teatro e de artista revolucionário, problemática que desencadeia discussões de índole político-artística. Dario Fo e sua mulher, a actriz Franca Rame, consideram então a revolução cultural como o fulcro do desenvolvimento da consciência revolucionária. As opiniões são de tal forma controversas que a Associação Nova Cena se dissolve e conduz a uma ruptura com a ARCI (Associação Recreativa Cultural Italiana) movimento cultural próximo do PCI (Partido Comunista Italiano). Em 1970 Dario Fo, Franca Rame e outros membros do antigo grupo fundam o colectivo teatral «La Comune».

A impotência perante o outro sexo

Tutta casa, letto e chiesa (Oiçam como eu respiro) é uma espécie de Mistério Bufo para uma actriz, «escrita por ambos e que trata de problemas relacionados com a condição feminina, o seu alheamento secular da vida pública, o confinamento à casa e à família, o silêncio que lhe foi exigido e o seu valor menor na lógica da sociedade patriarcal. São cenas baseadas em histórias verdadeiras, autobiografias recolhidas de cartas, etc., que revelam o amorfismo cultural feminino, a sujeição, a autocastração, a falta de coragem e a impotência reflexiva perante o outro sexo».

Uma cultura à margem e a itinerância

«Dario Fo interessa-me também por ser um autor que para fazer crítica social emprega o método da chamada baixa comédia ou 'vaudeville' (representações só para rir, digestivas, que os franceses fazem bem; o teatro que não põe problemas sociais e se baseia em dramas conjugais ou banalidades e trocadilhos). É uma técnica que vem de Frydeau e igualmente ligada à Commedia dell'Arte. O dramaturgo bebe na tradição teatral italiana, ainda muito viva na província, cultura à margem dos grandes centros intelectuais. Representado embora em locais urbanos, Dario Fo está mais ligado à itinerância, integrando-se no próprio movimento popular.»

«O silêncio destina-se à mulher; ele é a sua mais alta sabedoria e também a sua beleza. É de facto destituída de razão, um objecto ...» Kierkegaard em **«O conceito da angústia»**

Dario Fo descobre Brecht com o encenador Giorgio Strehler, no «Picollo Teatro» de Milão.

«Conquanto saiba que sou considerado um encenador brechtiano devo dizer que há muitos pontos de contacto e caminhos comuns entre Brecht e Dario Fo, embora as peças do primeiro sejam mais elaboradas e se trate inegavelmente de um trabalho mais aprofundado. Em Brecht é tudo mais racional. Ele utiliza a via da 'distanciação' enquanto que Fo procura meios de 'identificação' imediata com o seu público através do riso, do sarcasmo, de uma comicidade por vezes muito amarga. Mas ambos visam a consciencialização do espectador.»

Fo permite-se a improvisação, «algo que em Brecht não pode acontecer (o que é de certo modo limitante ou talvez não) porque as suas obras são mais estruturadas. Mas é inegável que ambos fazem um teatro popular.»

De terra em terra, as praças e as fábricas

Em 1968 Fo definia já o seu grupo como «um colectivo que se põe ao serviço do movimento revolucionário, não para reformar o Estado burguês, mas para dar um contributo para o processo que terminará com a tomada do poder pela classe operária». O grupo empenhava-se politicamente ao lado das classes e dos núcleos sociais desfavorecidos representando de terra em terra, em praças públicas e fábricas, repescando toda uma cultura popular.

A Dario Fo o que não é de Brecht

Vera não põe isso em causa.

«Dario Fo não plagia fórmulas até porque Brecht se inspira nas tradições da Alemanha conquanto a burguesia as tenha destruído quase totalmente. 'Só sobraram cacos', disse ele. Ora, na Itália, essas tradições estão vivas, a cultura popular mantêm-se, vive-se e faz-se muita coisa à margem do que está institucionalizado. Brecht escreve peças que têm a ver com parábolas. Situa-as no Cáucaso ou na América, por exemplo. Dario Fo recorre a problemas directos, a questões do quotidiano.»

«Não somos intelectuais que constroem edifícios mentais,

Continua na pág. 7

DICIONÁRIO Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

MELO, JORGE SILVA

— actor
— realizador

Jorge Freitas e Silva Melo nasceu a 7 de Agosto de 1948, em Lisboa. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa é enquanto aluno universitário que a sua opção pelo teatro e pelo cinema se vai definir. Primeiro como crítico (em «O Tempo e o Modo», «A Capital», «Jornal de Letras e Artes» de 1966 a 1969), depois como assistente de realização de **Sophia de Mello Breyner Andersen** de João César Monteiro (1968), por fim integrando o Grupo Cénico de Letras onde se estreia como actor (1969) em «O anfitrião» de António José da Silva, o Judeu.

O ano lectivo de 1969/70 encontra-o em Londres, com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, na London Film School. Director de produção de **Quem espera por sapatos de defunto morre descalço** de J. César Monteiro (1969-/70), assistente de realização em **A pousada das chagas** de Paulo Rocha (1971), **Perdido por cem...** de António Pedro Vasconcelos (1972) e **Brandos costumes** de Alberto Seixas Santos (1973/74), a carreira cinematográfica de Silva Melo segue a via da tarimba.

Entretanto ó teatro que o ocupa. Depois de, com Eduarda Dionísio, ter dado corpo ao jornal «Crítica» (1971), funda, com Luís Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia, cujo primeiro espectáculo acontece em 1973. Em breve essa companhia atinge o lugar cimeiro do teatro português, sendo Jorge Silva Melo um dos seus esteios. Aí interpreta sucessivamente: 1973 — «O misantropo» de Molière (enc. Luís Miguel Cintra); 1974 — «A ilha dos escravos» e «A herança» de Marivaux (enc. Jorge Silva Melo); «Terror e miséria no III Reich» de Brecht (enc. L. M. Cintra e J. S. Melo); 1975 — «Pequenos burgueses» de Gorki (enc. J. S. Melo); 1976 — «Ah Kiu» de B. Charteaux e J. Jourdheuil (enc. L. M. Cintra); «Tambores na noite» de Brecht (enc. J. S. Melo); 1978 — «Woyzeck» de Büchner (encenação, dramaturgia e cenografia de L. M. Cintra, J. S. Melo e Cristina Reis); 1979 — «E não se pode exterminá-lo?» de Karl Valentim (enc. J. S. Melo).

Jorge Silva Melo

Ainda no Teatro da Cornucópia encena «Alta Austria» de Kroetz (1977), assina, com Luis Miguel Cintra e Cristina Reis a encenação, dramaturgia e cenografia de «Casimiro e Carolina» de Odön von Horváth (1977) e co-encena, com L. M. Cintra, «Música para si» de Kroetz (1978). Jorge Silva Melo sai da Cornucópia em 1979.

Entretanto, em 1976, é um dos fundadores de uma cooperativa de cinema, o Grupo Zero. Com L. M. Cintra, colabora com Solveig Nordlund na realização de **Música para si** e **Viagem para a felicidade,** co-realizando mesmo a série TV **E não se pode exterminá-lo?,** projectos todos intimamente conectados com o trabalho da Cornucópia.

Alguns filmes como actor, um como realizador, amadurecem a sua viragem (irreversível?) para o cinema. É, porém, o teatro que o levará, como bolseiro, à República Federal Alemã (1980/81) e a Itália (1981). Em Berlim Ocidental estagia na Schaubühne: é assistente de Peter Stein na encenação de «Oresteia» e de Michael König em «Woyzeck»; em Milão é assistente de Giorgio Strehler, primeiro no Piccolo Teatro di Milano na encenação de «A alma boa de Tsé Chuan» de Brecht, depois no Scala na encenação da ópera «As bodas de Fígaro».

Prepara actualmente (1982) a sua segunda longa-metragem como realizador: **Mais dia menos dia.** E é professor da Escola de Cinema do Conservatório Nacional.

Jorge Silva Melo, actor de cinema em **«Silvestre»** de João César Monteiro

FILMOGRAFIA: 1) Como actor: **A ilha dos amores** de Paulo Rocha (1977/80); **E não se pode exterminá-lo?** Série TV de Solveig Nordlund e Jorge Silva Melo (1979); **Conversa acabada** de João Botelho (1980/81); **Silvestre** de João César Monteiro (1980/81); **Com radio** de Vítor Gonçalves (1981). 2) Como realizador: **E não se pode exterminá-lo?** Série TV co-realização de Solveig Nordlund (1979); **Passagem ou a meio-caminho** (1980).

Jorge Silva Melo é uma das figuras mais curiosas do nosso meio cultural. Podia ser um grande crítico teatral e cinematográfico. Fez a experiência, foi-o e depois passou adiante. Podia ser um grande encenador teatral. Fez a experiência, foi-o (quem o esquecerá em «Alta Áustria», no explosivo romper de espaços de «Tambores na noite», no sublime «Casimiro e Carolina»?) e depois partiu. Podia ser um grande actor de teatro. Fez a experiência, foi-o (inexcedível «Ah Kiu») e fez-se à estrada.

Porque todos os caminhos eram etapas para o cinema? É bem possível.

Mesmo a sua actividade como actor de cinema (sempre acima do traço comum) parece indicar que Silva Melo só aborda projectos de que se sinta próximo (co-autor?), à excepção, talvez, de **Conversa Acabada** que desembocou em conversa azeda (mas Silva Melo é um dos raros actores a não soçobrar no filme).

Como realizador, Jorge Silva Melo ainda só tem um filme autónomo mas onde há múltiplos sinais de talento. Há a coragem de acertar e de errar, de se expor, de ser lúcido, franco, fraco e enorme. **Passagem ou a meio caminho** é um filme desigual mas que consegue ser apaixonante em múltiplos instantes.

Há fortes indícios de que Jorge Silva Melo possa ser um grande realizador de cinema. Ele vai fazer a experiência.

Cena da primeira longa-metragem realizada por Silva Melo: **«Passagem ou a meio-caminho»**

HOMEM MONTANHÊS (O)

— série TV
— 16 mm/cor

Realização: Ricardo Costa. **Fotografia:** Vítor Estêvão. **Montagem:** Ricardo Costa, Luís Gaspar. **Som:** Paulo Morais, Valdemar Miranda. **Produção:** Diafilme para a RTP. **Produtores executivos:** Ricardo Costa, Óscar Cruz. **Duração:** 12 x 32 minutos (aprox.). **Rodagem:** 1979/81. **Estreia:** 3 de Maio de 1982 (na RTP/1).

Nota: Esta série é composta por quatro longas metragens, cada uma delas dividida em três episódios: 1) **Castro Laboreiro** (episódios **Inverneiras, Transumâncias, Brandas**); 2) **Pitões, aldeia do Barroso** (episódios **A aldeia, Toma lá, dá cá, A festa**); 3) **Ao fundo desta estrada** (episódios **Ouro branco, Entre duas Terras, Quem não é João Soldado**); 4) **Longe é a cidade** (episódios **masculino e feminino, Do granito da montanha, Das raízes da cidade**). Preferimos a denominação genérica **O homem montanhês** porque é a que corresponde à global difusão pública deste trabalho de Ricardo Costa.

Já se sabia (de **Mar limiar**) que Ricardo Costa tem forte propensão para o documentarismo, zona onde é incomparavelmente mais hábil que na ficção.

O homem montanhês confirma as suas capacidades nesse campo, mas não elide os seus limites. Uma certa incapacidade de ritmo, de algo mais que olhar uma realidade que se visita. Esta viagem pelos homens da montanha, do Minho a Trás-os-Montes e às Beiras, tem atenção que baste mas fica apenas viagem, estrangeira. Muitas «entrevistas» são surdas, Ricardo Costa quase nunca consegue penetrar na realidade embora filme bem as aparências.

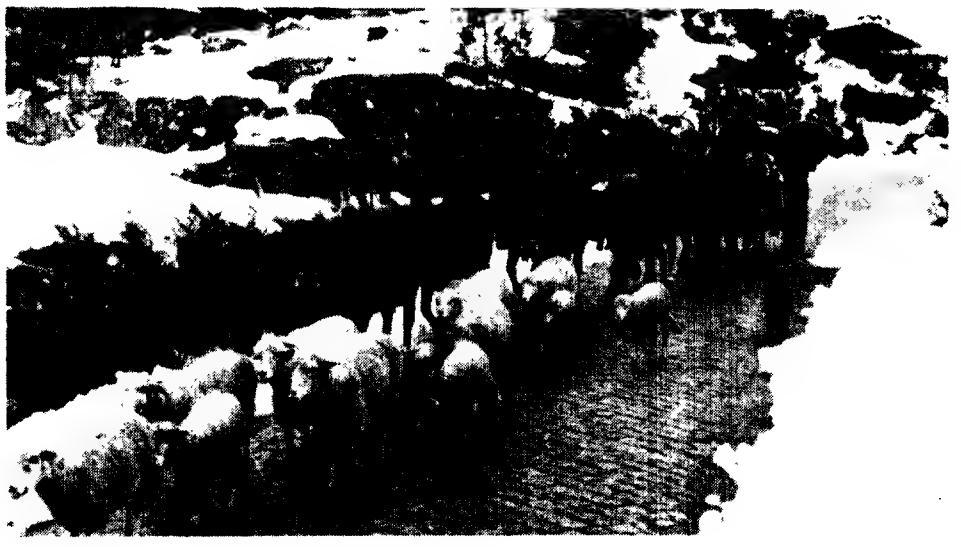


Imagem de **«Transumâncias»**, um dos episódios de **«O homem montanhês»**

SE
estiver cansado
procure boiar
e não hesite em pedir socorro

HÁ BEBER E HÁ VIVER

— Apesar do álcool actuar no organismo como excitante, provocando um estado de euforia traduzido por uma sensação de bem estar, de optimismo e por uma tendência de sobrestimar as capacidades, ele é de facto um depressivo, perturbando as faculdades necessárias à condução, mesmo sem que o estado de embriaguês seja atingido. Se viaja, não procure no álcool um estimulante que o ajude a prosseguir

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infantaria 16, 55-G - 1300 LISBOA

Doze lições de filosofia **Sete Ponto Sete**

O imaginário

O imaginário não é o contrário da realidade. Não se deve confundir imaginação e ilusão.

A noção de imaginário está tradicionalmente associada à ideia de irrealidade, e até de uma recusa do real susceptível de levar à loucura quem se abandone inconsideradamente ao seu império. Todas as definições de dicionário concordam em reconhecer no imaginário, por um lado um produto da simples imaginação, por outro um produto contrário a toda e qualquer realidade. Eis uma definição extraída de um **Petit Robert** recentemente publicado: **«que só existe na imaginação, que não tem realidade.»**

ORA se o primeiro ponto da definição não se presta à contestação, o segundo parece muito menos evidente. Não causa dúvidas o facto de haver uma diferença entre a imaginação e o real — ia dizer uma «**diferença significativa**», provocada por um automatismo de escrita; na verdade trata-se, como se verá, de uma diferença de localização. Mas, em contrapartida, é mais duvidoso haver um divórcio entre os dois domínios. Porque é certo que o imaginário só existe devido à imaginação, e nunca poderia ser o resultado de uma percepção directa do real. Isto, porém, não faz com que o imaginário implique uma negação da realidade, como o sugere Sarte, que, em «**L'Imaginaire**» insiste na função «**irrealizante**» e «**destruidora**» da imaginação.

Dom Quixote

As relações entre o real e o imaginário talvez sejam ao mesmo tempo muito mais próximas e amáveis, no sentido mais forte deste último termo, do que habitualmente pensamos. Uma fórmula célebre de G. Bachelard, em **L'air et les Songes**, pode servir aqui de advertência e de guia: «**Um ser privado da função do irreal é um nevrosado, tal como o é o ser privado da função do real**». Se a função do irreal, em que o imaginário consiste, é assim indissociável da função do real que caracteriza o homem são de espírito, isso acontece certamente por não implicar uma recusa do real nem sequer uma diferença radical em relação a ele.

Primeiro corolário: a recusa do real, em que toda a loucura consiste, não tem nada a ver com o imaginário. Segundo corolário: a percepção do real não só não se opõe à representação imaginária como tem tudo para estar de acordo com ela, e deve, consequentemente, assemelhar-se-lhe bastante. É, de resto, o que diz o próprio Bachelard, imediatamente depois da frase já citada: «**Deverá portanto encontrar-se uma filiação regular do real no imaginário**».

Para ilustrar e apoiar esta tese, de um bom e fundamental entendimento entre o real e o imaginário, refiro o caso de um herói universal em matéria de imaginação: o Dom Quixote de Cervantes. Dom Quixote vive, pelo menos em grande parte, num mundo imaginário. Cervantes previne disso o leitor logo no primeiro capítulo do romance: «**A sua imaginação enche-se de tudo o que leu nos livros, encantos, querelas, desafios, batalhas, ferimentos, galanterias, amores, tempestades, e extravagâncias impossíveis**». Mas, e isso é um ponto importante, embora, que eu saiba, pouco notado, ele vive ao mesmo tempo no mundo real que as suas fantasias nunca lhe fazem perder de vista. Nada mais falso do que a costumeira imagem de Epinal, segundo a qual Sancho Pança tem os pés assentes na terra, ao passo que Dom Quixote sonha com as estrelas.

O inverso é mesmo mais autêntico, e Dom Quixote mostra mais vezes uma consciência do real, mais clara e apurada do que o seu escudeiro. Porque Sancho perde-se incessantemente em raciocínios absurdos acerca da natureza das coisas, um pouco como Sganarelle, no **Dom Juan** de Moliére; e se acaba sempre por cair no real, isso acontece por acaso, devido àquilo a que Kant chamava um «favor» da natureza. Para saber coisas acerca do real, Sancho precisa do acaso de uma boa garrafa de vinho ou de uma boa cama, ao passo que ao amo basta-lhe raciocinar, e o certo é que raciocina bem. No entanto, Dom Quixote vê de uma maneira turva: toma os moínhos de vento por gigantes, um rebanho de carneiros por um exército em marcha, um grupo de marionetes por guerreiros de carne e osso. É, no entanto, notável que essa perturbação de visão não traz consigo uma perturbação de pensamento. Porque Dom Quixote, uma vez em contacto imediato com o moinho, o carneiro, a marioneta, logo reconhece, e de bom grado, o seu engano, engano esse cuja responsabilidade atribui ao mago Freston, que o persegue com a sua inveja e o seu ódio e que, para o contrariar faz aparecer e desaparecer aos seus olhos todos os objectos de que ele gosta.

Essa intervenção do mago, referida por Dom Quixote sempre que tem que se explicar acerca das suas visões, é de grande importância (constitui mesmo, na minha opinião, a mola secreta do romance, a sua ideia geradora). Ao mostrar que Dom Quixote considera sempre o visionário como visionário, e o real por real, ela limpa o fidalgo de toda e qualquer suspeita de verdadeira loucura, faça ele o que fizer de insensato. Por outras palavras, Dom Quixote vive o real à maneira do real, e o imaginário à maneira do imaginário. O que mostra que não sofre de nenhuma espécie de loucura a não ser da loucura demasiado vulgar para se tornar inquietante, que consiste em imaginar.

Um estudo atento do texto mostraria, de resto, que Dom Quixote sabe perfeitamente separar o real do imaginário, que não se deixa enganar pelas suas pretensas loucuras, que não são mais do que extravagâncias em que confusamente se mistura muita complacência mas também, provavelmente, um pouco de provocação. O próprio Cervantes assinala, de resto, o facto, e da maneira mais clara, no fim do capítulo XLI da segunda parte do seu romance. Sancho Pança, que tomou o amo por modelo diverte a assistência gabando-se de uma viagem que teria feito aos espaços siderais montado num cavalo fabuloso

amavelmente posto à sua disposição. Dom Quixote chama-o então de parte e dis-lhe ao ouvido: «**Sancho, já que queres que acreditem naquilo que viste no céu, eu quero, por minha vez, que acredites também naquilo que eu vi na caverna de Montesinos. Não te digo mais nada.**»

Não há pois nenhem divórcio entre o real, tal como Dom Quixote o vive diariamente, e o imaginário, tal como ele o vê de longe em longe. Este último não era mais do que o vulgar real de um pequeno coeficiente de irrealidade. Coeficiente de irrealidade sem incidência grave, visto que se considera como tal e se deixa apagar à primeira advertência do real, o que acon-

Ideias

O discurso tecnocrático

Continuamos a viver com essa partilha fictícia entre o científico e o poético, entre uma comunicação **sobre** o verdadeiro ou **do** verdadeiro, e um dizer outro, inútil e incerto.

Entre os discursos da razão contam-se os textos tecnocráticos da gestão. Textos anónimos, pseudocientíficos, frequentemente baseados num psicossociologismo primário que reduz a comunicação ao simples diálogo e à compreensão clara, recalcando tudo quanto diz respeito ao corpo, ao delírio, ao inconsciente e funcionando sobre esse recalcamento. Toda essa «comunicação industrial» parece **boudée** pelos intelectuais; um corte subsiste aqui, como se os dois mundos fossem separáveis.

DEFENDER o Texto e deixar de lado o **management** como escrito de terceira classe, ou crer que é possível metamorfosear o mundo pela Ratio e o progresso da gestão negando o Poético, são finalmente duas brechas que fazem o jogo do poder.

Pierre Legendre decidiu acabar com estas cisões, debruçar-se sobre as montanhas de escritos burocráticos, analisá-los e comentá-los a fim de ver o que neles se esconde (1).

Que está em jogo por detrás do discurso industrial?

Quais são as bases profundas que permitem à comunicação industrial o seu funcionamento?

Antes de mais esta produção «racional» parece ser tributária do desejo e do delírio. Por outro lado, a comunicação de massas não é um puro produto **ex-nihilo** da modernidade; por trás dela, toda uma história jurídica e religiosa — a nossa história — se dá a ver, como combinação secreta do cofre-forte da gestão. E enfim, Legendre mostra-nos que, por um lado, o **management** recusa denega e ignora a existência do inconsciente, mas que, por outro lado, não avança senão por meio desse mesmo recalcamento.

Delírio-Desejo

Todo e qualquer livro, todo e qualquer escrito começa pelo desejo, prazer e delírio do seu autor. Entre o corpo e o texto, entre o inconsciente «estruturado como uma linguagem» e uma linguagem estruturada num texto, passa uma necessária relação. Um texto transcreve as tatuagens do seu autor. As marcas do corpo enegrecem num outro código a folha branca da escrita. Desta onda fluida que vai do texto ao corpo, que se dirige a outros corpos, lhes fala e por eles passa, os atravessa e trespassa, a comunicação industrial nada quer saber. Usa-a, porém, porque o seu destinatário é sempre o prazer do Outro; ele canaliza o desejo, elimina o delírio, metamorfoseia os corpos. Pierre Legendre fez-se tecnopoeta. De entre as «lições» surgem linhas poéticas (cf. pág. 85), como uma melodia, não pelo simples prazer de encantar, apesar de também aqui a sedução desempenhar um papel, mas antes para insistir sobre o facto de que algo passa no escrito poético, um não-sei-quê, um quase-nada (como diria Jankélévitch) que reflecte o não-dito, o impensado, o impensável do texto tecnocrático. Não é por acaso que o poeta é banido da República logocrática, e que o «louco» é encerrado. As evidências do discurso da gestão escondem, na sua estridente luminosidade, um delírio cujas origens remontam historicamente ao mito, à fé, à crença, à vontade de verdade.

Existe um palco do teatro industrial como existe um do teatro político. Legendre decidiu passar para trás dos cenários, e expor o texto da gestão a uma nova luz. Subida ao novo palco, a escrita burocrática que se proclama científica e racional revela os seus autores, a saber: um «exército de empregados militantes» cuja tarefa consiste em reproduzir uma escrita «que deve expandir dogmaticamente a autoridade» (pág. 25).

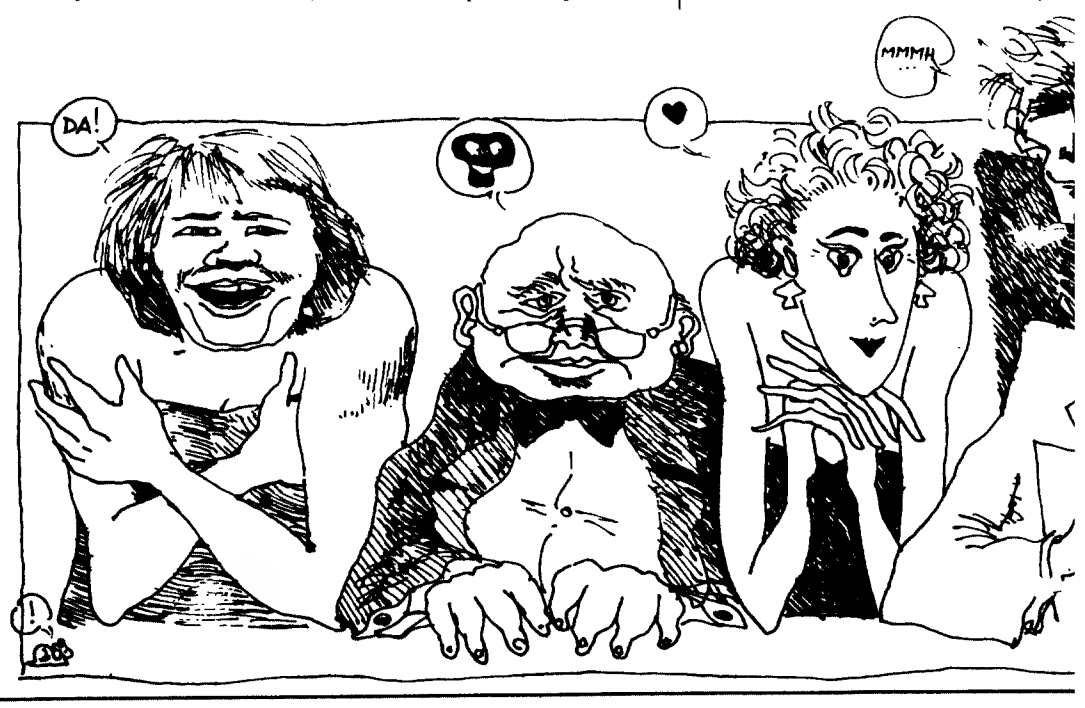
Neste trabalho sobre os inconscientes, os corpos e os textos, o delírio e o imaginário têm um lugar importante. O imaginário como fundamento das instituições, implica, entre nós, uma referência constante e necessária ao Grande Outro. Este Grande Outro provém, por seu turno, de uma ideia romano-cristã do texto, e do sistema jurídico que dele decorre.

Esta dependência do discurso industrial em relação à história mítico-jurídico-religiosa está, evidentemente, disfarçada pelo racionalismo científico que este discurso industrial pretende encarnar: «Se o mundo inteiro se industrializar, fá-lo-á recorrendo aos princípios e à tecnologia jurídica descidos da Grande Glosa» (pág. 43).

Juridismo e Religião

Legendre mostra-nos que a gestão, recusando-se a reconhecer que repousa sobre as crenças de um mito e sobre o princípio religioso da autoridade, denegando os suportes jurídicos e históricos que lhe permitem funcionar, labora num equívoco — o da vontade de cientificidade — e que este equívoco, fabricado pela tecnologia científica, está afinal ligado à tecnologia religiosa. A fim de melhor apreendermos o texto industrial, bom seria que voltássemos a mergulhar nos textos dos escritores legistas do passado, como os de Vico. «O **management** supõe que temos uma alma porque historicamente ele descende do cristianismo» (pág. 201).

De um ponto de vista e com uma orientação radicalmente opostos, J.M. Paupert toma também por tema esta ligação ao cristianismo e aos textos dos juristas romanos (2). Num «élan»



TUDOR BANUS

tece em muitos episódios do «Dom Quixote».

No mesmo pano

O mesmo acontece com os números a que os matemáticos chamam imaginários, e cuja fórmula associa qualidades reais **(a, b)** a uma quantidade imaginária **i** definida pela expressão, algebricamente paradoxal, de $\sqrt{\ } - 1$: mistos aparentemente monstruosos, misturas de racional e irracional, de que, no entanto, resultam manipulações extremamente sábias e principalmente muito sensatas.

Com efeito estes números não constituem uma ofensa nem à razão nem a qualquer realidade, desde que se admita a hipótese segundo a qual não é inconcebível acrescentar uma quantidade imaginária **i** a quantidades reais.

Pouco importa que essa hipótese fira a álgebra ou o bom senso: basta-lhe ser precisa para ser operatória. É fácil ver que a espécie particular de «realidade» de que os números imaginários podem tirar partido é igualmente válida para todo e qualquer objecto imaginário que baste para creditar um simples acordo sobre uma definição de base, por mais incrível que esta possa ser.

Há portanto boas razões para achar que a estrutura do imaginário não difere fundamentalmente da do real, e que, retomando uma expressão de Shakespeare, percepção do real e representação imaginária são talhadas no mesmo pano. O imaginário não é mais do que o real. Mas um real ligeiramente menos firme em relação ao seu espaço e ao seu tempo, situado naquilo a que Octave Mannoni chama justamente nas suas **«Clefs pour l'imaginaire»**, outro **«palco»**.

Trata-se sempre do mesmo real, mas num palco pouco habitual que mostra uma espécie de espaço protegido: não um local de escapatória para o real, mas, pelo contrário, um local onde o real se encontre como que preservado, ao abrigo do que há de constitucionalmente frágil na própria realidade. Domínio privilegiado que é, por exemplo, o da arte ou do imaginário infantil.

Assim, Manuel de Falla criança, diz-nos Roland Manuel no seu estudo sobre o grande músico espanhol, vive durante seis anos uma dupla existência. Uma com a família e o meio ambiente, a outra numa sala isolada da casa, e que é uma espécie de universo paralelo, um mundo privado onde ninguém entra e a que chama «Colombo». **«De regresso a Cadiz, e apesar da grande ternura que tem pela sua cidade natal, a cidade das belas noites, ele fecha-se com os seus sonhos num quarto isolado a que chama o «Eden». Constrói aí uma cidade de utopia na qual retoma todos os encantos da cidade perdida (1). É «Colombo» que povoa e governa em imaginação, ao mesmo tempo que a defende contra a curiosidade do mundo exterior. Durante seis anos e sem que a família e os colegas dessem por isso, esta criança meditativa e taciturna cumpria com seriedade todos os deveres dos diversos cargos que o governo da sua metrópole lhe impunha. O conselho municipal, os redactores de jornais, os académicos e os administradores de sociedades penetram no Eden pela porta do armário.»**

Seis anos de coabitação pacífica entre o real e o imaginário que mostram, à sua maneira, a perfeita compatibilidade dos dois domínios e do seu respeito recíproco. Seis anos que teriam decerto durado muito mais sem a intervenção, tardia mas fulminante dos pais do futuro músico que, ao descobrirem a existência de «Colombo» levaram a criança ao médico e procederam ao incêndio imediato dos arquivos da cidade secreta. Gesto este exactamente idêntico àquele através do qual o cura e o barbeiro da aldeia querem tratar Dom Quixote no início das suas aventuras, metendo-o na cama e queimando-lhe os livros.

A ilusão

É pois erradamente, ao que parece, que se opõe o real ao imaginário. O imaginário dá-se perfeitamente com o real, e sabe, como já se viu, prestar-lhe justiça em todas as ocasiões. O que se opõe ao real não é o imaginário mas sim o ilusório. E o domínio do ilusório não tem nada de comum com o do imaginário. A ilusão caracteriza-se essencialmente pela imprecisão, ou seja, por uma incapacidade de definir com exactidão qualquer objecto de desejo, assim como a negação de qualquer objecto preciso. Um exemplo é **Madame Bovary** cujos sonhos não se situam na constituição de um mundo imaginário, mas no repúdio incessante de toda a realidade tangível. Os sonhos que lhe perturbam o espírito dizem menos respeito a uma realidade imaginária do que à imaginação, se assim se pode dizer, nenhuma realidade que seja: desejo paradoxal que resume o essencial da ilusão e talvez do romantismo.

Uma tal imaginação ilusória é evidentemente e necessariamente imprecisa, visto só se poder exercer no vago e no suave. Ora isto é exactamente o contrário do imaginário propriamente dito. Porque não há nada mais concreto, se se tiver o cuidado de reflectir no caso, do que o domínio do imaginário. Valery Larbaud, por exemplo, nas suas **Enfantines,** mostra perfeitamente até que ponto o imaginário infantil está indissoluvelmente ligado à exactidão, à ordem do registo, do mapa topográfico. A preocupação, frequente na criança, de ouvir repetir um conto favorito, pelas mesmas palavras, não sofrendo a mínima variante, é uma expressão bem conhecida dessa necessidade de precisão, própria do imaginário infantil, tal como de todo o imaginário.

Sabe-se que Dom Quixote tem a mesma preocupação de exactidão, pormenorizando sempre aquilo que observou durante os seus entusiasmos, descrevendo minuciosamente os lugares, dando números, citando nomes: Pentapolim, Alifanfaron, Timonel de Carcaxona. Também nada é deixado ao acaso no mundo de «Colombo» no qual reina o jovem Manuel de Falla. Tudo está no seu lugar, em ordem, a acreditar em Roland Manuel: **«Um dia de carnaval, chamam Manolo em voz alta para ele ir ver as máscaras que passam na rua. Mas ninguém encontra Manolo, ocupado a fixar a taxa da contribuição pessoal dos seus administrados.»**

O que se passa no imaginário obedece a leis igualmente estritas, porque no fundo se trata das mesmas leis que regem aquilo que se passa no real. Nunca se confunde uma pessoa com outra, um momento com outro. O ilusório é tão vago como o imaginário é preciso. Imaginário cuja divisa poderia ser a fórmula notável de Samuel Butler: **«I do not mind lying, but I hate inaccuracy»** — dou-me bem com a mentira mas não suporto a imprecisão.

Clément Rossé

(1) Sevilha onde o jovem Falla passou algum tempo e onde teria gostado de viver.

---

de chauvinismo escolar e exaltado, Paupert declara-nos em sucessivas páginas que nos mantemos em dívida para com as três capitais (Jerusalém, Atenas e Roma) mães da nossa civilização — quer dizer, da única civilização existente, porque «nem os Dogons nem os Bambaras touxeram fosse o que fosse à civilização» (pág. 10) — e porque os chineses «caíram» no marxismo; isto explica que, com ele, uma meia página chegue e sobre para resumir a história do Oriente.

Devemos, portanto, o nosso progresso, as nossas técnicas, as nossas ciências, leis e moral a essas três cidades históricas.

Mas eis que infelizmente damos por nós a desprezar todos os princípios e fundamentos, eis que entramos numa era de barbárie onde sopra o vento, excessivamente perigoso, da liberdade (aqui, Paupert dá o seu máximo); julgamos sonhar, mas lemos, de facto, nele:

«A nossa civilização valoriza abusivamente, e até ao absoluto, a liberdade, as liberdades e mesmo as liberalidades — quer dizer as liberdades enlouquecidas — contra a ordem, mais ou menos tida como Mal» (pág. 306). Neste esvoaçar lírico (e desopilante), há um adeus ao Logos Ratio: eis que o infame poeta banido da cidadela platonista acabou por contaminar as leis locais...

Num dos raros momentos interessantes do seu livro, Régis Debray (3) estuda e desenvolve, por seu turno, a relação existente entre o fenómeno político e o religioso: «Deus não existe, mas estamos politicamente condenados a uma existência colectiva de essência teológica, e a tornarmo-nos teólogos para compreendermos alguma coisa da nossa vida política imediata» (pág. 263). Não nos espantaremos portanto por encontrarmos, sob a pena do homem político, uma introdução próxima dos testemunhos prestados em confissão, e dependentes, por isso mesmo, da vontade de verdade.

Um título apelando para reminiscências kantianas não bastava a Debray: ele quiz manifestar igualmente a sua conscienciazinha moral (instinto divino...) e não pôde impedir-se de levantar, na sua introdução a um pathos triste e ultrapassado, a velha questão do rasgão entre a teoria e a praxis. Mas a resposta era simples, o gesto fácil, só era preciso termo-nos lembrado deles: «aquele que se envolve na acção é um outro, que não o que teoriza as condições gerais da acção» (pág. 70). Compreende-se que Debray seja o conselheiro de Mitterrand... Debray faz de Kant na cena intelectual, Mitterrand faz de Luís XIV em Versalhes: é uma mania. Claro que, face a um Giscard que se tomava já por um descendente de Luís XV, Mitterrand tinha interesse em andar um pouco para trás na História... E além do mais, o Rei Sol não usava saltos vermelhos?...

E o inconsciente?

Segundo Legendre, o estudo do sistema industrial exclui a priori o inconsciente do seu domínio, porque ele é «a única referência perigosa», capaz de destruir a crença na racionalidade dos andaimes da instituição.

Por outro lado, o discurso tecnocrático alimenta-se do inconsciente, não funciona senão **por meio** dele. Basta tomarmos em consideração a publicidade ou o discurso político para nos apercebermos de que eles operam directamente sobre o inconsciente, dirigindo-se a ele. Legendre toma como exemplo os discursos televisivos de Giscard d'Estaing, que se instalava em cada lar e falava a cada francesa e a cada francês em particular: «Boa-noite Madame, boa-noite Mademoiselle, boa-noite Monsieur.»

Insurgindo-se contra esta personalização a todos os níveis, Legendre comenta: «O sr. Giscard d'Estaing não é o **meu** presidente, mas sim o presidente da República francesa, o que é bem diferente» (pág. 234). Trata-se, claro está, de seduzir o receptor no seio do espaço do **management,** que, como o do político, é um palco de teatro de onde se capta o prazer e o olhar do outro. E no entanto, é o prazer que labora a pura razão dos cientistas; é ele que subtende o discurso industrial, que identificamos como vontade de poder no texto de qualquer político-tecnocrata. «Nós desejamos ignorar em que consistem os poderes do escrito e em que bases infantis se opera a transformação de escritor em pensador oficial, quer dizer em encarnação terrorista da palavra de Estado» (pág. 87).

No poder industrial, o inconsciente tomará o lugar da alma, e a veneração por Deus será transformada em veneração pela Empresa ou pelo Estado. Sedução, domínio e militarização dos corpos, do desejo (e dos textos), exclusão do delírio apagado por um delírio outro, o da vontade de verdade dos discursos do progresso.

Ao nível do ensino, Legendre propõe aos estudantes de gestão que leiam Lacan e Blanchot, a fim de que constatem a impostura do texto gestionário. Quanto ao nível das massas, a forma de contrapoder manifesta-se, segundo ele, no cinema, porque «é impossível deter um controlo absoluto sobre o olhar» (pág. 243). A poesia perpassa aí, no sentido de um fazer e de um dizer, de um fazer-dizer o indizível, a força do intervalo que flutua entre nós próprios, os nossos sonhos e o real. Fluidez que Legendre propõe mas que o político e o tecnocrático continuam a recusar, porque apenas o sólido convém ao poder: «O que é fluido ajusta-se ao **eu** quanto o sólido ao **nós;** e, do mesmo modo que um nós não é uma soma de «eus», uma adição de riachos e de cascatas não será nunca um corpo político» (Debray, pág 440).

Chaké Matossian

(1) Pierre Legendre, **Paroles poétiques échappées du texte, Leçons sur la communication industrielle.**
Paris, Le Seuil, 1982.

(2) Jean-Marie Paupert, **Les mères patries. Jérusalem, Athènes et Rome,** Paris, Grasset, 1982.

(3) Régis Debray, **Critique de la raison politique,** Paris, Gallimard, 1981.

DO CHILE DE 1973

AO PARIS DE 1982

Os Quillapayun explicam porque abandonaram a musica "panfletaria"

Se em todos os períodos de desenvolvimento, estabilidade ou regressão que cada país ou sociedade atravessam, com as diferentes vivências que acarretam consigo, aparecem formas de arte concretas é, sem dúvida, nos momentos de agitação social que estas mais assumem um carácter de intervenção directa espartilhando-se, muitas vezes, em concepções distintas da sociedade e do seu modo de desenvolvimento.

O termo de análise dessas formas surge aqui no campo da mensagem que estas transmitem mais do que na própria qualidade de realização ou expressão, não querendo isto dizer, no entanto, que exista uma incompatibilidade entre a chamada arte de intervenção e a qualidade, como numerosos exemplos o demonstram.

A história dos últimos tempos, e encontramos em Portugal exemplos vivos, tem demonstrado que a possibilidade de sobrevivência das formas de arte «de intervenção» é relativamente fraca quando se dá a passagem de uma situação «politicamente envolvente e mobilizadora» para uma outra de «regressão ou estabilidade». E não pretendendo enveredar por uma discussão desta complexa problemática, poder-se-á afirmar, no entanto, que tal facto se deve mais a um «abuso» de formas exageradamente simplistas e repetitivas, que têm como pretensão o serem o contrário do «erudito» — das quais a chamada poesia panfletária nos dá um exemplo — em detrimento de uma procura de variedade, de uma elaboração cuidada que dê aos acontecimentos uma dimensão artística, — se deve mais a isto, dizíamos, do que ao próprio carácter de intervenção que a arte pode assumir. Encontramos, aliás, exemplos deste carácter no novo cinema europeu e americano que demonstram como a intervenção social pode permanecer e afirmar-se em períodos que não são propriamente de agitação.

Já, por exemplo, Maiakovsky defendia, e essa uma das causas da sua permanente polémica com «teóricos» de arte e políticos no período da Revolução de Outubro e nos anos que se lhe seguiram, que a função da poesia não é a de «falar» do mesmo modo que aqueles que a vão ler ou ouvir, mas sim fazer com que nestes cheguem à compreensão «da verdadeira poesia». Como ele próprio afirmava, o poeta utiliza «milhões de toneladas de palavra-prima» para daí extrair uma só palavra definitiva, para acrescentar que «o revolucionário, o criador, é também o senhor do verbo, o pesquisador incansável».

No entanto, uma outra questão se levanta e que talvez abranja mais os cantores ou grupos musicais do que outros homens de artes. São muitos os exemplos, no campo da música, de um «empenhamento» e «participação» de intérpretes e compositores em períodos de agitação social. Dessa participação fica, na maior parte das vezes, o rótulo definidor que se restringe ao campo estritamente político, mas que afecta o trabalho posterior. Ou seja, aqueles que enveredarem por uma procura de novas soluções não abdicando, por isso, das mensagens que têm a transmitir são por um lado afastados por muitos daqueles que são seus opositores no campo de conceitos políticos e sociais, recusando-se à partida a analisar um trabalho pelo seu valor artístico e cultural e, por outro lado, são também muitas vezes não compreendidos pelos seus adeptos que vêem na recusa de uma solução unilateral para as mensagens a transmitir uma espécie de traição.

Desta situação nos dá um testemunho o artigo de Hugo Lagos, membro do conhecido grupo chileno Quillapayún, publicada na revista «Anaucária de Chile» e que o 7.7 transcreve, devidamente autorizado.

Clara Viana

Desejo de cantar

COMO membro do Quillapayún desde 1972 tenho, nos últimos tempos, podido constatar, em diversas ocasiões, depois de um concerto ou em conversas com companheiros chilenos, um certo descontentamento que é principalmente provocado por um desconhecimento do sentimento profundo que anima o nosso trabalho. Por esta razão quis dar o meu ponto de vista pessoal que talvez possa ajudar os que se interessam pelo nosso trabalho a compreenderem-nos melhor. Já no ano de 1966, Victor Jara, então director do grupo, definia o Quillapayún com as seguintes palavras:

«Quillapayún nasceu pelo simples desejo de cantar.»

«O canto é essencialmente humano, brota da natureza complexa do homem e cai sobre os demais como a luz do sol ou a chuva, como um grito na sua consciência.»

«Cada canção é um ciclo que possui a sua própria atmosfera e sentido e nós, em cada caso, temos querido respeitá-los.»

O trabalho do nosso grupo estende-se já por um período de 15 anos, dos quais oito no exílio — mais de metade. O desenvolvimento, a evolução, a nova perspectiva sobre o que fazer não só se impõem, como naturalmente ocupam o essencial das nossas actividades. Um grupo como o nosso, que começa a ter certa idade, não poderia sobreviver (artisticamente) sem a exigência de uma constante renovação.

O Quillapayún mudou. O passo desde a vida nessa distante província do mundo que é o nosso Chile, onde a falta de informação a dependência económica e o subdesenvolvimento político-social fazem lei, para esta vida num país desenvolvido e independente, com acesso a uma informação múltipla e documentada, ao debate de ideia, a uma visão global da evolução da nossa época unindo-se, a isto, o contacto contínuo com as realidades de outros povos, fazem deste um passo qualitativo da maior importância. O longo caminho percorrido pelo nosso grupo no diálogo com estudantes, camponeses e trabalhadores chilenos, onde temos a nossa origem profunda e que foi a seiva que fez brotar as nossas canções até 1973, enriquece-se agora com novas experiências.

O Quillapayún já não podia unicamente identificar-se com a resposta panfletária (que na altura teve o seu valor) a uma determinada situação política ou com o símbolo de uma única visão partidária e militante. Na realidade nunca foi só isto. Se bem que existiu o período de extrema politização vivido nos anos de 1970 a 1973, absorvendo intensamente a todos os que defenderam a causa popular, existiu também todo um trabalho anterior realizado pelo Quillapayún e, inclusive, durante os anos da Unidade Popular que não é necessariamente um trabalho panfletário e que, às vezes, se desconhece. Canções e obras realizadas neste período (1966-1973) demonstram a inquietação sempre presente no nosso grupo de ir «mais além» na sua experiência musical.

O Quillapayún também não pode ser a recordação sentimental da pátria esmagada pela brutalidade como frequentemente o quer ver a nossa comunidade no exterior (talvez a interior também) com as inevitáveis confusões e mal-entendidos.

Significará isto voltar as costas ao anteriormente realizado ou renegar o passado? De modo nenhum. A necessidade expressiva mudou (o quadro social também) e não por capricho dos criadores. Esta necessidade expressiva é intrinseca aos diversos períodos por que se passou e ao desenvolvimento natural dos indivíduos, caracterizando-se, neste momento — no que nos diz respeito — por uma exigente busca de valores estéticos universais que permitam abrir novos caminhos no campo da canção popular e contribuir, ao mesmo tempo, para a construção dos alicerces de uma identidade cultural chilena e latino-americana.

Não quer isto dizer que a nossa preocupação pelo universal só tenha nascido no exílio. Desde o começo que houve sempre uma importante consciência do aspecto cénico e da qualidade e rigorosidade artísticas. O Quillapayún caracterizou-se assim por uma sobriedade cénica, pela reabilitação da música andina, sendo um dos seus precursores, pelo acento da expressão, pelo espírito latino-americano que se encontra nos conteúdos das canções e pela integração, nas nossas possibilidades interpretativas, de outros instrumentos já utilizados por cantores e grupos populares tal como o «Cuatro» venezuelano, o «Triple» colombiano, o «Três» cubano, congas, tubadoras, bongó e toda a precursão de origem afro-cubana, dando deste modo um novo alento à música popular de raiz folclórica.

Desde 1969 a este conjunto de características vem unir-se todo um trabalho musical de aproximação à música «culta», através das cantatas, realizado em conjunto com jovens compositores: Luis Advis, Sergio Ortega e o cubano Frank Fernandez.

Canções e obras como: «el pueblo», «Canto a la pampa», «El forastero», «Que la tortilla se vuelva», «Plegaria a un labrador», «Cantata Santa Maria de Iquique», «La batea», «El pueblo unido» (para citar algumas) não foram só a crónica dos acontecimentos sociais vividos no Chile e na América Latina entre 1965 e 1975, como foram também uma evolução no campo estritamente musical. Partindo da simples canção harmonizada a três e quatro acordes e das limitações da «quena», instrumento essencialmente pentafónico (cinco notas), passando por arranjos vocais com notas agregadas e coros contrapostos até chegar à «Cantata Santa Maria», obra de grande alento, que podíamos catalogar de «obra-prima» da criação clássico-popular, onde a grande forma que caracteriza a música culta é servida por instrumentos folclóricos como o charango, a quena, o bombo, que em conjunto com as violas, vozes, violoncelo, contrabaixo, constituem uma sonoridade original, popular e universal.

Criação

Se bem que a maioria destes trabalhos não sejam exclusivamente produto da criação do grupo, revelam a orientação artística que ele segue e que é o lema que guiará os nossos próximos passos.

Nesta dinâmica criativa não é possível voltar atrás; pelo contrário, o desafio põe-se em termos de assumir essa nova situação que o exílio representa.

O afastamento das fontes naturais de inspiração, a ameaça que significa para a cultura chilena o regime ditatorial de Santiago, necessidade expressiva individual e colectiva fazem com que, em 1975, o Quillapayún se proponha a lançar-se em pleno no terreno da criação; até aqui tinha-se considerado sobretudo como um grupo de intérpretes, salvo excepções, como «El canto de la Cuculi», «La paloma», «La cueca triste», «Ausencia», «Tú», «Voy y vuelvo» e algumas outras.

Neste novo rumo nascem, no mesmo ano, canções como «Pido castigo», «Premonición a la muerte de Joaquín Murieta», a «Cueca de la solidaridad», «Susurro», «Sonatina», «Plan leopardo», «Mallembe», «Contraste», «Otoño», que representam um considerável avanço no desenvolvimento do nosso trabalho, utilizando-se nelas uma harmonia mais complexa, efeitos cromáticos (emprego de tons e semitons) e combinações rítmicas de 5/4 e 7/4 antes não usadas.

Desta linha artística que dá prioridade à criação surgem, nos anos seguintes, novas canções que vêm povoar o nosso universo musical: «Mi Patria», «La vida total», «Canción a Victor», «Vals de Colombes», «Patria de multitudes», «Macchu Pucchu», «El paso del ñandú», «Lunita de lejos», «Camina, caminante», «Locomotora», «El árbol», «Ronda del ausente», «Playa del sur», «Discurso de Matta», «Américas» e «Memento», a maioria delas composta pelos membros do Quillapayún, à excepção de «Américas» e «Memento».

Todas estas pequenas obras marcam uma interessante evolução estética do ponto de vista musical e testemunham uma busca literária mais profunda e poética tornando a nossa música mais universal. Este desenvolvimento é, às vezes, desconhecido — voluntária ou involuntariamente — pelos nossos compatriotas dando-se opiniões ligeiras sobre a actualidade do nosso trabalho

Arte universal

Qual o significado que tem para nós o conceito de «universalização»? Teria que se começar por dizer que a música é a mais imaterial de todas as artes, não se vê nem se apalpa e exige certo tempo de atenção, tem a ver com a vibração do espaço, com as vibrações corporais e espirituais, com a memória individual e colectiva. A música é, em si mesma, universal. A realização sensitiva entre o indivíduo e os sons é universal tornando possível a comunicação mais distante. No entanto, existem particularidades que fazem da música a herança de um povo ou de um continente. O nosso grupo parte de uma dessas particularidades locais e, através do desenvolvimento, encontra novos elementos que vão incorporando o processo criativo enriquecendo-se em cores instrumentais, variações rítmicas, versatilidade e humor.

Já dissemos, noutra oportunidade, que o Quillapayún reconhece as diversas influências que cada um dos seus membros traz na sua experiência musical particular, partindo da música folclórica para a música popular, a música «pop» e a chamada música «culta».

A esta experiência somam-se os trabalhos efectuados com os inestimáveis criadores Gustavo Becerra, Juan Orrego Salas e Roberto Matta que, de alguma maneira, contribuíram para nos abrir um novo campo de visão nesta sã curiosidade e expressão artística.

O Quillapayún mudou, mas continua a ser o mesmo, uma árvore com as raízes lá, na América Latina, entre a cordilheira e o mar, e que continua crescendo em cada nova primavera na Europa.

Neste tempo de sombras, saudades e ausências, sentimo-nos mais chilenos do que nunca e profundamente latino-americanos. Contrapondo-se à aberração militar e à falta de dignidade nacional, a nossa procura de uma identidade cultural torna-se mais intransigente, afastando-se conscientemente de conceitos políticos demasiado estreitos no tempo para julgar o valor artístico de uma obra musical, pictórica ou literária.

No que diz respeito às nossas últimas actividades, programas de TV, recitais e últimos discos não só existe nelas uma universalização da linguagem que permite a comunicação com os nossos auditórios estrangeiros, como existe também uma nova mensagem que ultrapassa a fronteira: do estritamente nacional para todos os que querem vê-lo, ouvi-lo e entendê-lo.

O Quillapayún assume esta nova situação com responsabilidade artística e espírito positivo, com vistas largas e fé no futuro. Todos aprendemos algo no exílio e aspiramos a uma pátria livre e soberana, onde cada um ocupa o lugar que lhe pertence.

Hugo Lagos, Paris

NOTA: Os subtítulos são da responsabilidade do Sete Ponto Sete.

Oiçam como eu respiro

Continuação da pág. 2

criam um mundo próprio e trabalham no seu quartinho a obra-prima, para depois saltarem de pára-quedas para cima da cabeça dos espectadores, 'afirma Dario Fo'. Os nossos espectadores dizem-nos o que precisam, os operários que estão em luta nas empresas ocupadas, os estudantes em luta, as mulheres que lutam por jardins de infância para os filhos.»

— Como trabalhas as encenações?

— Brecht testava ou experimentava as peças muito antes de as pôr em cena. Dario Fo utiliza esse processo. Eu faço-o também até para defesa dos actores num primeiro contacto com o público, sobretudo o das estreias, muitas vezes implacável e injusto. Faço cortes quando verifico que as cenas não resultam, modifico uma ou outra coisa. Tento aperfeiçoar o meu trabalho.

Quando dirijo um espectáculo não gosto que haja mistérios, mas que o público saiba o que vai ver, como vai ver e porque vai ver, diz João Lourenço!

«Para mim um espectáculo nunca está acabado. Por vezes há mudanças mesmo depois da estreia. 'Oiçam como eu respiro' não é, do meu ponto de vista, um espectáculo perfeito, como de resto todos os que eu fiz. Faço sempre ensaios para acertos, vigio o trabalho, olho-o atentamente ao longo do percurso para que se não desvirtuem intenções ou a sua forma.»

E a intérprete sobrepassou-o?

«Acho que este é um espectáculo que cumpre. O público foi mais longe do que eu próprio esperei. Claro que isso se deve mais à intérprete do que ao trabalho que eu desenvolvi.»

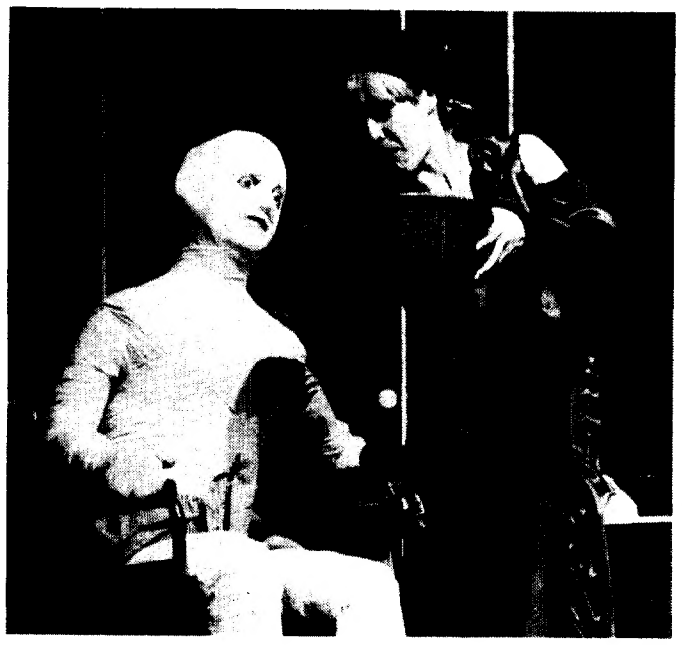
Um teatro com palco e cadeiras e tudo

Dario Fo escreveu esta peça para meios muito pobres ou, se quisermos, reduzidos, para viajá-la, não necessitando dum teatro. «Ora, pondo-a nesta sala, como o fizemos, surgiu-nos o problema: como apresentar uma peça com tais características num teatro institucionalizado, convencional, com palco à italiana, cadeiras, e tudo? Houve portanto que fazer compromissos, como o da apresentação, que faz parte do original italiano, mas que a própria Franca Rame tem a cargo. Aqui reservámo-lo para uma actriz.

Uma forma de «aquecer» o público

Vera: «Entendemos que Dario Fo e Franca têm o seu público e estão inseridos noutro meio. É usual ligar o que está do lado de cá com o que está do lado de lá. É uma forma de 'aquecer' o público. Seleccionámos o texto introdutório que nos pareceu longuíssimo, não lhe retirando o espírito, a linguagem, as imagens. Pode dizer-se apenas que o transpusemos para aqui. De resto nunca sabemos que espectadores teremos, é sempre contingente há pessoas de estratos sociais e culturais completamente diferentes. O próprio espectáculo oscila na existência duma maior ou menor ligação com o público, e a diferença provém das suas reacções, o que é interessante. Prevendo este fenómeno criaram-se zonas em que a actriz está livre para modificar as cenas.»

Para um público que possua referências culturais pode parecer dispensável o comentário didáctico que a apresentação inclui. «Mas temos também outro tipo de espectadores. há trabalhadores e estudantes. Encenar numa fábrica, para operários, ou para uma mescla de pessoas como as que temos, aqui e num palco tradicional são coisas completamente diferentes, o enquadramento terá que ser outro. O excerto de «A Medeia», por exemplo, como o colocaria sem uma explicação? Há que cuidar dum fio condutor, uma linha que o espectador acompanhe. Não se trata de uma atitude paternalista. Nós eliminámos elementos porque Dario Fo trabalha para o seu povo, nós para o nosso. A tradição portuguesa é a comédia ligeira, não temos a Commedia dell'Arte. As fórmulas empregues são as que conhecíamos. Procurando ser cuidadosos sintetizámos a apresentação e incluímos pormenores específicos. Às vezes fomos obrigados a alterar o texto, como na questão do aborto, legalizado na Itália mas não em Portugal.»



Uma enfermeira do cunhado. Terceira cena: Uma mulher só.

História contada a uma menina que pode vir a ser mulher só

Este é um espectáculo composto por quatro cenas: na primeira, **O Despertar,** uma operária acorda em sobressalto, sacudida pelo ritmo acelarado do trabalho na fábrica que também no sono a oprime, numa sequência que se quer perfeita de acordo com a lei de que o tempo é dinheiro. Diversos incidentes se sucedem e ela acaba por denunciar a dupla exploração a que está sujeita como mulher, na fábrica e em casa. Sonhar com uma vida e um mundo só de domingos surge no final como imagem de uma sociedade mais humana, onde seria bom viver. A segunda cena intitulada **A Mesma Velha História** uma mulher fala da opressão sexual a que é sujeita: a falta de sensibilidade do homem, os problemas da contracepção, o aborto como meio para evitar a gravidez, o medo (e o preço) do aborto clandestino, a decisão de assumir sozinha a responsabilidade da criança, a gravidez em si, o parto, a cadeia das tarefas exigidas pelos cuidados a ter com uma criança pequena, **uma menina,** que se deseja cresça para se **lhe poder contar uma história exemplar.**

Uma Mulher Só é o diálogo de uma dona de casa pequeno-burguesa (fechada em casa pelo marido, na sequência de uma relação com outro homem) com a vizinha do prédio em frente. Ela é usada como objecto sexual por um marido autoritário, um cunhado a quem serve de enfermeira, um «voyeur» que a observa de binóculo, um desconhecido que a perturba com telefonemas e o amante que a procura com insistência. Uma mulher que neste caos acaba por se libertar.

Uma mulher que disparou três tiros

«Quando estávamos em ensaios lemos uma notícia que se referia a uma mulher que tinha morto com 3 tiros o marido, enquanto este dormia. O acontecimento impressionou-nos por estar muito ligado a esta cena. A mulher burguesa que um dia se liberta é muito mais desperta do que as restantes e pode mesmo matar.

O sector intelectual afastou-se desta cena, **propositadamente carregada de lugares-comuns,** pertencentes a certo tipo de mentalidade, e **processos cénicos já vistos**. No entanto a crítica estrangeira considerou-a a melhor.

Quem escolhe e o quê

«Uma das coisas que nos satisfazem, acrescenta Vera, é que o **público gosta de todo** do espectáculo **mas escolhe a cena que lhe respeita mais directamente.** Há uma identificação, as pessoas reconhecem-se ali, há empatia. O operariado, por exemplo, identifica-se mais com a primeira e a terceira cenas».

Eurípedes porquê?

Esta é uma **Medeia popular, baseada na tragédia de Eurípedes, que questiona a pressão social e ideológica que condiciona a mulher a assumir o seu papel de mãe e a abdicar de outras possibilidades da sua realização como pessoa.** Vera compõe: «No diálogo com as mulheres de Corinto ela descobre como a ideia da maternidade exerce sobre a mulher uma repressão perfeita porque subtil e aceite como natural. Para esta Medeia a decisão de matar os filhos não resulta, como na tragédia de Eurípedes, do ciúme e da raiva, por se ver abandonada, mas de uma nova tomada de consciência da sua condição de mulher.»

João fica de acordo. Interrogo-o sobre a escolha destes textos. Prosélito da emancipação feminina?

«No Baal, a minha penúltima encenação, o homossexualismo foi tratado de forma que considero respeitável e bonita. Suponho que aqui, falando dos problemas da mulher, pude encontrar um traço certo. Enquanto encenador não faço distinção de sexos. Estou de acordo com o conteúdo da peça, é suficiente. E digo isto porque reconheço que, como homem, defendo neste espectáculo coisas que talvez não pratique. Para mais o que aqui se debate está já tão generalizado que não compreendo como pode alguém não estar de acordo.»

Um espectáculo para alterar procedimentos?

«Agrada-me a grande massa de jovens que acorre a ver **'Oiçam como eu respiro'.** Talvez que este problemas lhes sejam dirigidas, estão a receber ideias. Aqui o espectáculo é formativo. Talvez actue mais sobre os novos do que sobre os 'irrecuperáveis', ou seja, pessoas que estão de acordo mas não mudarão nunca.»

Mais de cinco mil pessoas riram já no Teatro Aberto.

Outra grande alegria é o termos contruído um espectáculo em que há fluidos de prazer do público para a cena e vice-versa.

Irene Cruz: certo sentir profissional

Que problemas podem pôr-se a uma actriz sozinha em cena?

«Oicam como eu respiro» resume-se a **uma só mulher**, em diversas situações sociais e cujos conflitos são também diferentes. Debatemos muitas vezes a questão dos espectáculos com uma actriz sozinha em cena, ou seja, a saturação dum público. Mas há também a Carmem Santos e o Melim Teixeira, em papéis secundários, e podemos considerar que estou sempre num diálogo, nunca num solilóquio. O João Lourenço optou por não utilizar artifícios. As mudanças são geradas pela interpretação e não pelos adereços. Perder-se-ia a **mulher** na sua unidade.»

A praça, o aborto, o comboio e a actriz

Isto torna o trabalho mais difícil e exaustivo «mas também mais compensador. Eu nunca optei pela facilidade. Estes são quatro papéis diferentes mas em todos eles está um pouco de mim, porque a vivência ajuda e, mesmo que assim não fosse, eu observo o que se passa em redor, falo com muitas mulheres e de todas os estratos sociais, enfrento-as, registo o que ouço, no comboio, na praça, no cabeleireiro, no teatro. Há que passar pela maternidade, pelos abortos, por problemas económicos. Isto permite-me apurar o meu trabalho, ficar por dentro do que as mulheres sentem e sofrem. Recolho elementos que depois utilizo ou não, revivo acontecimentos e depois transponho-os, **para isso sou actriz.**»

Se algum homem se sentir lesado...

Uma actriz feminsta?

Não sou feminista no sentido em que esta palavra se emprega vulgarmente. O homem e a mulher deveriam completar-se. E Vera acresce: «este não é um espectáculo dito 'racista sexual': **é um espectáculo que explica as mulheres. Se algum homem se sentir lesado é porque já lesou alguma mulher».** De novo Irene: «Sou contra o domínio de qualquer das partes. Esta peça é uma chamada de atenção para o facto de serem os valores masculinos os dominantes na sociedade. Esses valores subjugam-nos, a ideologia prevalecente é a do macho. Discriminam-nos. O ideal seria não haver valores classificados de femininos nem masculinos, mas pessoais, ou humanos, ao mesmo plano, o que permitiria um maior equilíbrio».

Nota: Durante um ano João Lourenço trabalhou no colectivo de encenação de «A Mãe Coragem», de Brecht, no Berliner Ensemble, sob a direcção de Manfred Weckwerth. Na qualidade de encenador português participou no Festival de Shakespeare, em Weimar. Realizou colóquios na Casa Museu Brecht, no Berliner Ensemble e no Volksbühne, (teatro de Piscator). Escreveu nas revistas **Theater der Zeit, Notate** e jornais da RDA.

Maria Emília Correia

Os Stones em Madrid

Continuação da pág. 1

santo das festas de Pamplona que Hemingway descreveu como só ele sabe. O êxtase, o prazer que nos toma e alimenta durante duas horas. Keith, dois carvões negros no lugar dos olhos aponta-nos a guitarra como se fosse uma metralhadora. Permanece, igual ao que era: o arquétipo do **rock and roll** de Little Richard, fiel à imagem de Chuck Berrie. Já não usa os blusões de pele de lagarto, nem veludo negro, nem flores ao peito. Surge simples num jeans deslavado e camisola branca com uma caveira desenhada a negro. É ainda a virilidade arrogante. E Mick? Divino actor que exorta e inflama as pessoas levando-as ao mimetismo dos seus gestos. Gente que se despe e dança com ele, na pretensão de se tornarem seus émulos. Que raio de mito sagrado encarna esse homem de estatura média, cintura estreita, corpo de bailarino? Habitam-no talvez os espirítos de Nureyev, de Margot Fontein, de Isadora Ducana, de Nijinsky, afirma a escritora Lola Gavaran no «Diario 16», texto lindíssimo dedicado ao líder dos Rolling Stones.

Ele, no entanto, garantiu, numa entrevista concedida em Paris:

Aulas de dança? Nem pensar! Nem sequer sei dançar a valsa. Em cena mexo-me como sinto...» Intuitivamente concilia a graça de um bailarino clássico com a vulgaridade da dançarina do ventre, prostituta de cabaret das grandes cidades. No meio dos descomunais cenários, montados para os espectáculos dos Stones, ele é o centro. Há Mick, há Keith... os outros são apenas peças indispensáveis para fazer girar a enorme máquina. Ouvem-se mas não se notam. O êxtase desvanece-se com o último gesto de Mick, à maneira doce dos arlequins e o último acorde de guitarra de Keith.

E depois? É o regresso à ordem e ao quotidiano. Ao liceu, à universidade, ao escritório, à fábrica. Os Stones foram o luxo permitido um único instante. Fugazes se revelaram os momentos em que sangue e nervos se aceleram, o corpo estremece e os pelos se eriçam.

Acontece exactamente isto nas lutas de rua, no apogeu revolucionário, com o povo a respirar em uníssono. Morreu o sonho. Lá fora a polícia diligencia para que tudo se processe dentro das regras estabelecidas. Nada de loucura, meninos? Toca a marchar. Deixem-se de veleidades. Já tiveram a emoção da noite. Tudo sob controlo, murmuraria talvez um dos homens sem rosto que vestia farda castanha, olhos ocultos por óculos escuros, ao comando das forças policiais, certamente sentado num gabinete.

Enche-se a Plaza Mayor de gente sedenta. Gargantas secas molham-se de sangria. Conhecidos recentes discutem, com unanimidade, o concerto dos Stones. José António, dezanove anos, veio propositadamente das Canárias. **«Adoro a violência do seu cenário, não os perdia por nada».** Mais calmo nos parece Lorenzo, guitarrista do grupo «Tomato» (de Múrcia) que confessa muito naturalmente: **«Seguimos os Stones. Prefiro, de longe, o rock dos anos sessenta. Agora em oitenta, sai muita música mas sem o sentimento dos Rolling...»**

Outro dia, no hotel Palace, três horas da tarde. As «estrelas» dormiam ainda, segundo um membro da organização. De repente, pisa suavemente a alcatifa, muito próximo dos jornalistas, Charlie Watts, o baterista que continua a afirmar, **«a minha paixão é o jazz»** e prossegue sendo um Rolling Stone. Esse excelente rítmico deambulou quase uma hora pelo Paseo del Prado, sujeitando-se à temperatura elevadíssima, ao bafo quente que se desprendia de Madrid. Adquiriu pequenas lembranças: uma pulseira de diamantes, uma capa para a chuva e um cinto de coiro. Embrulhos debaixo do braço, como o mais comum dos mortais regressa ao hotel.

Vi-o a um metro de distância. Casaco às riscas, tipo acentuadamente britânico, tão britânico que às cinco da tarde, tomou chá com leite, no salão do Palace, estilo nítido da arquitectura fim século. Que terá ele de especial? No grupo todos o amam. Keith disse, com convicção, que sem ele **«não poria os pés em cena».** Muitas das vibrações que o grupo deita fora, em derrame sobre o público, passam pela bateria desse quarentão silencioso que raramente sorri. Enigmático, terrivelmente inglês. Detesta dar nas vistas, prefere a sombra do seu canto, debruçado sobre a bateria ao fundo do palco. O oposto de Mick, exibicionista ao máximo sempre debaixo dos projectores. **«A minha vida tem sido um escândalo pegado».** confessa, com gozo Mick.

No hall do Palace abordo Alvínia Bridges, um metro e oitenta de mulher preta, americana, cabelos às transinhas cujas pontas rematam em pérolas, que desempenha as funções de adido de imprensa dos «Rolling Stones Record». Ouve-me atenciosamente embora desde o princípio diga que a entrevista não era possível. Que remédio senão conformar-me. **«Os Stones levantaram-me o ânimo»,** confia-me Manuel Romero do «Diario 16» que no dia anterior ao concerto, precisamente ali, no mesmo sítio no hall do Palace me respondera, do seu pedestal de jornalista intelectualizante: **«Não vou ao espectáculo. Não gosto de rock...».** Mas foi.

E quem não foi? A maior banda de rock do mundo como lhe chamam os americanos, teve honra de reportagens assinadas por Truman Capote e Norman Mailer. Teve direito a filme, da autoria de Jean Luc Godart. Quem senão ele faria deslocar, em 1973, correspondentes de guerra como Lucien Bodart, o homem da Indochina, «Malraux do jornalismo», que entrevistou Mao e Ho Shi Min?

«Não sei como viver com a solidão que me cerca e este vazio às costas. Acordo todas as manhãs e sei que não há nada que eu não possa comprar, só tenho que pegar no telefone e pedir um massagista, um bom sortido de doces ou um avião para Honolulu. Só basta dizer a uma mulher, vem, para que ela se coloque na posição horizontal. Pergunto a mim mesmo se tudo isto vale a pena...» Palavras de Mick Jagger, num dia de depressão. Estava sem maquilhagem.

«Alrigth, alrigth... amazing fucking Rolling Stones», na cena volta a ser o símbolo sexual por excelência. O espectáculo.

Lourdes Féria

Notícias da BD

«Corto Maltese na Sibéria»

À boca das férias, um prémio para todos os entusiastas de Corto Maltese: a edição, em dois volumes, da odisseia do herói de Hugo Pratt na Sibéria.

«As Lanternas Vermelhas» e «Ungern da Mongólia» são os nomes da narrativa que coloca Corto na peugada do tesouro imperial russo, no dealbar de uma nova época (pelo menos, assim se pensava na altura.)

Revolução bolchevique, exército branco, barão von Ungern Sternberg, sociedades secretas chinesas, almirante branco Kolchac. E, no meio deste ruidoso entrechocar de interesses, Raspoutine e Corto Maltese.

A destruição de uma ponte na fronteira da Mongólia, põe termo a esta corrida vertiginosa. Os testemunhos recolhidos afirmam que Corto se salvou. Para continuar as suas aventuras? (Corto Maltese na Sibéria», de Hugo Pratt, dois vol. Edições 70).

«Os demónios do tempo imóvel»

Perseguir um sonho, uma quimera, ou uma realidade, é crime?

Assim o consideraram os membros da Guilda, reinante sobre uma gigantesca federação planetária.

E assim ficou traçado o destino de Axle Munshine, o «Grande Conciliador» que invocou forças que não poderia controlar.

A ideia é de Godard, que Ribera transformou em banda desenhada. A Bertrand pegou na série, e deixou-a cair. Retomaria o esforço a Meribérica, que já lançou dois títulos, a juntar aos três anteriores, fundamentais para compreender o contexto da série.

Quando terminará a odisseia, depois da busca do tempo imóvel?

(«Os demónios do tempo imóvel» de Ribera — desenho, e Godard — texto, edição da Meribérica).

«Bandes Dessinées Chinoises»

Chegou-nos às mãos um catálogo que não resistimos a referenciar: trata-se da publicação editada pelo Centro Georges Pompidou, de Paris, a assinalar a apresentação de uma exposição de bandas desenhadas chinesas na capital francesa.

Edição muito cuidada, como todas as daquele centro: um panorama da BD chinesa chega até nós, com as desejadas actualizações.

Documento precioso que inclui uma narrativa completa de He Yuzhi, devidamente enquadrada por textos de Paul Blanquart (A escrita e a imagem), Patrick Destenay (Das origens aos nossos dias, a BD chinesa) e Marie-Chantal Piques (Três obras, três estilos), entre outros.

No conjunto, um catálogo fabuloso. Como o obter? Directamente no Centro, em Paris, ou através da livraria Leitura, do Posrto («Bandes Dessinés Chinoises», catálogo editado pelo Centro Georges Pompidou).

«H.P. e Giuseppe Bergman»: a

Milo Manara, um manifesto da aventura

EM 1968, estava nas barricadas de Veneza. Em 1980, decidiu correr mundo, em demanda de si mesmo. Pode-se dizê-lo: a aventura é o tema maior das suas bandas desenhadas.

Assim se completa um breve retrato de Milo Manara, o italiano que um dia descobriu Hugo Pratt e o passou para os seus quadradinhos.

Nasceu em 12 de Setembro de 1945 em Bolzano, pequena cidade italiana da fronteira austríaca.

Aos 12 anos, já a aventura ilustrando páginas da Ilíada e da Odisseia:

«Senti-me interessado pela banda desenhada a partir do momento em que comecei a fazê-la. Antes, queria ser pintor. Mas, no final dos meus estudos secundários, tive que ganhar a vida e não eram as minhas pinturas que davam para isso».

Assim, viria a descobrir naturalmente Barbarella e Jodelle: corria o ano de 1967.

No ano seguinte, está metido até aos cabelos nos incidentes com a polícia, por ocasião da Bienal de Veneza.

Passou pelo «Corriere di Raggazzi». E, na mesma época, cria a primeira BD importante: «O rei dos macacos».

«A partir desta BD, desenhei sempre histórias que exprimiam a minha busca de uma nova via, de um outro modo de aprender a vida».

O seu «manifesto da aventura», como gosta de lhe chamar, é «H.P. e Giuseppe Bergman», uma certa forma de absoluto e filho da sua descoberta do Hugo Pratt. Recorda assim esse tempo:

«Descobri Hugo Pratt em 1968, quando ele regressava da Argentina. A sua paixão pela aventura fascinou-me de imediato, mas não aprendi imediatamente a importância do seu percurso. Só depois do meu período militante, analisei verdadeiramente o significado das suas histórias».

Segundo afirma, Pratt é o único autor a conjugar a aventura com a revolta política: «A aventura não deve ser fascista».

Assim, «H.P. e Giuseppe Bergman» simboliza a aventura em si mesma, liberta dos condicionalismos do quotidiano. Bergman corre atrás de si mesmo e do absoluto e espera de H.P. a resposta para as suas dúvidas. Acaba por bater sempre de frente nos índios, guerrilheiros, drogados e polícias, numa palavra, na realidade.

«Nas minhas bandas, afirma, quero mostrar que a aventura é um dado fundamental do nosso tempo e que permanece como expressão mais revolucionária contra a alienação, a estandardização e a uniformização dos indivíduos».

Por esse motivo, iremos ver um Manara «cão vagabundo», de casa às costas?

Ao certo, isto: todos os anos viaja durante três ou quatro meses, com a família.

«Para aprender o que se passa no nosso planeta, recuso-me a fazer como certos intelectuais italianos que criticam tudo sem sair do seu canto. É necessário sair do seu ramerrão quotidiano, levantar a cabeça e ver, e viver a aventura. Não quero mais fazer uma distinção dicotómica entre a política (a evasão) e a sexualidade (a imaginação). Não ... vemos em compartimentos estanques, tudo tem a ver com tudo».

Carlos Pessoa

Quatrocentas Primaveras do "Tour d'Argent"

O primeiro café na Europa foi lá servido. Exércitos de celebridades desde reis de França e da Rússia a astronautas americanos jantaram lá. O garfo foi aí usado pela primeira vez em França.

O restaurante «Tour D'Argent» sobreviveu a uma revolução, três guerras e a distúrbios estudantis dentro das suas portas para celebrar este Outono o seu 400.º aniversário.

Claude Terrail, proprietário do restaurante de luxo que se pensa ser o mais antigo de França, comemorará o aniversário com o maior «bouffe» do século — uma orgia gastronómica de cinco noites e a um custo total de 4.250 contos.

Cada jantar de gala será presidido por uma personalidade parisiense que convidará 100 outras personalidades a comer a expensas de Terrail.

Na primeira noite os convidados serão os artesãos, na segunda noite os chefes de cozinha, na terceira as personalidades teatrais, e assim por diante.

Os convidados reunir-se-ão na Praça da Concórdia na margem direita do Sena e seguirão em barcos rio abaixo, até ao «Tour D'Argent», na margem esquerda.

Os jantares servidos nas comemorações serão versões simplificadas de jantares famosos ao longo dos séculos. O quinto será uma criação do actual e jovem chefe do restaurante. Em cada banquete actores e ministros aparecerão com vestuário e cabeleiras alusivas, ao som de música da época do menú.

«Simplificamos os menús porque já não se servem cisnes ou pavões como naqueles tempos» — disse Terrail sentado na sua mesa pessoal no restaurante Penthouse, com a sua espectacular vista sobre a Catedral de Nossa Senhora de Paris e o Sena.

O jantar número um, a 30 de Setembro, reproduzirá a refeição consumida pelo rei Henrique III a 4 de Março de 1582, quando parou a caminho do seu palácio no Louvre na então recentemente aberta «Hospedaria de La Tour».

O seu nome advém do facto de o restaurante estar situado naquilo que era nessa altura campo que rodeava um castelo com uma torre de mica que brilhava como prata à luz do sol.

O rei ficou espantado com o facto de ver viajantes italianos a comerem com a ajuda de um pequeno instrumento ponteagudo em vez de o fazerem com os dedos.

Tratava-se de uma invenção de Veneza. O rei gostou da ideia de espetar bocados de cisne assado com um garfo, fazendo com que o dono do «Tour D'Argent» o introduzisse no seu estabelecimento, chegando assim o garfo a França.

Eis a versão de 1982 do banquete do rei: ovos de codorniz cozidos em gelatina de ervas e sherry, enguia apimentada e marinada em vinho Beaujolais, pasta de fígado de pato quente e trufas em pasta, galo assado, pés de porco em costoleta, enchidos, queijo brie e morangos.

O bouffe de 7 de Outubro comemorará Filipe de Orleans, filho do rei Luis XV, que inventou o costume do jantar depois da ida ao teatro, fazendo-o rodeado de três beldades, na Torre Claro, em 1720.

O menú será: creme de galinha e sopa de almôndegas, linguado com trufa numa panqueca cozinhada em champanhe, costela de carneiro com vegetais, pêssegos em calda e um molho com licor de ovos «Saboyard».

O jantar número três, a 14 de Outrubro, repetirá o ocorrido a 7 de Junho de 1867 entre três imperadores, quando Guilherme I da Prússia o seu ministro Otto Von Bismark, o czar Alexandre II e a czarina jantaram num restaurante rival, «Le Café Anglais», naquilo que é agora o «Boulevard des Italiens», na margem direita.

Terrail inclui este jantar famoso na época nas suas comemorações porque «Le Café Anglais» foi administrado pelo seu avô. O seu pai tomou conta da torre em 1900 e Claude Terrail tornou-se o proprietário e chefe de cozinha em 1947.

A versão de 1982 do jantar dos três imperadores baseia-se na lista dos 16 pratos servidos da primeira vez: consomé misturado com puré de ervilhas, linguado em vinho branco e ervas, lombo de carneiro, puré de feijão branco, fígados frios de pato guisado com molho de cherry, peras esmagadas em vinho do porto.

O quarto jantar, a 21 de Outubro, honrará um dos chefes da torre, Frederico, que em 1890 iniciou o costume de numerar os patos servidos no restaurante.

Da carta constará pato cozinhado no seu próprio sangue, sopa consomé de gamba à Frederico, linguado em molho de camarão, salada de batata e cogumelo selvagem, peras caramelizadas mergulhadas em molho de baunilha.

Terrail, que não é o mais modesto dos homens, convidou a televisão para a cobertura dos seus banquetes.

Aline Mosby